UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
NÍVEL MESTRADO EM ENSINO

KATIUSCIA WAGNER

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DE ENSINO EM ESCOLAS DE SURDOS DE CASCAVEL, FOZ DO IGUAÇU E TOLEDO NO 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

FOZ DO IGUAÇU
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
NÍVEL MESTRADO EM ENSINO

KATIUSCIA WAGNER

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DE ENSINO EM ESCOLAS DE SURDOS DE CASCAVEL, FOZ DO IGUAÇU E TOLEDO NO 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino da Unioeste, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Clodis Boscarioli.

FOZ DO IGUAÇU
2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Wagner, Katiuscia
Um olhar sobre as Práticas de Ensino em Escolas de Surdos de Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo no 4° e 5° Anos do Ensino Fundamental / Katiuscia Wagner; orientador(a), Clodis Boscarioli, 2018.
103 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ensino, 2018.

1. Educação Bilingue. 2. Escolas de Surdos. 3. Práticas Pedagógicas. 4. Adaptação de Materiais. I. Boscarioli, Clodis . II. Título.

PARECER DA BANCA

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Foz do Iguaçu - CNPJ 78.680.337/0004-27
Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Fone: (45) 3576-8100 - Fax: (45) 3575-2733
Pólo Universitário - CEP 85870-650 - Foz do Iguaçu - Paraná

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

KATIUSCIA WAGNER

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DE ENSINO EM ESCOLAS DE SURDOS DE CASCAVEL, FOZ DO IGUAÇU E TOLEDO NO 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Ensino, área de concentração Ciências, Linguagens, Tecnologias e Cultura, linha de pesquisa Ensino em Linguagens e Tecnologias, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Clodis Boscarioli
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Reginaldo Aparecido Zara
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Cristiane Correia Taveira
Instituto Nacional de Surdos (INS)

Foz do Iguaçu, 17 de agosto de 2018

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, irmã, marido, amigos e intérprete de Libras, pela compreensão e pelo estímulo, e a todas as pessoas que participaram da elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, e aos meus pais pela paciência, carinho e atenção.

À minha irmã pela ajuda.

Ao meu marido pelo incentivo.

Aos meus colegas do Mestrado pelo companheirismo e aos professores do curso de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino pela oportunidade proporcionada, de poder ampliar meus conhecimentos.

À Rosiene Queres de Aguiar Soares, por ter conferido a tradução da Libras para o português das entrevistas filmadas dos professores surdos.

Ao orientador Prof. Dr. Clodis Boscarioli pela ajuda, dedicação e compreensão na elaboração deste trabalho.

A todas as pessoas que me ajudaram durante o curso, em especial aos profissionais da APADA e intérprete de Libras.

E, obrigada à Unioeste pelo apoio pedagógico fornecido.

Deus lhes pague!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAS	Associação Cascavelense de Amigos surdos
APADA	Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos
APASFI	Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Foz de Iguaçu
CAS	Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez
CETSOP	Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
ILS	Intérprete de Língua de Sinais
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
PEE	Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais
PSS	Processo Seletivo Simplificado
PS	Professor Surdo
PO	Professor Ouvinte
PROLIBRAS	Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa
SEED	Secretaria de Estado da Educação
SW	*SignWriting*
TILS	Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNIPAR	Universidade Paranaense
UNIVALÍ	Universidade do Vale do Itajaí
UFPR	Universidade Federal do Paraná

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de características para descrever uma bicicleta.....48
Figura 2 - Representação visual do signo linguístico BICICLETA em Português e Libras 49
Figura 3 - Exemplo de material didático usado pelo PO2 na APASFI 74
Figura 4 - Figura utilizada pela PO3 para incentivar a redação 75
Figura 5 - Propostas sobre sistema solar utilizada pelo PS1 76
Figura 6 - Representação visual sobre Previsão tempo utilizada pelo PS1.....78
Figura 7 - Formas visuais para estimular vocabulário e compreensão de significados.....81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Questões referentes à prática docente.....54
Quadro 2 – Formação e experiências dos sujeitos da pesquisa no ensino de surdos 56
Quadro 3 – Experiência e atuação dos professores ouvintes em escolas para surdos.....58
Quadro 4 – Adaptações didático-metodológicas por professores ouvintes.....59
Quadro 5 – Experiência didático-pedagógica dos professores ouvintes 60
Quadro 6 – Experiência marcante de professores ouvintes no ensino de surdos 60
Quadro 7 – Considerações dos professores ouvintes acerca das dificuldades de aprendizagem dos alunos surdos.....61
Quadro 8 – Organização do planejamento-didático por professores ouvintes 62
Quadro 9 – Avanços e limites quanto aos recursos didático-metodológicos por professores ouvintes.....62
Quadro 10 – Atuação do professor surdo em escolas bilíngues para surdos.....63
Quadro 11 – Adaptações didático metodológicas pelos professores surdos 64
Quadro 12 – Experiência dos professores surdos quanto à metodologia 65
Quadro 13 – Experiência marcante de professores surdos no ensino de surdos 66
Quadro 14 – Considerações dos professores surdos acerca das dificuldades de aprendizagem dos alunos surdos.....67
Quadro 15 – Organização do planejamento didático-metodológico por professores surdos ...68
Quadro 16 – Avanços e limites dos recursos didádico-metodológicos ao ensino de surdos....69

RESUMO

Esta pesquisa voltada à educação de surdos na proposta bilíngue objetivou investigar se os professores que atuam nas escolas bilíngues para surdos estão conseguindo realizar adaptações didático-metodológicas aos surdos no Ensino Fundamental I nas Escolas de Surdos das cidades de Cascavel, Toledo e Foz de Iguaçu, e sobre as práticas e estratégias metodológicas adotadas no planejamento de suas aulas. Foram entrevistados, no ano de 2017, professores de alunos surdos das escolas ACAS, APASFI e APADA, bem como observadas aulas nas duas primeiras escolas, verificando a compreensão sobre a educação de surdos e as adaptações didático-metodológicas por eles realizadas na proposta educacional bilíngue, a fim de atender às especificidades educacionais destes alunos. Como produto desse estudo, há uma reflexão acerca das práticas educacionais para surdos, evidenciando fatores que influenciam na sua aprendizagem, as adaptações necessárias para esse ensino, e que novas metodologias podem ser mais efetivas para o ensino de crianças surdas.

Palavras-Chave: Educação Bilíngue, Práticas pedagógicas, Escola de Surdos, Adaptação de Materiais.

ABSTRACT

This research, which focus on the bilingual deaf education, aims on investigating if the teachers that work on these bilingual schools for deaf are being able to perform methodologic-didactic adaptations to teach Portuguese as a second language for the Elementary School deaf in the Deaf Schools in the cities of Cascavel, Toledo and Foz do Iguaçu – Paraná – Brazil and the methodologic strategies and practice on their class planning. The motivation for this paper came from my personal experience as a deaf in my school life. In 2017 teachers and deaf students from the schools ACAS, APASFI and APADA have been interviewed, and also, on the first two schools, Portuguese classes have been watched, certifying the understanding of the deaf education and the methodologic-didactic adaptations accomplished by them in the bilingual education proposal to attend the educational singularities from these students. As a suggestion from the result of this research, an afterthought about the educational practices for deaf, highlighting the points that influence on the deaf learning process and the adaptations necessary for this teaching. We hope the teachers understand that the new methodologies can be more effective on their classes for deaf children.

Keywords: Bilingual education, Pedagogical practices, Deaf school, Material Adaptation.

RESUMEN

Esta pesquisa, se vuelve enfocada a la educación de sordos, en la propuesta bilingüe para sordos están consiguiendo realizar adaptaciones didáctico metodológicas, para enseñar el portugués como segunda lengua a los sordos en la enseñanza fundamental I, en las Escuelas de Sordos de las ciudades de Cascavel, Toledo y Foz de Iguazú, y sobre prácticas y estrategias metodológicas en el plan de sus clases. La motivación para ese trabajo, vino de las experiencias que como sorda tuve en mi vida escolar. Fueron entrevistados, en el año de 2017, profesores de alumnos sordos de las escuelas ACAS, APASFI e APADA, así como observadas clases de portugués en las dos primeras escuelas, verificando la comprensión sobre la educación de sordos y las adaptaciones didáctico metodológicas para atender las especificaciones educacionales de eses alumnos. Se sugiere como producto de ese estudio una reflexión de las prácticas educacionales para sordos, evidenciando los factores que influencian en el aprendizaje por parte del sordo y las adaptaciones necesarias para ese enseño. Se espera que los profesores comprendan que nuevas metodologías pueden ser más efectivas en sus clases para la enseñanza de niños sordos.

Palabras llave: Educación bilingüe, Prácticas pedagógicas, Escuela de sordos, Adaptación de Materiales.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 14
2. CRIANÇA SURDA: AQUISIÇÃO DA LÍNGUA E LETRAMENTO 23
3. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ALUNOS SURDOS 30
4. ADAPTAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS PARA SURDOS 45
5. PERCURSO METODOLÓGICO 52
5.1 Sujeitos Participantes 53
5.2 Instrumentos e Coleta de Dados 53
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES 56
6.2 Relato das aulas observadas 73
6.2.1 Escola APASFI 73
6.2.2 Escola ACAS 74
6.2.3 Outro exemplo de aula adaptada ministrada na ACAS 80
6.3 Outras considerações 82
7. CONCLUSÕES 85
REFERÊNCIAS 90
APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA 96
APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE 97
ANEXO I – APROVAÇÃO DA PESQUISA NO CÔMITE DE ÉTICA 98
ANEXO II - PROVA APLICADA NA DISCIPLINA DE LIBRAS 100

1. INTRODUÇÃO

O mundo dos surdos é um mundo sem som. No Brasil, eles conquistaram uma língua, legalmente oficializada há pouco tempo, tendo muito ainda que ser explorada, uma vez que estes sujeitos possuem especificidades culturais, identitárias e linguísticas, paradoxalmente distintas do universo dos ouvintes. A principal diferença está no campo da linguagem, que, no caso dos indivíduos surdos, acontece pela representação visual e sinestésica do mundo. Esta diferença se desdobra em uma série de características específicas, as quais demandam adaptações didático-metodológicas para atender a estes indivíduos ditos "visuais".

Assumir o surdo como um sujeito visual implica em voltar o olhar à forma com a qual este vê o mundo, aprende e representa suas ideias e as coisas. Na esfera da educação, este fator é preponderante para o seu sucesso ou para o fracasso escolar (FERNANDES, 2006).

No processo de alfabetização, o professor precisa ter a sensibilidade de perceber, dentre seus métodos, qual melhor se adéqua ao perfil de cada educando. Ao falarmos de um aluno com surdez, a primeira barreira na construção de seus relacionamentos com os ouvintes é a comunicação (QUADROS, 2000). O aluno surdo tem sua identidade cultural e o meio de convívio social baseados na Língua Brasileira de Sinais (Libras), língua esta que se dá por meio do canal gestual-visual-espacial e não oral-auditivo como para os ouvintes. Segundo Strobel (2007),

> a sociedade não conhece nada sobre povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratam-nos de forma paternal, como "coitadinhos", "que pena", ou lida como se tivessem "uma doença contagiosa" [...] (STROBEL, 2007, p. 21).

Essa autora ainda expõe em seu livro Estudos Surdos II, relatos sobre experiências de educação de pessoas surdas e seus percalços. Considerando as especificidades pela diferença da forma de comunicação, há que se pensar em metodologias alternativas ou adaptadas, para que efetivamente haja inclusão e um processo de ensino e aprendizado efetivo.

De forma a mostrar as dificuldades de um surdo, em seu processo educacional, optou-se, iniciar este trabalho a partir da experiência da autora, como aluna e como surda, o que, aliás, motivou a proposição desta pesquisa, objetivando contribuir para que o ensino e aprendizagem do surdo se torne, efetivamente, um ensino com mais qualidade.

Nasci ouvinte em 1980, e aos sete meses, tive uma febre alta e fiquei surda. No entanto, minha família apenas começou a perceber isso bem depois. A primeira observação foi em uma festa de ano novo, na casa da minha avó, quando eu e meu primo estávamos

dormindo e, ao som elevado dos fogos de artifício, ele acordou chorando e eu continuei dormindo. Embora minha família tenha estranhado isso, foi apenas quando eu tinha um ano de idade que minha mãe começou a realmente desconfiar da minha surdez, porque ao me chamar eu não virava e nem respondia. Foi então que se recordou do episódio da casa da minha avó e começou a associar os fatos.

Fui levada ao médico, na cidade de Toledo, no oeste do Paraná, que disse que eu era normal, que ainda era pequena e que minha formação não estava completa, e que minha mãe não tinha com o que se preocupar. Minha mãe, entretanto, continuou inquieta e observando, pois, eu não me importava com nenhum tipo de ruído e continuava não respondendo ao ser chamada.

Quando eu tinha dois anos de idade, minha mãe resolveu marcar uma consulta com um médico especialista na cidade de Curitiba. Foi então que o médico solicitou o exame de audiometria, que apontou como resultado a surdez. Apreensiva, principalmente com a comunicação, minha mãe foi orientada a me levar para fazer fonoaudiologia e, para frequentar a Escola de Educação Especial Epheta, uma escola de ensino para surdos em Curitiba, que usava como base a Oralização[1].

Retornando a Toledo, minha mãe percebeu que lá não havia escolas com metodologias voltadas para surdos e, por isso, mudamos para Curitiba no ano seguinte, quando eu tinha três anos de idade. Passei a estudar no período matutino na Escola de Educação Especial Epheta, uma instituição pública, filantrópica, e em uma Escola particular de Ensino Regular no período vespertino, a Escola Tia Paula de Ensino Pré-Escolar e 1º Grau. Nesta escola, a metodologia era voltada a alunos ouvintes e a professora me desconsiderava como aluna. Eu ficava isolada e não compreendia os conteúdos, uma vez que a professora falava, por vezes, muito rápido, noutras vezes de costas, tornando inviável a leitura labial. Foi um período de grande sofrimento e incompreensão do que estava ocorrendo na escola. Na Escola Especial, a metodologia era voltada, não ao conhecimento dos conteúdos, mas à prática do falar, ao exercício da audição, sendo proibido o uso de língua de sinais.

Mesmo não havendo escola para surdos na cidade, aos seis anos de idade retornamos a Toledo, e minha mãe voltou com o objetivo de abrir uma escola para surdos. Dedicou-se muito até conseguir realizar a abertura dessa Escola, e, ainda em 1986, nomeou-a Escola

[1] De forma resumida, o Oralismo consiste em fazer com que a criança receba a linguagem oral através da leitura orofacial e amplificação sonora, enquanto se expressa através da fala. “Gestos, língua de sinais e alfabeto digital são expressamente proibidos” (POKER, 2017).

Especial Mundo da Fala[2]. A Escola Especial Mundo da Fala possuía cinco salas de aula, sala de fonoaudiologia, coordenação, direção e secretaria. A proposta adotada foi a mesma da Escola Efheta, tendo como metodologia o aprendizado do Oralismo puro, não podendo fazer uso da Língua de Sinais em suas instalações.

A Escola tinha como objetivo, que o aluno surdo falasse e ouvisse, usando como metodologia a repetição oral. Era muito massacrante, pois ficávamos dias e dias aprendendo uma única palavra. Mesmo sendo o uso da Língua de Sinais proibido, aprendíamos com surdos mais velhos, fora da escola, e fazíamos o uso dela escondido, nos intervalos, quando não estávamos sendo vigiados. Éramos obrigados a utilizar aparelhos de amplificação sonora e ficar falando e escrevendo palavras sem significado. Foram dias difíceis, dos quais recordo desolada.

Em Toledo, em 1992, iniciei o Ensino Fundamental II em uma escola regular comum, sem intérprete, e no contraturno, frequentava a escola para surdos, na qual, nessa época, a professora fazia uso do método bimodal, que é o uso simultâneo da fala e dos sinais.

Botelho (1999) apresenta uma discussão sobre a inclusão dos surdos e expõe que o bimodalismo,

> [...] é concebido erroneamente por muitos educadores como o uso de fala e de língua de sinais. Um exemplo rápido para ilustrar a diferença: A enunciação em língua de sinais da frase "Como o auditório está cheio." é completamente diferente da enunciação através do português sinalizado, que forja uma artificialidade e simula a coexistência de dois sistemas linguísticos, ao mesmo tempo em que não possibilita o entendimento do surdo, ou apenas o faz em grau mínimo (BOTELHO, 1999, p. 3).

Cabe também contextualizar o leitor de que a Comunicação Total foi uma filosofia bimodal, que, segundo Perlin e Strobel (2008), "foi desenvolvida em meados de 1960, após o fracasso do Oralismo puro em muitos sujeitos surdos, e começaram a ponderar em juntar o oralismo com a língua de sinais simultaneamente como uma alternativa de comunicação" (PERLIN E STROBEL, 2008, p. 15).

Frequentei o Ensino Fundamental I na Escola Municipal Egon Werner e o Ensino Fundamental II na Escola Estadual Francisco Galdino de Lima, ambas de ensino regular, na cidade de Toledo. No período matutino ia à escola regular e, no vespertino, à escola para surdos. Durante todo o Ensino Fundamental, estudei sem a presença de intérprete, apenas no contraturno contava com apoio de um professor ouvinte que sabia Língua de Sinais e me explicava os conteúdos para eu obter clareza das atividades repassadas para eu [re] fazer. Este

[2] A escola teve seu nome alterado para Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA) em 1995, nome que durou até 2010, sendo então modificado para APADA – Escola Bilíngue para Surdos, nomenclatura atualmente usada.

foi, também, um período complexo, pois, na escola regular, a maioria dos professores ficava, grande parte do tempo, de costas para mim e por isso, mesmo que eu tentasse, não era possível fazer uso da leitura labial, e, como consequência, eu deixei de aprender muitos dos conteúdos. Os colegas de classe também não me davam nenhum tipo de auxílio. Até hoje não sei se pensavam que não conseguiria entendê-los, mas sei que eu ficava, na maior parte do tempo, sozinha, tanto em sala de aula quanto nos intervalos.

Sempre fui muito cobrada por minha mãe, e, por mais que me esforçasse, não conseguia boas notas. Tive muita dificuldade para me apropriar dos conteúdos, pois não tinha clareza de seus significados. Os professores mantinham sempre a metodologia voltada para os ouvintes e, por isso, fiquei em recuperação por inúmeras vezes, resultando, por duas vezes, na minha reprovação no Ensino Fundamental, uma no primeiro e outra no quinto ano.

Em 1995 conclui o Ensino Fundamental e me matriculei no Magistério, mas continuei tendo muita dificuldade e reprovei logo no primeiro ano. Mudei para o Ensino Médio comum, mas as metodologias dos professores seguiam as mesmas linhas, de forma que continuei enfrentando muitas barreiras com a Língua Portuguesa falada e escrita. O que diferenciou no Ensino Médio, foi o auxílio de uma colega durante os três anos explicando-me as coisas, e, até mesmo, me passando as respostas das atividades, uma vez que a professora não explicava com clareza para mim, e eu não conseguia fazer uma boa leitura labial.

Vale ressaltar que, a partir de 1995, já adolescente, comecei a ter mais contato com outros surdos e comecei a desenvolver a Língua de Sinais com mais fluência. Participei também de cursos em Curitiba, de seminários e palestras em outros estados, todos focados na área da surdez.

Quando conclui o Ensino Médio, optei pelo curso de Pedagogia, e no ano de 2000 ingressei neste curso no CTESOP (Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense) na cidade de Assis Chateaubriand. Pensei que no Ensino Superior as coisas seriam diferentes, que haveria intérpretes e teria acessibilidade aos conteúdos. Entretanto, durante os três primeiros anos não tive o acompanhamento de Intérprete de Libras em sala de aula, o que acarretou, novamente, em muita perda de conteúdo. No início sofri muito, ficava sozinha, reclamei com a Direção, juntamente com minha mãe, que citou a Lei que amparava a contratação de um intérprete, mesmo assim, a faculdade não o fez, mas a coordenação foi até a sala de aula e solicitou que os alunos me repassassem as informações das aulas ministradas.

A partir de então, uma colega compartilhava todos os avisos, as datas das provas e os trabalhos a serem realizados. Durante toda a faculdade continuei a frequentar a escola para surdos, para que me auxiliassem na compreensão dos conteúdos e na realização dos trabalhos.

No quarto ano, a coordenadora finalmente se atentou a dificuldade que eu estava passando, dos conteúdos perdidos, de que eu apenas copiava dos colegas e que não compreendia os conteúdos transmitidos em sala de aula e comentou o meu caso com a Direção (que nunca se manifestava).

Após essa conversa, negociamos que eu ficaria responsável em pagar o Intérprete e ganharia o desconto de metade da mensalidade. Mesmo isso sendo, hoje, algo incoerente e inconcebível, na época já foi um ganho, pois durante três anos não obtive avanço na graduação por não ter acesso aos conteúdos da mesma forma que meus colegas ouvintes.

Somente então no último ano da graduação em Pedagogia foi que consegui ter acessibilidade comunicativa, conseguindo compreender e interagir na sala de aula. Procuramos e encontramos uma intérprete que já tinha experiência e atuava em uma escola de surdos, que aceitou o trabalho. Com a interpretação em Libras, eu conseguia, finalmente, entender o que os professores falavam e passei a compreender os conteúdos. Nos estágios, conseguia compreender como era o trabalho nas escolas. Passei a entender e a ser entendida, e, a partir daí, comecei a conseguir acompanhar a turma.

Após a graduação, em 2004, realizei uma pós-graduação *Lato Sensu* (especialização) em Educação Especial pela UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí, ofertada em Assis Chateaubriand, a qual me deu muito amparo educacional, uma vez que durante todo esse curso fui atendida por um intérprete de Libras. Havia também outro aluno surdo que já atuava como professor e outros colegas que também sabiam Libras. Essa especialização foi de grande aprendizado, pois éramos em vários alunos que sabíamos a Língua Brasileira de Sinais e havia muita interação, de forma que podíamos trocar conhecimento. Não tive nenhum tipo de problema de comunicação e de aprendizagem nesse curso, e considero que foi uma grande oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Em 2008, abriu uma turma de Graduação em Letras/Libras na Universidade Federal do Paraná (UFPR), me matriculei e passei a viajar mensalmente para Curitiba para estudar. Esse curso, de quatro anos, teve um grande diferencial: todos os meus colegas eram surdos, e todos os professores, surdos ou ouvintes, faziam uso da Libras. Tive, portanto, a oportunidade de estudar em um ambiente bilíngue, o que me auxiliou na clareza dos conteúdos e na obtenção de mais conhecimento. Conclui este curso no ano de 2012.

Em 2015 resolvi me candidatar a uma vaga de mestrado e fui aceita no Programa de Mestrado em Ensino (PPGEn), na Unioeste, campus de Foz do Iguaçu, iniciando as atividades no Mestrado em fevereiro de 2016. Fui a primeira aluna surda deste Programa, o que foi novidade para todos, tendo os professores também que adaptarem suas metodologias e

interagirem com os intérpretes de Libras. No começo foi difícil, porque os conteúdos eram muito “pesados” e eu não conhecia muitas das palavras. Esforcei-me bastante, pesquisei e estudei muito no período das disciplinas. Durante o primeiro ano do curso havia dois intérpretes que me acompanhavam em todas as aulas em Foz do Iguaçu, os quais também tiveram o desafio de buscar sinais específicos para as áreas das disciplinas, e esses sinais por não estarem ainda catalogados, tiveram de ser combinados/criados entre mim e os intérpretes. Depois foi ficando mais fácil, criamos os sinais e os filmamos, para ajudar os intérpretes de Libras a relembrá-los. Além disso, também havia aulas de apoio de intérpretes de Libras do PEE (Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais) em Cascavel, nas quais, os intérpretes me ajudavam a fazer os trabalhos, me explicando os textos e orientando sobre o que tinha de ser feito. As aulas e ritmo de estudos do Mestrado foram muito diferentes das aulas e rotina das graduações e especialização que fiz. No segundo ano do curso, também no PEE, havia, no começo, um intérprete de Libras para me ajudar a organizar a dissertação, principalmente com a língua portuguesa, deixando o texto mais formal, e, também, para me acompanhar nas reuniões com o orientador. Enfrentei grandes desafios neste período e me vi atrasada, haja vista a constante troca de intérprete de Libras. Depois, conseguimos um intérprete de Libras no campus da Unioeste em Toledo, cidade onde resido, que também me explicou sobre como fazer uma dissertação e ajudou na correção da escrita. Mas, infelizmente, nos últimos meses do Mestrado não tive intérprete para as reuniões com o orientador, o que também prejudicou o fechamento do curso.

Com relação à minha atuação profissional, em 1997 iniciei minha carreira como instrutora de Libras na APADA, onde atuei até o ano de 2017. Na Universidade Paranaense (UNIPAR), em Toledo, atuei como professora de Libras nos cursos de Biologia, Educação Física e Pedagogia, de 2008 até 2013, e no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento à Pessoa com Surdez (CAS), de 2008 até 2016, ministrei aulas no curso de Libras para pessoas ouvintes interessadas em aprender essa língua e obter conhecimentos sobre a área da Surdez.

Desde 2011, trabalho também como professora contratada, por meio do Processo Seletivo Simplificado (PSS), na Unioeste (Universidade Estadual do Oeste de Paraná), no campus de Cascavel, ministrando a disciplina de Libras para os cursos de licenciatura em Letras e Matemática, propiciando aos alunos, futuros professores, além do primeiro contato com a língua de sinais, conhecimentos sobre surdez, inclusão de surdos e sobre escolas para surdos.

Diante de todo esse percurso da minha trajetória educacional e profissional, e por perceber que, ainda hoje há uma fragilidade na educação dos surdos, permanece a dúvida de qual é a melhor forma de ensino aos surdos, quanto aos recursos, estratégias, adaptações e abordagens metodológicas, surgiu a ideia dessa pesquisa.

Tanto nas escolas inclusivas quanto nas bilíngues, percebe-se ainda a necessidade de formação de professores voltada à compreensão do trabalho com alunos surdos, visando suas especificidades, uma vez que é necessário que o trabalho seja feito a partir da percepção de como se dá a aprendizagem do aluno surdo, que é a percepção visual. Nesse sentido, as discussões acerca das práticas pedagógicas se darão em três eixos: Escola de surdos, escola inclusiva e Pedagogia visual.

É necessário que os profissionais da Educação sejam preparados para lidar com as especificidades linguísticas do aluno surdo, que em classe regular necessitará de um tempo diferenciado para assimilação dos conceitos, os quais serão interpretados da língua portuguesa para a Libras. A visualidade expressa em recursos didáticos se faz necessária nesse processo, contribuindo com a clareza dos conteúdos.

A proposta bilíngue possibilita ao surdo fazer uso das duas línguas, a Libras e o Português escrito, escolhendo qual irá utilizar em cada situação linguística. Esta proposta advoga que não se privilegie uma língua, mas que se busque oferecer condições às crianças surdas para desenvolverem-se em língua de sinais e, posteriormente, na língua oficial do país, podendo usar a modalidade oral-auditiva e/ou escrita.

Vale reforçar que o surdo precisa de metodologias que explorem mais os aspectos visuais, uma vez que sua língua é formatada na modalidade visual-espacial. Se as disciplinas e seus conteúdos forem trabalhados por meio de materiais visuais, figuras e sinais, e no início do processo de ensino formal fazer uso de materiais concretos facilitará seu entendimento, e a inclusão dos sujeitos surdos será mais efetiva.

Partindo desses pressupostos, as questões que motivaram essa pesquisa foram:

- Como os professores compreendem a Educação dos Surdos e suas práticas pedagógicas (metodologias, materiais didáticos e adaptações)?
- Como estes professores planejam suas aulas e adaptam os recursos didáticos e metodológicos para atender aos surdos?

As ações em prol do surdo, de modo geral, partem da representação que o professor tem a respeito desse sujeito e da forma com que ele aprende. As adaptações devem ser produto dessas representações, buscando atender ao surdo na medida de suas necessidades

educacionais. Neste sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n° 9.394/96, em seu Art. 59 garante:

> [...] aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:
> I - **currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades**;
> [...]
> III - **professores com especialização adequada** em nível médio ou superior, **para atendimento especializado**, bem como professores do ensino regular capacitados **para a integração desses educandos nas classes comuns**; *(grifo nosso)* (BRASIL, 1996).

Buscando atender ao que a legislação estabelece a escola, na figura de seus gestores e professores, deve procurar formas para atender cada aluno em sua particularidade. O surdo, pelas suas características específicas – língua, cultura e identidade, tem se mostrado, tanto na escola bilíngue quanto na regular, um desafio na hora de se pensar práticas educacionais adequadas ao seu ensino.

O objetivo principal dessa pesquisa foi compreender as práticas de ensino dos professores ouvintes e surdos no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, em escolas de surdos (bilíngues) de Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo, no intuito de saber quais as metodologias aplicadas e como são realizadas as adaptações de materiais para o ensino das crianças surdas. O que faz sentido na pesquisa é o estudo das práticas de modo a tomar certo distanciamento deste dilema (Educação Inclusiva versus Educação Bilíngue) que é um tanto quanto frágil diante da diversidade dos alunos surdos e da precariedade na produção de materiais pedagógicos e metodologias. Para tanto, foram entrevistados os professores que atuam nessas escolas, sendo feita uma análise da sua compreensão sobre a educação de surdos e as adaptações didático-metodológicas feitas por eles, no âmbito da proposta educacional bilíngue.

Para contemplar o objetivo e situar o leitor nas teorias que acercam a pesquisa, além dessa Introdução, contendo parte da minha história pessoal, acadêmica e profissional, contextualizando também o tema da pesquisa juntamente com os objetivos, este documento segue assim organizado:

No Capítulo 2 há uma discussão sobre a Aquisição da Língua e Letramento por crianças surdas.

O Capítulo 3 aborda a formação de professores para o ensino de surdos, apontando as especificidades ao trabalhar com esse público-alvo.

O Capítulo 4 abarca adaptação de metodologias e recursos didáticos para o ensino de surdos.

No Capítulo 5 consta o percurso metodológico delineado para a pesquisa nas escolas definidas como campo.

O Capítulo 6 traz os dados coletados e a análise dos resultados da pesquisa.

E, por fim, o Capítulo 7 traz as conclusões e perspectivas do trabalho.

Como Apêndices I e II constam, respectivamente, o roteiro da entrevista e o modelo de termo de consentimento livre e esclarecido, assinado pelos participantes da pesquisa. O parecer de aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Unioeste está como Anexo I. Uma prova de conhecimentos aplicada aos alunos da escola ACAS durante a observação realizada segue como Anexo II.

2. CRIANÇA SURDA: AQUISIÇÃO DA LÍNGUA E LETRAMENTO

O Oralismo, a comunicação total e o bilinguismo foram propostos, ao longo da história, como abordagens para o ensino de surdos.

O Oralismo era a abordagem que trabalhava somente com a linguagem oral, compreendendo-a como essencial à interação do surdo com a sociedade ouvinte. Nas práticas de sala de aula trabalhava-se com metodologias e atividades de repetição, nomeação e cópia de ditados. Eram usados o treinamento auditivo e o treinamento para produção da fala, articulando-se os fonemas para se conseguir pronunciar as palavras e frases.

A comunicação total foi o método que se utilizou da fala e dos sinais para a comunicação. Soares (2016) a define como uma vertente que tinha como base uma mistura de gestos, sinais e leitura labial, e que compreendia que os surdos poderiam usar toda e qualquer forma de comunicação, como a fala, o alfabeto datilológico, a leitura orofacial, a língua de sinais, entre outros, agregando assim os princípios e procedimentos oralistas e gestualistas em uma mesma metodologia. Segundo Kyle (1999),

> Nos últimos anos, a discussão sobre método tem sido apenas transferida do oralismo passando pela comunicação total até o reconhecimento da língua de sinais. As questões debatidas pelas escolas têm a ver com procedimentos e práticas e não dizem realmente respeito à adoção da língua. Assim, quando a escola muda sua política para uma abordagem bilíngue, isso não significa necessariamente que há uma aceitação real do uso da língua e do contexto no qual esta ocorre (KYLE 1999, p. 18-19).

O bilinguismo é a abordagem que propõe que o surdo seja exposto à língua de sinais e à língua da comunidade ouvinte na modalidade escrita, aprender na primeira língua (L1) Libras e como segunda língua (L2) a escrita da Língua Portuguesa. Nesta proposta, o contato com a Libras deve acontecer o mais cedo possível, antes do ingresso na escola, pois do contrário, a criança terá mais dificuldades, o que incorrerá em aprendizagem tardia dos conteúdos científicos. A presença de professores surdos, juntamente como professores ouvintes, possibilita ver as diferenças culturais na educação bilíngue para surdos.

Os sinais visuais não têm letras ou formas que podem ser percebidas através da escrita ou da fala (sons), de forma que o estímulo visual se torna importante. O conhecimento da língua de sinais permite compreender os significados através dos “olhos de ver” pela comunicação da modalidade visual-gestual.

Para o ensino de Língua Portuguesa aos alunos surdos, no Brasil ocorre a formação de professores por meio de cursos de capacitação organizados por várias entidades, como

FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), CAS (Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às pessoas com surdez), SEED (Secretaria de Estado da Educação) de cada Estado. O bilinguismo tem sido entendido como a inclusão da Língua de Sinais na escola, a partir da lei que reconhece a Libras como língua oficial e do decreto de acessibilidade, bem como a contratação de intérprete de Libras para que ocorra a inclusão.

As crianças ouvintes desde cedo já começam a ter contato com sons de sua língua, o que não acontece com as surdas, as quais tardiamente têm conhecimentos em Libras, porque muitas vezes não há o estímulo por parte da família, que talvez não saiba usar a Libras, o que resulta na falta de comunicação, e a criança surda só vai aprender sua língua em contato com surdos adultos, em escola para surdos ou associações de surdos. Além disso, para os surdos, a aprendizagem do Português, que está presente em todo momento no ambiente escolar, é mais demorada[3].

A aquisição das línguas, tanto oral como em sinais é similar, desde que aprendidas já na infância. A criança surda, no início da aquisição da língua de sinais, comete alguns "erros" como ponto de articulação, movimento, configuração de mãos, semelhante à criança ouvinte, que no início da aquisição da fala balbucia e não fala as palavras corretamente. As crianças surdas, filhas de pais surdos, adquirem naturalmente a língua de sinais e logo são fluentes, enquanto que para surdo, filho de pais ouvintes, a aprendizagem ocorre de forma mais tardia.

Até hoje existem poucas pesquisas sobre estudos linguísticos, materiais e leituras sobre a aquisição da língua de sinais se comparado à língua oral. Normalmente, o que acontece é que a família ouvinte não aceita ou não tem conhecimento de que o filho surdo precisa frequentar uma escola bilíngue, o que reflete na aquisição tardia da língua de sinais. Há casos de famílias que não têm informações sobre a área da surdez, e que não sabem sobre a condição linguística da pessoa surda, que, no intuito de educar o surdo para a convivência com as pessoas ouvintes, utilizando o modelo ouvinte como padrão de normalidade, acabam

[3] Ao compararmos o desenvolvimento biológico de uma criança ouvinte com uma criança surda, não encontraremos diferenças; no entanto, no desenvolvimento da linguagem, a discrepância é evidente. A criança ouvinte estará inserida em ambientes sociais e culturais aos quais ela reconhece como natural, pois ouve e procura, de acordo com o seu nível de desenvolvimento, estabelecer um diálogo com seus pares. Com a tecnologia ao alcance da maioria, essa criança ouve músicas, assiste a programas infantis que buscam interagir com a pequena telespectadora, permanece em ambientes onde pessoas ouvintes se comunicam; enfim, vive em um mundo sonoro que oportuniza o seu desenvolvimento de forma plena. Por outro lado, a criança surda nasce e cresce em um ambiente no qual os pais e demais membros dessa família desconhecem as peculiaridades que a surdez apresenta. Esses familiares não aprenderam a Libras e acabam por não promover um ambiente no qual essa criança surda desenvolva uma língua, "considerando que os alunos surdos chegam à escola, frequentemente, sem uma língua desenvolvida e, como consequência, com um conjunto de conceito e conhecimento restritos quando comparados a seus pares ouvintes" (LACERDA 2009, p. 52 *apud* SILVA, 2016, p. 126-127).

por expor a criança surda ao modelo de ensino clínico-terapêutico, nos moldes do oralismo e matriculando-as em escolas pensadas para crianças ouvintes, por vezes, sem estrutura adequada para atender o aluno surdo.

A metodologia oralista, ou, imposição da fala, resulta no atraso das crianças surdas, pois estas perdem na aprendizagem quando não possuem uma base linguística para a comunicação, ou seja, não adquirem a língua de sinais e nem aprendem a língua portuguesa, este problema se agrava, uma vez que as crianças surdas perdem os conteúdos e não conhecem as palavras. É necessário um modelo de pessoa surda usuária da língua de sinais para que a criança possa assumir como referência, também é afirmado por Clemente (2009), que crianças surdas precisam conviver com adultos surdos, não só formalmente, pois, é a partir deste convívio que se constroem interações linguisticamente significativas.

A dinâmica de convivência entre crianças e adultos surdos é de extrema importância à construção de sua língua, cultura e identidade. No entanto, em famílias nas quais os pais são ouvintes e não aceitam a aquisição da língua de sinais para o processo de desenvolvimento de seu filho surdo, percebe-se que a falta de base linguística pode refletir em uma aprendizagem tardia ou com lacunas na construção de conceitos.

Em famílias nas quais tanto os pais quanto os filhos são surdos, a aquisição da língua acontece de forma mais natural desde os primeiros anos de vida, o que reflete em um desenvolvimento sem prejuízo às crianças, pois estas têm como base a aprendizagem em sua língua natural.

> [...] uma criança adquire sua primeira língua – L1 – de forma natural e espontânea, ou seja, essa língua não é ensinada: ninguém ensina ninguém a falar, simplesmente se aprender a falar, da mesma forma com as crianças surdas, ninguém ensina a sinalizar, mas de forma natural se aprende a sinalizar. As crianças, quando chegam à escola, já sabem falar. Com as crianças surdas, filhos de pais surdos, isso também acontece, pois adquirem naturalmente a língua de sinais; portanto, essa é a L1 dessas crianças (ALBRES e SARUTA, 2012, p.42).

A falta de conhecimento de Libras implica em consequências para o desenvolvimento social, educacional e intelectual do surdo e, é ainda um fato que há crianças surdas brasileiras que não sabem Libras. Além do aprendizado de Libras, a criança surda deve ser estimulada pela família com brincadeiras, passeios, dramatizações, jogos, respaldados pela Língua de Sinais, e deve ter contato com outros surdos, inclusive adultos, para desenvolver sua língua dentro de sua comunidade. Da mesma forma, torna-se importante a participação da criança nas associações de surdos e espaços como os proporcionados pelos CAS, que lhe possibilitem a troca de experiências.

As crianças chegam às escolas sem conhecimento da Língua de Sinais por vários motivos, a exemplo de pessoas surdas que moram no interior (rural) e as famílias que não têm informações sobre as escolas de surdos, e, se comunicam com gestos caseiros. Outro exemplo são os casos de crianças surdas que nunca estudaram em escola de surdos, pois frequentam apenas as classes comuns do ensino regular que não ofertam o ensino bilíngue.

Há também casos de algumas famílias que, após terem informação sobre a escola de surdos como uma escola bilíngue, onde a criança aprende as duas línguas (Libras e Português), optaram por esse modelo de ensino aos seus filhos surdos, onde a interação com o professor e alunos surdos na escola refletiu em um grande avanço no desenvolvimento e em oportunidades de novos conhecimentos de forma significativa por meio da Libras.

É preciso aceitar a Libras como a primeira língua (a língua natural) do surdo, assim como o português é a primeira língua para o ouvinte, e que por meio dela ele se desenvolverá e se encontrará como um sujeito pertencente à comunidade surda.

Muitas propostas, embora denominadas bilíngues, são ainda repetições de programas oralistas e de comunicação total. É possível identificá-las pelo discurso ambíguo que apresentam, valorizando e reconhecendo a Língua de Sinais ao mesmo tempo que advogam a inserção dos surdos em classes comuns, não bilíngues, entre outras atitudes. Segundo Botelho (2005):

> A educação bilíngue propõe que os processos escolares aconteçam nas escolas de surdos, obviamente não segundo o modelo clínico-terapêutico ainda oferecido, reconhece as intensas dificuldades e problemas do surdo em classes com estudantes ouvintes, e não há adesão às propostas de integração e de inclusão escolar (BOTELHO, 2005, p. 111).

Ao oportunizar sua aquisição como primeira língua (L1), a língua de sinais é apresentada aos surdos em situações significativas, como jogos, brincadeiras e narrativas de estórias, mediante a interação com outros surdos adultos competentes em língua de sinais. Faz também parte do projeto bilíngue, que todo o corpo de funcionários da escola, surdos e ouvintes, e os pais, aprendam e utilizem a Língua de Sinais.

No que se refere à Alfabetização e letramento, há uma diferença significativa em relação ao aprendizado do aluno ouvinte e do aluno surdo. Segundo Araújo,

> [...] Os conceitos de alfabetização e letramento são processos que se dão de forma simultânea e interdependente, bem como asseguraram reflexões que elucidam o respeito à diversidade cultural e linguística. [...] é preciso um projeto de letramento para surdos respaldado na sua cultura (ARAÚJO, 2009, p. 76).

A alfabetização é o processo pelo qual o ouvinte aprende por meio de sons e da escrita. Sendo assim, para os surdos não é adequada essa alfabetização, porque os alunos aprendem pelos sons, já o letramento se torna mais adequado, pois:

> No letramento, o uso de ilustrações nos textos faz com que a leitura se torne agradável, pois dessa forma, o aluno surdo pode visualizar não só o texto, mas as figuras que representarão o que todas aquelas palavras querem dizer, assim dando espaço e possibilidade de distintas interpretações por parte dos usuários da língua (FREITAS, WATHIER, 2016, p. 4 e 5).

O formato da Educação Bilíngue objetiva o bilinguismo, o biletrameto e o biculturalismo, podendo criar a característica de imersão (FELIPE. 2012). Felipe (2012) aponta, ainda, que nas formas de Educação Bilíngue as duas línguas, a cada passo da rotina, são utilizadas para ensinar os conteúdos: o nível de fluência se assemelha em ambas as línguas. No tipo de manutenção da língua de herança (de patrimônio, cultural) - caso dos surdos -, o prestígio maior tende para a língua minoritária ou L1 devido à manutenção ou à revitalização cultural, sem deixar de lado um bilinguismo e biletramento.

Para pessoas ouvintes, a alfabetização envolve combinações de letras, sons, sílabas e palavras, logo, a forma de aprendizagem significativa entre leitura e escrita representa a correspondência entre os sons da fala (fonema) e a representação da letra ou sílaba (grafia). Assim sendo, este processo, para os ouvintes, envolve a relação entre oralidade e o conhecimento sobre a escrita e seu uso contextualizado. Verifica-se que neste processo não há a necessidade da audição, pois existem pessoas surdas que aprendem uma língua sem nunca ter ouvido as palavras, logo, há muitos surdos adultos não oralizados com domínio amplo da escrita.

Para se obter um aprendizado de qualidade na educação de surdos, é preciso a utilização de imagens combinadas com os sinais, datilologia e escrita na Língua Portuguesa, e não basta apenas saber ler ou escrever, mas utilizar isso na prática, associando a leitura e escrita. Neste processo, cabe a intervenção do professor como forma de adequar a contextualização do uso da imagem, por exemplo, a imagem da árvore com o uso do sinal em Libras ÁRVORE. Ainda, o professor poderá relacionar o conhecimento prévio do aluno, buscando informações por meio de perguntas como: Quais os tipos de árvore? Quais suas características? Qual o ambiente em que se encontram?

O uso das estratégias visuais deve ser prioritariamente pautado pela Língua de Sinais, e, somente depois a introdução do processo de aprendizagem na aquisição da Língua Portuguesa (escrita), sua segunda língua (L2) (FERNANDES, 2003).

A língua de sinais é semelhante à oralidade no aprendizado da escrita pelos surdos, possibilitando a aquisição de significados, conceitos, valores e conhecimentos para a mediação e apropriação imagética do sistema de signos escritos. Ambos os significados, sejam pelos sinais (natureza visual e espacial) ou pela escrita (da natureza visual e gráfica), conseguem satisfazer a aprendizagem significativa nas práticas de interação com surdos. A interação com alunos/professores visuais fortalece a aquisição língua de sinais e o conhecimento da escrita da Língua Portuguesa, contemplando o processo de letramento.

É fato que a educação com bilinguismo para surdos se apresenta como a diretriz dos modelos educacionais no Brasil. Assim, é senso comum afirmar que a Língua de Sinais deve ser considerada a primeira língua do surdo e a Língua Portuguesa sua segunda língua. Em termos sígnicos, no entanto, o que isso representa? Estudar e observar os dois tipos de linguagem que estão sendo usados pelo indivíduo bilíngue é, sobretudo, observar duas diferentes formas de pensamento, na medida em que todo pensamento é estruturado em categorias de signos, sendo esses signos dependentes, tanto das percepções do indivíduo quanto das leis e convenções sociais e culturais, as quais determinam as categorias de simbolização e referências daquele determinado código (FERNANDES, 2012, p. 22).

Por ser a Libras a primeira língua da criança surda, sua língua natural e o meio pela qual significa o mundo, interage com seus pares e aprende, a língua de sinais deve também ser a língua que vai mediar o ensino da segunda língua, no caso dos surdos brasileiros, a língua portuguesa. Desse modo, podemos afirmar que a Libras é indispensável no processo de letramento do aluno surdo, compreendo que letramento não é um mero conjunto de habilidades individuais, mas, um conjunto de práticas sociais envolvendo a escrita (SOARES, 2002).

As práticas de letramento se traduzem em interação que envolve a língua escrita; no caso dos surdos, por meio da língua de sinais. Na escola bilíngue, as histórias infantis contadas em Libras, por exemplo, podem ajudar na compreensão do texto escrito em segundo momento; a exploração do conteúdo de cartazes, placas, rótulos e de outros textos que circulam na esfera escolar e de outros contextos sociais se dá primeiramente em Libras.

No entanto, o letramento de crianças surdas ainda não tem ocorrido como deveria. De acordo com Lebedeff (2007, p. 2) crianças surdas “chegam à escola sem uma base linguística e com parcas experiências em práticas sociais de leitura e escrita e, apesar desta situação, são tradicionalmente ensinadas a aprender a estrutura linguística da língua oral, fala, leitura, e, muitas vezes Língua de Sinais, tudo ao mesmo tempo.”. Essa autora aponta ainda outra

dificuldade encontrada pelas crianças surdas que é a superficialidade da língua escrita em sala de aula nos anos iniciais de escolarização.

> As atividades que utilizam a língua escrita envolvem, muitas vezes, apenas repetições, reproduções e supergenaralizações. A língua escrita é apresentada como algo de domínio oficial, escolar, não há função social ou discursiva (e muito menos, prazerosa) para esta escrita, apenas função escolar. Uma outra ocorrência de artificialização da língua, muito comum nas escolas é a de simplificar a escrita do português para os surdos (LEBEDEFF, 2007, p. 2).

Diante do uso da sua língua, o surdo deixa de ser visto como deficiente e passa a ser valorizado pela sua condição linguística. Torna-se importante destacar a utilização dos termos deficiência auditiva ou surdos, pois são dois conceitos diferentes. A deficiência auditiva não reconhece a cultura surda, identidade surda, e não participa dos movimentos surdos e não se comunica pelo uso da Libras, já o surdo, por outro lado, tem participação ativa na comunidade, comunica-se por Libras e valoriza suas experiências visuais, logo, deve ser incentivado, pois a sua construção humana prioritária acontece no contato com outros surdos, ou seja, é aceitar como cidadão a pessoa surda.

A educação de surdos só será realmente realidade se os alunos surdos tiverem contato com profissionais surdos ou ouvintes, fluentes nas duas línguas. Os professores devem desenvolver estratégias pedagógicas que despertem o interesse dos alunos surdos, assim como os alunos ouvintes, de forma a estimulá-los a pensar e racionar, utilizando recursos diferenciados, provendo avaliações que respeitem as diversidades de seus alunos.

3. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ALUNOS SURDOS

No campo da educação, os desafios estão cada vez mais presentes, exigindo do professor, de maneira mais pontual, "soluções" para os problemas contemporâneos. Entre os problemas da educação atual, figura a educação de surdos, defendida por correntes teóricas essencialmente antagônicas. Segundo Capovilla (2001),

> Das experiências de proposta de educação bilíngue para surdos desenvolvida até então, o programa da Suécia é tido como referência, não apenas por ser pioneiro, mas, principalmente, por acompanhar o desenvolvimento das habilidades de sinalização, leitura, escrita e oralização, obtendo resultado satisfatório. Esse programa proporcionou primeiramente um ambiente exclusivo ao desenvolvimento da língua de sinais como língua materna e, somente no segundo ano, a língua oral do país era introduzida na sua modalidade falada e escrita como língua estrangeira (CAPOVILLA, 2001 apud ALBRES, 2010, p. 38).

A compreensão atual de sujeito surdo é formada por duas linhas teóricas que não se tangenciam. De um lado, encontra-se a visão sócio-antropológica, a qual concebe o sujeito surdo como diferente, e não como deficiente, e essa diferença é dada pela diferença linguística, ou seja, pelo uso da língua de sinais, fator determinante para todos os desdobramentos da vida destes sujeitos. De outro lado, está a visão clínico-terapêutica, a qual compreende o surdo como um ouvinte com defeito, precisando, portanto, conectá-lo. Nessa perspectiva, tem-se, no centro da discussão, a disfunção auditiva e não a Língua como divisor de águas (OLIVEIRA, 2011, p. 87).

Em meio às dicotômicas possibilidades de compreensão do sujeito surdo, conquistadas pelos movimentos surdos em defesa da Língua Brasileira de Sinais, surge a Lei Federal n° 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto Federal n° 5.626/2005.

Em nosso país a Língua Brasileira de Sinais só foi reconhecida oficialmente, pela Lei nº 10.436 de 24/04/02 e somente a partir desta data foi possível realizar, em âmbito nacional, discussões relacionadas à necessidade do respeito à particularidade linguística da comunidade surda e do uso desta língua nos ambientes escolares e consequentemente, o desenvolvimento de práticas de ensino que estejam preocupadas com a educação de alunos surdos numa perspectiva bilíngue de ensino. Esta lei dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e em seu Artigo 1º prescreve que passa a ser reconhecida como forma de comunicação e expressão legitimada e associada, também a outros recursos de expressões relacionados a libras. Portanto, compreende-se que a libras não se trata apenas de mímicas e nem gestos, mas deve ser considerada como status de uma língua constituída com uma composição

gramatical própria, podendo expressar conceitos concretos e abstratos dentro da realidade em que o surdo está inserido.

A Libras trouxe avanços à cidadania bilíngue das pessoas surdas, haja vista que amplia os domínios da Língua de Sinais para diferentes segmentos sociais. Torná-la componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores, em nível médio ou superior, e de Fonoaudiologia, é importante para preparar os futuros educadores para a reflexão sobre formas alternativas de comunicação e interação como requisito de acesso aos conteúdos acadêmicos (FERNANDES, 2007, p. 93).

Com estes dispositivos legais, surgiu a necessidade da implementação de modelos educacionais que respeitem o surdo em sua língua, a Libras. No processo de alfabetização, é importante que o professor considere os aspectos adjacentes à Língua de Sinais, para perceber, dentre as possibilidades metodológicas, qual melhor se adéqua às necessidades de cada educando.

Criar uma proposta educacional bilíngue que atinja toda a população é um grande desafio, por conta da dificuldade na preparação e qualificação dos professores envolvidos. Para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de forma significativa, o docente envolvido na educação especial deve ter a consciência de que a forma ou método alternativo correto de mediação para a Língua Portuguesa é a Libras, e que a forma com a qual conduz sua aula trará impactos para o aluno surdo e sua socialização. Embora seja um desafio, cabe à escola se adequar às necessidades dos alunos incluídos, com currículos e professores capacitados, não apenas para cumprir a lei, mas para acolher esse aluno no cotidiano escolar para que o seu desenvolvimento ocorra.

É importante compreender a singularidade do aluno surdo para um melhor planejamento das aulas, principalmente no que se refere à busca de estratégias de ensino de modo que esse aluno seja capaz de entender o conteúdo com mais clareza. A seleção de recursos didáticos também requer muita atenção, visto que são grandes aliados no processo de ensino/aprendizagem dos alunos surdos.

Nossa comunicação na sociedade é fortemente ancorada no canal visual, pois os meios de comunicação como a televisão, manchetes de jornal, revistas, livros, *outdoors*, entre outros estão muito presentes em nosso cotidiano e podem ser utilizados como suporte didático no ensino-aprendizagem de alunos surdos, contribuindo para maior entendimento do conteúdo abordado.

Além dos recursos já citados, há outros que podem auxiliar nesse processo pedagógico. Lacerda e Santos (2013, p. 188), por exemplo, sugerem:

> [...] Um elemento imagético (uma maquete, um desenho, um mapa, um gráfico, uma fotografia, um vídeo, um pequeno trecho de filme) poderia ser um material útil à apresentação de um tema ou conteúdo pelos professores de Ciências, Física, Química, Biologia, História, Geografia, Matemática, Inglês, entre outros.

Com o trabalho na modalidade de leitura e escrita, o professor precisa entender que o diálogo apresentado em sala de aula é fundamental para a aprendizagem do aluno surdo, e que esse diálogo deve ser apresentado em Libras para os alunos entenderem o contexto.

Cabe ressaltar que a chamada Pedagogia Surda defende a importância da presença do professor surdo nas escolas de surdos. Essa abordagem entende que desde a educação infantil criança surda deve ter aulas ministradas em Libras por professores surdos. As crianças surdas de pais ouvintes, principalmente, devem ser inseridas na escola bilíngue, assim que diagnosticada a surdez, logo nos primeiros meses de vida. Desse modo sua aquisição da L1 se dará em tempo hábil igualando seu nível de aprendizagem ao de crianças ouvintes de pais ouvintes.

A Pedagogia surda é o modelo mais celebrado pela comunidade de surdos, pois reforça a questão identitária do sujeito surdo, a constituição da subjetividade do jeito surdo de ser, valorizando sua cultura. Nesse sentido a educação de surdos é pensada em uma perspectiva do próprio sujeito surdo, considerando os aspectos culturais da comunidade surda, de modo a criar um sentimento de pertença. Como declaram, Perlin e Strobel (2008, p. 21) "[...] pensamos que a pedagogia surda provoca a sensação de que não somos segregados, não somos o estereótipo do diferente, vivemos o respeito à alteridade". Em relação à metodologia da pedagogia surda, as autoras afirmam:

> A construção da subjetividade cultural é o objetivo mais presente nesta metodologia. Trata-se mais de uma concepção sociológica do surdo como pertencente a um grupo cultural. Prima pela sua diferença como construção sociológica na defesa de uma liberdade social onde o sujeito surdo está presente e se torna capaz de desvencilhar-se das diversas pressões sociais durante a interação cultural, como no caso, no qual a sociedade lhe impõe o papel de deficiente. (PERLIN e STROBEL, 2008, p. 41-42)

De acordo com Alves *et al.*, (2015, p.33) "ainda não se discute sobre a pedagogia surda, e o reflexo disto é a realidade de surdos que estudam Português da mesma forma que os ouvintes, sem que haja professores preparados para a condução de um trabalho que propicie a ampliação da competência linguística dos surdos". O ensino para surdos baseado em modelo ouvinte não considera a especificidade linguística do surdo, utilizando as mesmas estratégias e os mesmo recursos didáticos utilizados para crianças ouvintes. Pensar a educação de surdos requer preparam materiais específicos para surdos, considerando um ensino bilíngue.

Albres (2010) relata que, ao receber os alunos surdos, a escola precisa estar preparada, discutir com os profissionais para atender ao projeto político pedagógico curricular próprio da

área da surdez. No intuito de atender aos alunos surdos, os profissionais, os pais e a comunidade precisam fazer curso de Libras, para que haja comunicação com estes alunos.

O ambiente escolar, portanto, deve contar com professores e profissionais surdos usuários de língua de sinais, e de professores ouvintes fluentes e que a usem a Libras na comunicação e no desenvolvimento do conteúdo programático. Esses profissionais surdos devem fazer parte do planejamento escolar para formar junto aos outros professores, um currículo inclusivo que se organize de maneira visual-espacial, sem esquecer os aspectos históricos da comunidade surda, e que inclua todas as disciplinas curriculares no contexto da Língua de Sinais. Espelhados nestes profissionais, os alunos surdos poderão desenvolver uma autoimagem positiva de ser surdo e não de ser "não ouvinte".

Considerando a indissociabilidade entre o fazer docente e as teorias que fundamentam as práticas, se faz necessário compreender as teorias da educação de surdos, estimulando-se um estado de constante reflexão, o qual há de conduzir o trabalho docente de forma a permitir a readequação dos objetivos, estratégias, instrumentos e demais encaminhamentos necessários ao ensino de surdos.

Ao se referir à inclusão de surdos, Fonseca (1995) já destacava a importância da formação dos professores, tendo em vista o sucesso dos alunos, e isso deve se dar por meio de um processo de inserção progressiva e requer também apoio de outros profissionais, visto que o professor não atuará sozinho. Para esse autor, a grande barreira que se coloca no processo é o desconhecimento de metodologias adequadas a esses alunos.

A escola tem que estar preparada com metodologias e orientações voltadas à essa necessidade específica que é a surdez, na convivência com surdos adultos, e com o preparo de materiais adaptados para atender aos alunos surdos, para que ocorra a verdadeira inclusão.

> [...] produções teórico-metodológicas relacionadas à pedagogia visual na área da surdez, e por isso se constitui como um novo campo de estudos que pode colaborar para uma educação a beneficiar não apenas o sujeito surdo, mas para ampliar as possibilidades de aprendizagem para todos. Essa centralidade da visualidade precisa, na educação de surdos, perpassar pela elaboração do currículo, pelas estratégias didáticas, pela organização das disciplinas, com envolvimento de elementos da cultura artística, da cultura visual, do desenvolvimento da criatividade plástica e visual pertinente às artes visuais, além do aproveitamento dos recursos de informática, fortemente visuais, favorecendo assim, uma valorização da concepção de mundo constituído por meio da subjetividade e da objetividade com as "experiências visuais" dos alunos surdos (LACERDA SANTOS, CATEANO, 2014, p. 190).

É preciso que o professor tenha experiência para usar metodologias visuais e estratégias didáticas para organizar as disciplinas, e a pedagogia visual envolve também o modo como o professor usa a experiência para explorar a aprendizagem de cada aluno,

utilizando classificadores, diferentes estratégias e adaptações para uma aprendizagem com clareza.

Segundo a legislação em vigência, tem-se como referência a Declaração de Salamanca, a qual defende a inclusão de surdos em sala de aula regular, conforme segue:

> Constatamos que a proposta de um sistema educacional inclusivo apontado na Declaração de Salamanca parece esquecida ou invisível para aqueles que defendem uma inclusão de surdos em salas de aulas de ouvintes, em razão de o espaço escolar apresentar muitas vezes professores despreparados. Alem disso, observamos a necessidade de uma adaptação no currículo escolar (ALBRES, 2010, p. 61).

Porém, o que se tem visto são professores sem preparo para mediar tais adaptações curriculares para o ensino de surdos. Compreende-se a necessidade de pesquisas voltadas aos professores de alunos surdos, no sentido de contribuir com sua formação e produção de materiais visuais que subsidiem o ensino destes alunos. Para Reily (2003), a experiência visual tem papel fundamental no processo educacional, por permitir que o aluno surdo compreenda, intervenha e reaja no meio, tendo um efeito facilitador em sua educação. Ressalta-se ainda que a imagem pode ser aproveitada como recurso para a construção do conhecimento e do raciocínio deste aprendiz não ouvinte, pois

> No caso dos surdos, os processos de escolarização não estão voltados para construção de sujeitos letrados. E como problema adicional as escolas de surdos desconsideram que aprender a fazer uso competente, constante e hábil de leitura e de escrita, é inteiramente dependente da aquisição de uma língua, a língua de sinais, e de linguagem (BOTELHO, 2005. p. 65).

Há ainda hoje a falta de conhecimento dos professores em trabalhar com materiais visuais com alunos surdos, de forma que estes visem exemplificar os conteúdos em cada disciplina trabalhada por meio de figuras e sinais. Trabalhar fazendo uso do material concreto facilita tanto no entendimento do aluno surdo quanto do ouvinte. Todo o trabalho educacional deve ser pautado em uma teoria, e o professor, por meio da análise desta, determina a forma com a qual conduzirá o seu trabalho, ou seja, estabelecendo seus objetivos, estratégias e encaminhamentos.

Abre se aqui um parente para clarear ao leitor sobre algumas definições adotadas:

- Materiais visuais: São materiais que podem ser visualizados. Ex etiquetar a mobília e espaços da sala de aula (cadeira, mesa, janela, porta...) com nomes e sinais. Também o uso de filmes, fotos, gravuras, mímicas, expressões faciais e corporais, mapas conceituais, tabelas, gráficos em forma de teias, nuvem, árvores e infográficos. Os materiais visuais servem para, além de fixar os conteúdos e os vocabulários novos, trazerem, por meio da visão, um novo contato com o mundo desconhecido.

- Figuras: dicionário ilustrado da língua de sinais mural com fotografias de sinais;
- Sinais: movimentos específicos realizados pelas palmas da mão, e dependem de um ponto ou espaço de localização em que esses sinais são realizados, pois, como toda língua, também deve ser padronizada e isso acontece por meio de alguns parâmetros traçados para que todos realizem e possam compreender uns aos outros.
- Materiais concretos: materiais palpáveis em Libras como jogo de memória, dominós de frutas e animais, jogos que associam a imagem ao sinal, relógio em libras, maquetes, miniaturas e outros objetos reais.
- Metodologia Visual: metodologia na qual pela imagem o aluno consegue compreender o contexto e explorar a Libras e o português escrito,
- Datilologia: sistema de representação quer simbólico, quer icónico, das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, por meio das mãos. É útil para entender melhor a comunicação dos surdos, faz parte da sua cultura e surge da necessidade de contato com os cidadãos.

A comunicação visual na escola leva o aluno surdo a criar sua identidade visual, como também a descobrir a interagir no seu universo, pois o sentido da visão é o mais importante na percepção do mundo para o surdo e funcionará como mediador nas relações entre a criança, o ambiente e o professor, trazendo assim benefícios e promovendo a conscientização do aluno, enriquecendo seu vocabulário visual e gráfico, dando expansão à imaginação criadora e ao saber, pela prática na sala de aula.

O conceito de letramento visual para Santaella (2012) se refere à leitura da imagem de forma mais detalhada, o que requer a capacidade de desmembramento da imagem em partes, envolve decodificação e interpretação da imagem como no processo de leitura em voz alta. Para Dondis (2007) o alfabetismo visual pode levar ao enriquecimento humano se se dedicar tempo e maior envolvimento nessa questão. Santaella (2012) frisa que ler uma imagem é dedicar tempo necessário para que essa imagem fale conosco.

Sendo assim, ao pensarmos estratégias e materiais didáticos relacionados a imagem, faz-se necessária uma leitura mais profunda dessa imagem, o que requer olhar sensível para compreendermos o que ela tem a mostrar. Taveira e Rosado (2016, p. 185) observam o uso de imagens na prática de professores e instrutores surdos e comentam que:

> Instrutores surdos demonstram a necessidade de usar imagens contrastantes e associativas, indicando que a captura em revista, jornal ou no Google Imagens, de

> alguns personagens, cenas e objetos são disparadores para detecção das impressões de conhecimento ou desconhecimento, de localização no tempo e no espaço, da descrição possível sobre o que conhece o aluno surdo. Em sintaxe da linguagem visual isso significa buscar (e avaliar) o valor comunicativo, o que poderia alavancar e expandir conhecimento do leitor de imagens: sobre si mesmo, seu meio ambiente, o mundo, o passado e o presente. Pode-se, ainda, comparar intenções de quem seleciona a imagem e os resultados em quem irá interpretá-la, colaborando para enxergar as elaborações dos alunos

No entanto, a visualidade não tem sido levada em conta no ensino de crianças surdas, além de inúmeros problemas que estas enfrentam em seu processo de alfabetização e letramento[4], tendo em vista que seu aprendizado da segunda língua – o Português – se dá sem que maioria dos surdos tenha tido acesso à linguagem, por meio da aquisição da Língua de Sinais. Diante disso, as principais mudanças no currículo da escola dizem respeito à garantia da acessibilidade na comunicação, oportunizada pela interação e pelo acesso ao conhecimento pelos alunos surdos, em Língua de Sinais e pelo ensino da modalidade escrita do Português como segunda língua. Entretanto, faz-se necessária uma nova reflexão quanto aos papéis do professor ministrador de aula nas diferentes disciplinas.

Embora o foco desta pesquisa esteja em escolas bilingues, não há como não citar as inclusas inclusivas que possuem a figura do intérprete de Libras, uma vez que os professores conviverão com o aluno surdo e o intérprete. Fernandes (2007) já afirmava que os professores não estão acostumados a realizar trabalhos interativos com alunos surdos, devido ao fato de não terem a preparação necessária, e isso reflete no ensino e aprendizagem desses sujeitos. Atualmente, tem-se a inclusão como uma perspectiva educacional, entretanto, mesmo com o intérprete em sala de aula, a aprendizagem não tem sofrido mudanças, e o professor não se dirige aos surdos como seus alunos, e, às vezes, o intérprete não consegue explicar todo o conteúdo, pois o professor ministra a aula de uma forma muito rápida, e, devido à falta de compreensão do conteúdo pelo intérprete, por este não ter formação compatível, o mesmo não consegue acompanhar e repassar o conteúdo, o que acarreta em prejuízo ao aluno surdo.

Quanto ao conteúdo didático, precisa estar articulado às vivências da pessoa surda, logo, a linguagem precisa ser simples, direta, completa e, se possível, estar estruturado na Libras.

Ressalta-se aqui que ao professor, cabe a mediação do conhecimento científico (ensinar) e, ao intérprete, a mediação da comunicação de uma língua para a outra (comunicar).

---

[4] Letramento é o estado daquele que não só sabe ler e escrever, mas que também faz uso competente e frequentemente da leitura e da escrita, e que, ao tornar-se letrado, muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura (SOARES, 1998, p. 36-37).

Assim, o docente precisa preparar suas aulas com adaptações visuais e saber como corrigir a avaliação dos alunos surdos. Desta forma,

> O professor, durante as aulas expositivas, pode utilizar algumas estratégias que auxiliem o ILS. [...] ajuda o aluno a visualizar as informações mais importantes; o uso da lousa também pode facilitar o trabalho do intérprete. Muitas vezes, o ILS precisa explicar um conceito que ainda não tem um sinal convencionado e, portanto, fará uso da datilologia – ato que demanda tempo e, se aluno não tiver conhecimento sobre o termo, de nada adiantará, pois, conceito não é desenvolvido apenas a partir da datilologia (LACERDA, SANTOS, CATEANO, 2014, p. 197).

O professor e o intérprete precisam, juntos, criar estratégias para ajudar os alunos a entenderem usando o visual e/ou concreto, para facilitar a interpretação para o intérprete e a compreensão para o surdo, deixando assim, a explicação mais clara. Algumas interpretações não são fáceis de realizar, é difícil para o intérprete explicar algumas palavras, por estas não terem o sinal próprio ou por não conhecerem o conceito para escolher um sinônimo. Para algumas situações de sala de aula, não tendo sinal adequado, o intérprete e o aluno combinam sinais provisórios para fluir a aula e se obter um contexto significativo. Vale ressaltar que a falta de correspondência no que se refere ao léxico das línguas envolvidas se deve a fatores históricos, socioculturais e metodológicos que interferiram no desenvolvimento dos estudos em línguas de sinais e na sua valorização ao longo dos anos. Alunos com pouco domínio de sinais ou pouco entendimento de conceitos não compreenderiam o uso de datilologia.

Se o professor não procurar o intérprete de Libras, baseando-se só na comunicação auditiva, os alunos não entenderão os conteúdos, logo, o trabalho do intérprete de Libras e do professor precisa estar em consonância. Segundo Lacerda, Santos, e Cateano (2014),

> Se o professor não assumir práticas que favoreçam a atuação do ILS (Intérprete de Língua de Sinais) consequentemente a compreensão do aluno surdo fica comprometida. Para desenvolver práticas acadêmicas acessíveis e necessárias, antes de qualquer fazer adaptação curricular, e que haja pareceria entre professores e ILS (LACERDA, SANTOS e CATEANO, 2014, p. 196).

O aprendizado dos alunos surdos depende das relações de adaptações para Libras e Português, na proposta da inclusão, tendo o auxílio do profissional TILS, como processo comunicação Libras/Português. As adaptações de metodologia de ensino e materiais didáticos são importantes os professores, que estarão assumindo uma postura adequada em sala de aula, sabendo como preparar adaptações curriculares para as diferenças.

Fernandes (2007) expõe que não há informações definitivas sobre como relacionar e ensinar alunos surdos. O discurso da inclusão disseminou a ideia errônea de que pessoa com necessidades educacionais pertence à categorias que podem ser classificadas e, logicamente, definidas em um conjunto de características comuns.

Estudos como o de SILVA (2001), expressam que as dificuldades de aprendizagem do aluno surdo, nas diversas disciplinas curriculares, são inerentes à comunicação entre professor e aluno, os quais estão envolvidos, tanto na apropriação da Libras quanto na apropriação da Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, (SILVA, 2001, p. 44 *apud* SILVA, 2016, p.127), explicita que alguns surdos têm dificuldade de compreensão dos conteúdos, por terem atraso de aprendizagem, ou também pela dificuldade nas estruturas linguísticas do Português, que são diferentes da Língua de Sinais, por isso os surdos têm aprendizagem tardia pela falta de informação desde pequenos, ou por eles entrarem tarde na escola, ou também, pela falta de comunicação das famílias.

Os professores de surdos estão preocupados com os alunos, pois estes têm dificuldades de aprendizagem nas disciplinas de História, Geografia, Português entre outras, e ficam sofrendo, porque a aprendizagem nestes casos acontece de forma tardia. Tal fato acontece por conta da influência do uso da metodologia oralista, que no passado obrigava os surdos a falarem para pertencer à sociedade, fato que hoje está sendo minimizado pelo uso da Libras no processo de ensino-aprendizagem. Muitos surdos que hoje já são formados tiveram o passado com um ensino precário, sem intérpretes, tendo sido reprovados, a exemplo da história da autora deste texto. Mas muitos, com persistência, continuaram, se esforçaram e com ajuda de colegas conseguiram compreender o que estava sendo exposto em sala de aula.

> Essas dificuldades com a leitura e a escrita muitas vezes advêm do fato de a grande maioria dos surdos ter dificuldades para aprender uma língua. Isso ocorre principalmente em famílias ouvintes nas quais nasce um filho surdo. Em geral, os pais ouvintes têm dificuldade para se comunicar com seus filhos surdos; assim, a interação que deveria acontecer entre eles muitas vezes não ocorre de forma natural, é forçada, sistemática, pois os pais sentem-se mais confortáveis usando a fala e a audição, e as crianças surdas adquirem linguagem principalmente por meio da visão (GUARINELLO, 2007, p. 53-54).

A dificuldade enfrentada pelos alunos surdos, filhos de pais ouvintes, ocorre pelo fato destes demorarem em compreender a leitura e a escrita, pela falta de comunicação com a família, esta que, sem conhecimento, não estimulava o filho surdo, o que acabava refletindo na sua aprendizagem tardia.

> É fato que a escola não tem oferecido condições necessárias para os alunos surdos construírem o conhecimento. Assim, na maioria das instituições especiais, os professores não utilizam uma língua compartilhada com seus alunos, ou seja, não dominam a língua de sinais e acabam utilizando uma forma de comunicação bimodal para ensinar, usando a fala e alguns sinais concomitantemente. Essa estratégia faz o surdo focar seu olhar para as mãos do professor ou para seus lábios. Se olhar somente para os lábios, compreenderá apenas parte da mensagem; se olhar somente para as mãos, não compreenderá a mensagem da mesma foram, já que verá apenas alguns sinais da língua de sinais desconexos entre si, o que na realidade não forma língua nenhuma (GUARINELLO, 2007, p. 57).

É um conjunto de obstáculos e problemas que gera dificuldades na educação dos surdos, desde antes do seu ingresso na escola, da falta de comunicação com os pais, falta de informação até a pouca formação de profissionais. A escola precisa oferecer aos alunos surdos, uma forma melhor de aprendizagem e desenvolvimento, para evitar que os conteúdos sejam prejudicados.

> É preciso ter em mente que, para a concretização de uma educação bilíngue, os professores regentes necessitam ter um bom domínio da Libras, embora em muitos Estados, o intérprete de Libras se faça presente nas salas de aula. Portanto, o professor regente necessita apresentar o seguinte perfil: O professor deve ter habilidade para levar cada criança a identificar-se como um adulto bilíngue; O professor deve conhecer profundamente as duas línguas, ou seja, deve conhecer aspectos das línguas requeridos para o ensino da escrita, além de ter bom desempenho comunicativo; O professor deve respeitar as duas línguas - isso não significa tolerar a existência de outra língua – reconhecendo o estatuto linguístico comum a elas e atentando às diferentes funções que cada língua apresenta para cada criança (DAVIES, 1994, p. 111-112 apud SILVA, 2016, p. 130).

Para dar conta das questões educacionais na formação do surdo, inclusive da aprendizagem da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, há a necessidade de se inverter a lógica praticada até então nos ambientes escolares e afirmar: "os professores ouvintes de criança surdas é que precisam saber Libras para poderem educá-las" (GESSER, 2009, p. 60 *apud* SILVA, 2016, p. 130). Ainda conforme SILVA (2016) há falta de prática e formação linguística dos profissionais que atuam na área da educação, como a formação dos professores ouvintes para dar aula aos alunos surdos. Esta atuação exige conhecimento da cultura e identidade surda, participação na comunidade surda e utilização de estratégias e metodologias adequadas, bem como a organização linguístico-cognitiva - são poucos os professores com formação linguística e cultural em Libras para auxiliar o aluno surdo na aprendizagem da segunda língua -, por isso este aluno apresenta fracasso, por falta do docente buscar conhecimentos e estratégias para ministrar a aula.

A formação do professor é importante para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno surdo, e essa formação não pode ser de algumas horas de curso de Libras ou de uma Pós-graduação na área da surdez, precisa ser uma formação contínua, e o docente necessita procurar caminhos para alcançar o objetivo de construção uma educação bilíngue para surdos, com o apoio da escola e da família, no intuito de melhorar a educação dos surdos.

Os profissionais que podem trabalhar nas escolas de surdos no Ensino Fundamental de 1° ano até 4° ano, são os professores que têm formação em Pedagogia, Letras/Libras, curso de Libras e Pós-graduação na área da surdez ou ProLibras, e também os profissionais com Licenciatura em outras áreas como Ciências, Biologia, Matemática entre outras, mas todos precisam saber a Língua Brasileira de Sinais e terem conhecimentos sobre a área da surdez.

Pode-se ver, conforme consta no Decreto, a legalidade em se ter a formação para atuar em escolas para alunos surdos. A Lei 10.436/02, artigo 4º, mostra a obrigatoriedade da inclusão da disciplina de Libras como disciplina curricular nos cursos de formação de Educação Especial, Fonoaudiologia e Magistério, e o Decreto 5.626/2005, regulamenta a referida lei para educação bilíngue para alunos surdos, profissionais como professores bilíngues, intérprete e professores de Libras, e estabelece a disciplina de Libras como obrigatória às licenciaturas, ficando indicada aos cursos de bacharelado como optativa.

Faz-se necessário então, prover, nos cursos de licenciatura, conhecimentos para que os futuros professores saibam trabalhar com alunos surdos ou com outras deficiências, de forma inclusiva, além de também ofertar formação continuada para que os atuais professores também consigam fazer a inclusão. Percebe-se que essa realidade ainda é um tanto frágil, incipiente, tendo a necessidade de ser mais consistente e específica, a fim de dar subsídio aos professores para o seu trabalho.

Lacerda (2009) já explicou que no ensino superior, nos cursos de licenciatura, a disciplina de Libras será de grande importância se o seu objetivo for, além do ensino básico da língua, também o de conscientizar os futuros professores sobre as particularidades dessa língua, sobre a diferença entre o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos e ouvintes, além de que precisa garantir ainda, a presença do intérprete de Libras-Língua Portuguesa em sala de aula.

Na universidade, os acadêmicos dos cursos de licenciatura precisam ter acesso a informações e conteúdos que lhe proporcionem saber como usar as metodologias adequadas ao ensino de surdos, para que depois de formados saibam como atuar frente a esse desafio. Contudo, são poucos ainda os professores que conhecem Libras, e os professores que atuam com esse público deveriam procurar orientação em instituições como CAS, FENEIS e outras, para superarem suas dificuldades por meio de formação e, verdadeiramente, efetivarem uma proposta de ensino que dê conta da educação dos surdos.

Na prática do dia a dia os professores surdos usam sua própria língua, a Libras, na sala de aula, lutam por sua identidade, na qual permanecem as possibilidades para valores políticos. Querem construir uma política da diferença, enfatizada pelos povos surdos contra a prática do “ouvintismo”, com seu jeito de ensinar e o seu jeito de comunicar, eles têm identidade de professor surdo, e ensinam também a escrita em sinais. Os alunos se desenvolvem e entendem quando o professor surdo explica, entretanto, o jeito é diferente do utilizado pelo professor ouvinte (REIS, 2009), assim como os professores ouvintes estão

acostumados a ensinar usando a Língua Portuguesa no método oral, os professores surdos ensinam usando a Libras.

Na sala de aula inclusiva não é o intérprete quem ministra a aula para os surdos. É o professor. O aluno, muitas vezes não conhece os sinais da sua própria língua, dificultando muito a aprendizagem dos conteúdos curriculares necessários. O intérprete de Libras, em sala de aula inclusiva, tem o papel de intermediar as ações realizadas entre aluno/professor, professor/aluno, alunos/alunos, contudo, a responsabilidade da sala, dos conteúdos e dos alunos é do professor, seu papel é de ensinar a todos.

> [...] o modo como o professor apresenta certos conteúdos não é acessível à criança surda, sendo necessário, então, que o intérprete adapte a informação, pois a maior parte das informações que o aluno surdo recebe vem do intérprete e não do professor. Apontam também para diferenças no atendimento à criança surda, e aos vários aspectos de sua exclusão (discurso social não acessível, oportunidades de participação diferenciadas, relação discursiva artificial e o contato preferencial com a intérprete). Discutem a necessidade de uma preparação profissional mais apurada e destacam que estas questões são particularmente preocupantes no ensino fundamental, que atua com crianças que estão adquirindo conceitos fundamentais, valores e sociais e éticos, além de estarem em pleno desenvolvimento de linguagem (LACERDA, BERNARDINO, 2010, p. 68).

Professor e intérprete precisam trabalhar juntos, para que a informação chegue de forma correta e clara ao aluno surdo, sendo necessário que ambos organizem, adaptem, e pensem em estratégias para as aulas fluírem, com facilidade à compreensão dos alunos surdos.

Perante a Lei, tudo está completo e funciona. No entanto, na realidade não é isso que acontece, uma vez que os professores não conseguem se comunicar com alunos surdos, pois não conhecem a pessoa surda, sua língua e sua cultura, não fazem adaptações metodológicas e não mudam suas estratégias de ensino.

> [...] A experiência de intérprete de língua brasileira de sinais que atuam em salas de aula do ensino infantil e fundamental, interpretando as aulas e os conteúdos ministrados pelos professores para crianças surdas e também interpretando para os ouvintes (alunos e professores) as ideias e colocações dos alunos surdos neste contexto, focalizando sua atuação, dificuldade, autoimagem e as estratégias utilizadas neste contexto do trabalho (LACERDA, BERNARDINO, 2010, p. 71).

Segundo estes autores, o intérprete de Libras deve ser neutro, ter postura correta ser ético nas interpretações, não omitindo, usar de diferentes estratégias para que a interpretação fique clara, é importante também, o uso de exemplos para que os alunos entendam o contexto. Dessa forma, os professores precisam ter conhecimento e habilidades para trabalhar com os alunos surdos, seja na escola para surdos ou na de inclusão, ter clareza do seu objetivo, e procurar caminhos para construir uma escola bilíngue para surdos.

Percebe-se em (Lacerda 2006 *apud* Lacerda, Lodi 2010, p.17) que no processo de inclusão há professores que pensam que o ensino do surdo seja de responsabilidade apenas do intérprete de Libras. No entanto, tais responsabilidades cabem ao professor, pois compete a ele também a organização de metodologia curricular e adaptação para alunos surdos e, cabe ao intérprete, a transmissão no processo de comunicação entre as línguas Português/Libras e Libras/ Língua portuguesa.

> Para que a escola seja considerada bilíngue há que se considerar o quando ela favorece a participação do estudante surdo nos espaços e ambientes. Assim, o processo comunicativo deve ser tornar mais eficiente e interativo, incentivando cada vez mais professores e alunos a aprender e valorizar Língua de Sinais, a fim de que seja garantida a participação dos Surdos. Nessa escola, é importante que todos se relacionem e promovam trocas entre a comunidade escolar (VASCONCELOS, SANTIAGO, ROCHA, 2016, p. 95).

Os professores regentes e toda a comunidade escolar precisam valorizar o uso da Língua de Sinais para estimular os alunos surdos, logo, na escola é importante a relação aluno-professor para trocar experiências. As metodologias utilizadas podem ser trabalhadas igualmente para alunos ouvintes e surdos na escola de inclusão, valorizando a forma visual e contribuindo na apresentação da língua para as pessoas ouvintes e surdas, valorizando a troca de experiências. Toda a comunidade escolar precisaria saber se comunicar em Libras, para evitar prejuízos aos alunos surdos, logo, os funcionários precisam saber usar Libras para se comunicar e respeitar os surdos na sua primeira língua.

Na legislação vigente, a Lei 10436/2002 e o Decreto 5626/2005 preveem as duas situações: inclusão escolar e educação bilíngue monocultural. No entanto, para qualquer um dos casos é preciso pensar na formação que as universidades brasileiras estão oferecendo para os futuros professores de alunos surdos. Nesse sentido, é notório que a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos currículos das licenciaturas foi uma conquista à educação de surdos.

O grande problema das universidades, atualmente, é que a disciplina de Libras, segundo a legislação, consta com 68 horas na matriz curricular, carga horária insuficiente à aprendizagem, não sendo possível, dessa maneira, serem explorados mais do que conceitos introdutórios na disciplina de Libras. A carga horária da disciplina é, portanto, reduzida em relação ao conteúdo necessário, fazendo com que os alunos tenham pouco acesso ao aprendizado efetivo dessa língua. Como isso, o acadêmico não é levado à aquisição dos conteúdos, o que gera prejuízo à sua formação profissional.

> [...] em sua pesquisa a respeito da inserção da disciplina de Libras em cinco cursos de pedagogia de Instituições de Ensino Superior (IES) da rede privada, ao observar as ementas, objetivos e conteúdos, percebeu que essas instituições buscam, teoricamente, oferecer ao futuro professor uma formação que permita uma interação com os alunos surdos, bem como um conhecimento satisfatório quanto ao

> encaminhamento de atividades, entretanto, devido às cargas horárias propostas (de 20hs a 88hs) na prática, não conseguem desenvolver satisfatoriamente todos os conteúdos, o que poderia promover uma boa formação (MERCADO, 2012 *apud* RECH, SELL. 2016, p. 106).

Na Unioeste, alunos de diferentes áreas, os quais fizeram a disciplina de Libras com a autora dessa dissertação, já relataram a importância de se ter o ensino da Libras direcionado a cada área, uma vez que cada área possui sinais específicos. Há a necessidade de a Universidade ter acesso ao conhecimento da disciplina da Libras, para saber como esta funciona e tratar dessas especificidades da formação.

Constata-se que há professores não têm conhecimento e orientação sobre a educação de surdos, e por isso não sabem como trabalhar com estes alunos, pois lhes faltam a experiência e a prática pedagógica adequada para ensiná-los. As escolas que trabalham com surdos, as universidades e o próprio Estado deveriam oferecer cursos de Libras e afins, como formação continuada, para os professores poderem ampliar seus conhecimentos sobre a língua de sinais e sobre o ensino de surdos.

Os professores que assumem a sala de aula com alunos surdos, precisam buscar apoio com pesquisadores especializados para aprender e conseguir ensinar essas crianças, e isso ainda não garante que elas aprenderão. Estes professores precisam assumir o compromisso político- pedagógico com seu trabalho, ter um acompanhamento de projetos pedagógicos que incorporem a visão inclusiva, a formação continuada, e planejamento didático para as especificidades das necessidades educativas especiais em escola comum (PADILHA, 2010).

O reconhecimento da Libras como língua natural e as discussões políticas de acessibilidade e inclusão originam mais visibilidade à atuação de tradutores/intérpretes de Libras e Língua Portuguesa no âmbito da educação. A formação de intérpretes educacionais tem sido emergencial para que os surdos tenham uma educação de qualidade. O decreto 5.626/2005 prevê a formação desse profissional por meio de cursos se extensão, graduação específica ou em pós-graduação em Libras.

> O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 prevê que a formação de docentes para o ensino de Libras na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental seja curso em nível médio na modalidade normal ou curso de Pedagogia ou ainda curso normal superior; já para o ensino nos anos finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na Educação Superior, deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras e Língua Portuguesa como segunda língua (ALBRES, 2010, p. 67).

Rech e Sell (2016) destacam que no Plano nacional de educação a garantia da oferta da educação bilíngue para os surdos e a preocupação com a formação dos profissionais. Mais

uma vez podemos destacar que a educação bilíngue não está ocorrendo de fato nas escolas, pois a grande maioria dos professores não dominam Libras.

> O novo plano nacional da educação (PNE – 2014-2024), na meta 4, estratégia 4.7, mais uma vez vem registrar a garantia da oferta da educação bilíngue para as pessoas surdas, quer seja em escolas e classes bilíngues, quer seja em escolas inclusivas. Para viabilização desta educação, o mesmo documento preocupa-se também com a formação dos profissionais envolvidos com a educação de surdos, [...] (RECH, SELL, 2016, p. 110).

Os professores devem desenvolver estratégias pedagógicas que despertem o interesse dos alunos surdos, os quais devem ser estimulados a pensar e racionar. Em muitas escolas, os professores ainda utilizam métodos tradicionais, sem levar em consideração as necessidades especiais do aluno surdo, assim o aluno não desenvolve uma aprendizagem satisfatória. Desta forma, podemos compreender que não há algo pronto para a educação de alunos surdos, mas que com as contribuições da literatura e com a formação continuada de professores podemos conhecer práticas pedagógicas que farão diferença à educação dos surdos, garantindo-lhes assim um direito que é de todos, que é o de aprender.

Como citado por (ALBRES, 2010, p. 36), o MEC lançou em 2002 o Programa Nacional de Educação de Surdo, o qual assume a abordagem bilíngue para a educação de surdos, com três objetivos para a formação docente:

a) Promover cursos para formação de professores/instrutores surdos para ministrarem curso de Libras – “Libras em contexto”.
b) Promover cursos para formação de tradutores/intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa, em parceria com a Feneis.
c) Promover cursos para formação de professores de Língua Portuguesa para surdos.

Embora iniciativas tenham sido desenvolvidas no âmbito desse Programa com apoio de Universidades e outras instituições, ainda há um longo caminho a ser percorrido e, espera-se dos governantes mais esclarecimentos sobre a área da surdez, bem como a formação de intérpretes de Libras qualificados para trabalhar nas escolas inclusivas. Quem não está inserido nesta comunidade, não sabe da importância para as pessoas surdas do reconhecimento da sociedade, do reconhecimento da sua língua, e não se preocupam com a educação deste sujeito, que só quer ter seus direitos assegurados, frente a uma educação de qualidade que efetivamente os inclua.

4. ADAPTAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS PARA SURDOS

A inclusão dos surdos na vida escolar necessita de uma mudança de paradigmas na Educação, mudança esta que requer uma nova concepção pedagógica. Alunos surdos chegam à escola (bilingue ou de inclusão) sem saber Libras e português, e precisam aprender na escola a estrutura das duas línguas. Logo, faz-se necessário mostrar-lhes imagem, sinal e palavra, para que possam compreender os significados e conseguir a aquisição da Língua de Sinais, que os ajudará na compreensão da estrutura da Libras e na escrita do Português.

Na escola de inclusão, apenas ter o intérprete de Libras na sala de aula não resolve o problema, é necessário que haja recursos visuais, dando suporte à aprendizagem dos surdos, de forma que suas metodologias devam ser revistas. Na escola bilíngue também há que se fazer adaptação para uma metodologia visual, de forma que, pela imagem, o aluno consiga compreender o contexto e explorar Libras, e, depois da aquisição da Libras, trabalhar o Português escrito, para que não haja defasagem de aprendizagem.

Se o professor for ensinar os conteúdos e só usar a via oral, sem ajuda de algum material visual, o aluno surdo não o compreenderá, pois, o professor precisa mostrar materiais concretos e visuais, para conseguirem entender, num contexto.

> Ter a Libras como abordagem da primeira língua em casa e na escola acarreta-lhe enormes benefícios. As informações podem facilmente e sem esforço fluir entre os pais e filhos e professores e alunos. As crianças surdas desenvolverão a língua da "visão" da mesma forma que as crianças ouvintes desenvolvem as línguas "ouvidas". Isto acarreta benefícios exponenciais ao aprendizado. Aprender a língua da "visão" e conseguir informações através da língua da "visão" aumentará a oportunidade de aprender a língua falada/escrita e, assim conseguirá a capacidade de extrair mais informações através da escrita. Isto é a base da escola, obter informações da escrita a usar a escrita para analisar e sintetizar essas informações (HOFFMEISTER 1999, p. 120-121).

Cada disciplina tem conteúdos diferentes, que necessitam de adaptações visuais específicas. Na disciplina de Geografia, por exemplo, ao trabalhar com o tema zona rural e urbana, o professor pode explorar o conteúdo teórico fazendo relação com o contexto no qual o aluno vive, perguntando se alguém já viveu na zona rural, aproveitando para explorar os vocabulários e conhecer o significado. Após, pode-se trabalhar com recortes de figuras da zona urbana ou zona rural, bem como utilizar vídeos para ilustrar como funcionam as produções nos dois ambientes. Por mais que não as domine de imediato, a criança vai gradualmente tecendo as relações entre os conceitos.

As ações em cada contexto também podem ser descritas como atividade de apoio, a exemplo da produção de leite, algodão e couro, contrastando com fábricas para a produção de

queijo e iogurte. Assim, os alunos entendem como funciona a sequência de produção e as relações entre o meio rural e o urbano. As atividades visuais podem ser variadas, a exemplo de sequência de imagens; relação sinal-vocabulário; frases em Língua Portuguesa correspondendo à imagem e à Libras; perguntas variadas distinguindo a diferença entre zona urbana (comércio, paisagem) e zona rural (produção artesanal, paisagem).

Adaptações das aulas de Ciências podem acontecer de diferentes formas, por exemplo, para o conteúdo que trate sobre a água. O professor explica o texto sobre a temática e faz interação sobre a água, perguntando aos alunos e estes respondendo, para observar a compreensão dos conteúdos. Pode-se também realizar uma visitação à empresa responsável pelo tratamento e distribuição de água (SANEPAR, no caso do Paraná), de forma que os alunos entendam como funciona o processo. Podem ser mostrados os diferentes tipos de água: suja, limpa, salgada, doce e/ou potável. Algumas perguntas podem permear o processo de ensino e aprendizagem, como “Quais lugares têm água?” “Vocês conhecem rio, cachoeira ou mar?” “Quantos litros de água tomam por dia?”, entre outras.

Ainda, o professor pode aproveitar o tema e explanar sobre a Dengue, sobre como evitar deixar água parada; como evitar a doença; os sintomas da doença, como dor no corpo, febre e até em seu estágio mais grave, a morte. Todas as explicações e intervenções do professor garantem o processo de informar, pois muitas vezes os alunos surdos não sabem o conteúdo ou conceito, devido a algumas famílias não os ensinarem por problemas de comunicação.

Nas aulas de Matemática, pode-se fazer simulações de compras, com mercadinho e utilizar dinheiros de brincadeira para os alunos aprenderem a comprar, dar trocos, simulando situações do dia a dia, utilizando-se da Libras para a comunicação; utilizar materiais como rolos de papel higiênico numerados e trabalhar operações de adição, entre outras atividades. Se o professor utilizar apenas a explicação abstrata no quadro, o aluno poderá não entender, logo, se faz necessária a utilização de materiais como os já citados, além dos clássicos (material dourado, blocos lógicos, dominó etc.) que mostrem como somar, como subtrair, mostrar os números em sequência etc. Esses materiais podem ser produzidos de sucatas ou papéis, para que os alunos entendam o processo das operações matemáticas. Estas estratégias auxiliam no visual para que o aluno entenda primeiramente o processo e depois o registre. É importante, também, que o aluno aprenda primeiro o número em Libras e sua representação e, depois, na linguagem da Matemática.

Nas aulas de português, explorar a Literatura Surda e a literatura infantil em Libras, instigando os alunos na previsão dos fatos, por meio da percepção visual, o que irá ampliar seu vocabulário em Língua Portuguesa tornando sua leitura mais autônoma.

Em outras disciplinas também podem ser feitas adaptações visuais e ideias variadas, e configura-se aqui a necessidade de formação continuada, e ressalta-se que os estudos nesta área ainda são recentes, e que apenas agora as pesquisas começam a ser mais divulgadas.

É bastante comum encontrar professores da área angustiados com esta "falta de material" e, justamente por isso, é tão importante a troca de ideias entre os profissionais, o registro e a divulgação destes recursos, seja em encontros pedagógicos, seja via *internet* ou através de manuais ou livros. Cada situação de aula exigirá um material diferente e cada profissional precisará explorar sua própria iniciativa, criatividade e habilidades para "inventar" ou selecionar o recurso adequado à sua realidade naquele determinado momento.

Objetiva-se nesta pesquisa, mostrar a importância de se utilizar materiais visuais nas aulas, e, também, criar momentos de interação e troca de experiências entre os professores. Pretende-se mostrar que, com essas adaptações têm-se bons resultados.

Nas escolas bilíngues é necessário que haja o preparo de metodologia e adaptação visual, que se opte por recursos visuais, se possível com uso de multimídias para que os alunos surdos possam compreender com clareza os conteúdos, e que se utilizem ainda, estratégias para que o aluno explore a Libras e a língua portuguesa em contexto, simulando situações do cotidiano. Há que considerar também que os alunos se encontram em diferentes níveis de aprendizado, por conta de diversos fatores como idade de aquisição da Libras, incentivo e uso da Libras pela família, motivações individuais, entre outros. Por isso, o professor precisa estar preparado para lidar com as especificidades de cada aluno, buscando se qualificar por meio de cursos sobre ensino de português como segunda língua e conhecimento do processo de aquisição da linguagem das crianças surdas para não se utilizar de generalizações no ensino desses alunos.

Os professores precisam se unir e trocar ideias, criar estratégias de como trabalhar com alunos surdos usando materiais visuais, pesquisando e buscando conhecimentos novos e trocas de experiências, realizar pesquisa pela *internet* de como fazer uma adaptação de aula para aluno surdo. Há sites com materiais adaptados que podem ser utilizados para trabalhos com surdos. A produção de materiais é indispensável, os professores precisam criar recursos didáticos que possam ser utilizados na educação de surdos, e é necessário contar com esses materiais para que se consiga alcançar a compreensão do aluno, para que consiga alcançar o conhecimento. Não há muitos recursos prontos, o que torna importante a troca de ideias entre

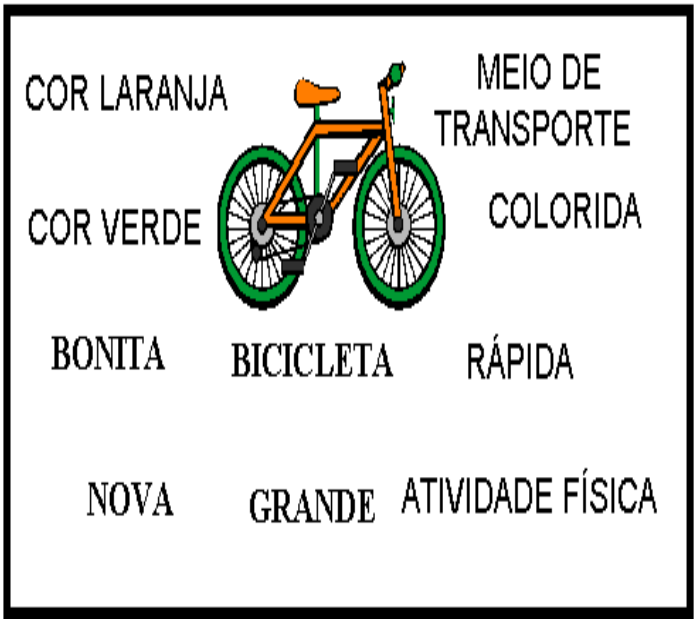
os profissionais desta área, e, posteriormente, é necessário o registro e a divulgação destes recursos, sejam em encontros pedagógicos, ou na internet, ou livros para pesquisa, para que demais profissionais tenham acesso, orienta Quadros e Schmiedt (2006).

Quanto ao conteúdo didático, este deve estar articulado às vivências da pessoa surda, logo, a linguagem precisa ser simples, direta, completa e, se possível, na estrutura da Libras. As escolas recebem jogos e atividades adaptados, mas estes, às vezes, não são utilizados, pois não são adequados à realidade dos alunos surdos, e os professores, conhecendo a necessidade de cada um, busca criar e preparar seu próprio material para usar em suas aulas.

Na prática, a escola bilíngue precisa ter professores ouvintes com fluência em Libras para poder ensinar a Libras como L1 e o Português escrito como L2. Alguns surdos possuem dificuldade em escrever devido à sua experiência superficial como leitores, seja pela falta de incentivo externo, seja pela falta de motivação pessoal. Além de Libras, é preciso conhecer vocabulário da L2, praticar a escrita de pequenos textos e ampliar para textos mais extensos.

A comunicação e sua estrutura estão ligadas, porque na aquisição dos primeiros sinais, os significados começam a serem construídos de forma visual, por meio do contato com outros sinais visuais, e começa a formar a expressão, os sentidos, os conceitos visuais, a relação da Língua de Sinais com estrutura de Libras e com a escrita do Português, que têm estruturas diferentes. A Figura 1 traz a imagem de uma bicicleta e algumas características que podem ser utilizadas tanto para descrevê-la, como para que o aluno conheça as palavras, aumentando o seu vocabulário.

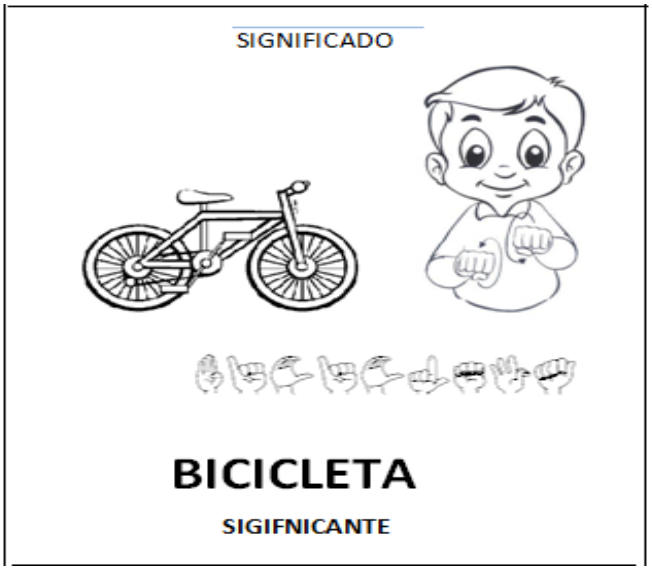
Figura 1 - Exemplo de características para descrever uma bicicleta



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

O professor deve apresentar a imagem da bicicleta e solicitar que os alunos surdos pensem em palavras que podem ser usadas para descrever o que veem. Primeiramente os alunos respondem em Libras, fazendo a interação com o professor, depois trabalham a escrita das palavras para ampliar o vocabulário e compreender o contexto. Podem ser usadas outras figuras com outras palavras para explicar conteúdos, como: animais, frutas, objetos e suas características e adjetivos, e solicitar aos alunos surdos que respondam às indagações feitas pelos professores em Libras, utilizando a soletração, e, em seguida, escrever as palavras no quadro e solicitar que os alunos organizem frases no contexto estudado, para melhor fixação do conteúdo, criando uma relação significado-significante, como expressa na Figura 2, para o exemplo da bicicleta.

Figura 2 - Representação visual do signo linguístico BICICLETA em Português e Libras



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

O **Significante é** o elemento perceptível, é a forma. Situa-se no olhar ou ouvir no plano da forma, é a parte material que está diante de nós e esperando ser interpretada com os olhos ou com os ouvidos ou tato, já o **Significado** é o conteúdo, é aquilo que acaba por se traduzir em outro pensamento na mente de quem faz a leitura. Leitura imagética, visual, sonora, tátil. **Signo** é o significante mais significado; precisa afetar a mente de tal modo que determine nela algo que é provocado ou sugerido pelo sujeito.

Os ouvintes ouvem a palavra e compreendem o significado. Os surdos veem a imagem e reproduzem o sinal, e assim compreendem o conceito e o significante da palavra. A escrita não é uma forma boa de adaptação visual para o surdo, que precisa também usar a imagem para entender seu significado. As imagens por si só, porém, nem sempre são bem entendidas

pelos surdos, sendo visual-espacial o melhor jeito de representar o mundo para o surdo. O significado é a imagem, e o significante é a palavra. Neste exemplo, os alunos poderão a partir do significante produzir significados (outros signos surgirão, pois eles poderão construir um sentido para o objeto a partir da leitura da palavra ou da imagem ou do signo e dos vários elementos em conjunto), por exemplo, a figura de uma bicicleta pode trazer à memória experiências dos alunos como quando aprenderam a andar de bicicleta, os tombos que caíram, e outras vivências que podem se tornar referências na construção contextual do conhecimento, acrescentando no caso verbos como "cair", "comprar", "quebrar" entre outros.

> Reily (2003) demonstra a complexidade do trabalho com imagens que traz consigo o conceito fundamental do *raciocínio lógico*, com a imagem permitindo generalizações e pensamentos relacionais, e o *raciocínio classificatório*, ao trazer características como léxico, traçando-se um paralelo com o processo de letramento verbal. Para tanto seria necessário apreender e dominar a *lógica da imagem*, ou seja, saber extrair essa lógica, e assim, agir cognitivamente sobre o objeto imagético. Nesse aspecto, "para o surdo, necessariamente, a forma possível de perceber e representar o mundo será por veículos de natureza visual e gestual, já que a significação não será processada por vias que dependem da audição" (p. 177 apud TAVEIRA, 2014 p. 76).

Um exemplo da dificuldade de compreensão do surdo é quando a palavra em Português tem duplo sentido, como "banco" pode ser banco da praça ou banco onde se coloca dinheiro, por isso que, para o surdo, o visual é importante, principalmente quando estamos falando de crianças, as quais muitas vezes não são alfabetizadas ou não dominam a Libras. Se o professor escrever a frase "Ficou combinado que nos encontraremos no banco", o surdo não saberá diferenciar se o combinado é no banco da praça ou no banco instituição financeira.

Outro exemplo da complexidade da compreensão dos surdos é a palavra "vela" que pode ser vela de cera ou a vela de um barco, ou ainda, a conjugação do verbo velar. Se estas frases ou palavras estão em um contexto de conversa, o ouvinte identificará o significado correto, já aluno o surdo vai precisar de figuras, sinais ou que se explique com mais detalhes.

No processo de ensino de L2, também pode-se utilizar mapas conceituais a partir de conceitos básicos. Para Lobato e Bentes (2018, p. 73):

> O Mapa Conceitual é um elemento que possui diversos conceitos que indicam relações entre cada conceito ou palavra os quais usamos para representar algo no mapa. É relevante pontuar que devem estar claros no mapa quais os conceitos contextualmente mais significativos e quais os conceitos secundários ou específicos. Sendo que, em determinado Mapa Conceitual, as setas podem ser utilizadas para dar um sentido de direção a determinadas relações conceituais.

Além da adaptação de materiais e mudanças metodológicas, há que se modificar também a forma de trabalho em sala de aula. A escolha de estratégias a serem utilizadas com

o grupo ou somente com a criança surda depende da oportunidade e das circunstâncias. Seguem exemplos de algumas estratégias que podem ser usadas pelo professor:

- Chamar a criança, abanando suavemente as mãos quando se dirigir a ela é a forma mais adequada, utilizada pela comunidade surda. Antes de falar, o professor deve esperar que a criança olhe para ele. Se ela não o fizer, ele deve tocar levemente em seu ombro para chamá-la;
- Utilizar as mãos para mostrar o tamanho dos objetos;
- Descobrir se a criança está entendendo seu interlocutor, pedindo-lhe que responda às perguntas em Libras.
- O uso dos turnos da conversação, ou seja, educar-se para esperar a própria vez e interagir somente quando o interlocutor terminar sua fala. Isso implica no uso da triangulação, isto é, a pessoa fala, olhando para o interlocutor que, ao mesmo tempo, olha para ela, depois o interlocutor olha para o objeto e, no final, volta a olhar para a pessoa que está falando e continua a prestar atenção à conversa.

A comunicação visual é, portanto, essencial, tanto para o aprendizado da Língua Portuguesa, quanto para a aquisição da Língua de Sinais. A utilização, em sala de aula, de recursos visuais adequados, facilita sobremaneira a compreensão e aprendizagem significativa do aluno surdo. Alguns recursos visuais que podem ser utilizados pelo professor são: objetos concretos, filmes, fitas de vídeo, fotos, gravuras de livros e revistas, desenhos, a escrita e ainda o uso da Língua de Sinais, da mímica, da dramatização, de expressões faciais e corporais, de gestos naturais e espontâneos, os quais ajudam a dar significado ao que está sendo estudado. Para uma melhor compreensão não se deve tomar a palavra isoladamente, mas sempre em contextos significativos, possibilitando ao aluno tecer relações e comentários, incitando-o. Com base neste pressuposto, o professor deve estar atento a todas as formas de manifestação, linguísticas ou não, expressas pelo aluno surdo.

Em suma, o professor que atua com alunos surdos devem estar "cientes da singularidade linguística desse aluno", tal como prevê o Decreto 5626/05, além da identidade e cultura da criança surda para que sua prática pedagógica se baseie em metodologias de ensino que façam uso dos recursos visuais supracitados neste trabalho, e utilize formas de avaliação diferenciadas, especialmente no que se refere à língua portuguesa.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo descreve a metodologia da pesquisa, bem como os seus locais e sujeitos. Essa pesquisa é de abordagem qualitativa, cujo foco está no processo e em seus significados (SANTOS-FILHO e GAMBOA, 1995); é autobiográfica, bibliográfica e com fonte documental, também caracterizada como pesquisa de campo, onde foram realizadas entrevistas com professores ouvintes e professores surdos.

A pesquisa foi realizada em 2017 nas seguintes escolas para surdos[5]: Escola bilíngue para surdos da ACAS em Cascavel; Escola Lucas Silveira – Educação infantil, Ensino Fundamental e EJA (Educação Jovem Adulto) na Modalidade Especial em Foz de Iguaçu - APASFI; e Escola Bilíngue para Surdos – APADA em Toledo.

As três escolas são filantrópicas, e recebem apoio do Governo. Para atuar nelas, os professores precisam ter formação específica, como as ofertadas por PROLIBRAS, FENEIS, CAS, Letras/Libras, Pós-graduações *Lato Sensu* em Educação Especial, ou seja, formação em Libras e/ou na área de surdez. Todos os docentes devem saber Libras, bem como seus funcionários, que atuam como PSS, concursados ou por meio de convênios.

A escola Bilíngue da ACAS em Cascavel possui uma sala de Informática, biblioteca, sala de tablado para aula com a fonoaudióloga, refeitório, sala de professores, sala de apoio, auditório com palco, sala de assistência social e um mini parquinho para recreação. Trabalhavam, no momento da entrevista, quatro professores surdos e dez professores ouvintes, tendo, no momento da pesquisa, dezenove alunos surdos, da pré-escola ao 9° ano do Ensino Fundamental.

O conteúdo curricular é o mesmo da escola ouvinte, apenas o material e a metodologia são próprios ao ensino de surdos. Nesta escola, o professor ouvinte ensina Língua Portuguesa, por seu maior domínio da língua e suas estruturas gramaticais, e os professores surdos atuam no ensino de outros conteúdos. O público atendido é bem heterogêneo, sendo que há alunos com surdez profunda, moderada e alguns com dificuldade intelectual. Ao terminar o 9° ano, os alunos vão para classes comuns do ensino regular.

Na escola Lucas Silveira – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos na modalidade especial em Foz de Iguaçu, há seis professores surdos, onze professores ouvintes, e conta com vinte e dois alunos. Utilizam a abordagem sócio-interacionista, com ênfase na pedagogia visual. Todos os seus professores sabem Libras. Tem alunos com surdez profunda, moderada e leve. Há também alunos com deficiência intelectual

[5] Os números de salas e de alunos se referem ao ano letivo de 2017, ano de realização da pesquisa nas escolas.

e deficiência física associada. Quando concluem o 5º ano do Ensino Fundamental vão para o Colégio Estadual onde há a inclusão. Seus funcionários também atuam como PSS, concursados ou por meio de convênios.

A Escola APADA, de Toledo atuava com o ensino de até 5º ano do Ensino Fundamental e, funcionava de forma semelhante às duas escolas já citadas. No inicio de 2017, havia de 6 professores ouvintes e 4 professores surdos com um total de 20 alunos. Em 2017 os professores que atuavam por meio de convênio saíram da escola, e houve a necessidade de se criar turmas mistas, com alunos de diferentes anos letivos, dada a falta de professores, motivo pelo qual não houve observação de aulas nessa escola, mas somente entrevistas. Por problemas com o Tribunal de Contas, os professores saíram no mês de agosto, e a escola acabou sendo fechada no mês de dezembro de 2017, e os alunos foram encaminhados para estudar em uma escola bilíngue na cidade de Assis Chateaubriand, que fica a cerca de 50 km de Toledo.

5.1 Sujeitos Participantes

Foram entrevistados seis professores que atuam nos 4° anos e 5° anos nas três escolas escolhidas, sendo 3 surdos e 3 ouvintes, os quais ministram aulas da disciplina de Língua Portuguesa (letramento). Em cada série há um professor ouvinte ou um professor surdo, que é quem ministra aulas dessa disciplina, escolhida pela sua importância como segunda língua e para a compreensão dos demais conteúdo.

5.2 Instrumentos e Coleta de Dados

O roteiro da entrevista Semiestruturada (Apêndice I) foi utilizado para entrevistar os sujeitos da pesquisa, realizadas em Libras. Além de perguntas de identificação, o roteiro de entrevista incluiu 10 questões (as quais passaram a serem referenciadas por Q1, Q2,..., Q10, respectivamente) relacionadas às formações continuadas, metodologia, adaptação didática, a prática docente a partir das formações, as necessidades de pesquisa na área da surdez e mais conhecimento sobre como preparar materiais didáticos (Quadro 1).

Quadro 1 – Questões referentes à prática docente

Q1. Tempo de atuação como docente?
Q2. Tempo de docência no ensino fundamental com alunos surdos?
Q3. Tem alguma formação ou curso na área da surdez? Quais?
Q4. Fale sobre sua experiência e atuação como professor em escolas bilíngue para surdos.
Q5. Fale sobre a necessidade de realizar adaptações didático-metodológicas no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo.
Q6. Comente sobre sua experiência quanto à metodologia didático-pedagógica na apropriação dos conteúdos escolares, utilizando a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua.
Q7. Fale sobre uma experiência que lhe marcou quanto ao ensino e aprendizagem do aluno surdo, em que você precisou repensar a metodologia de ensino que estava utilizando.
Q8. Você acredita que as dificuldades de aprendizagem do aluno surdo estão relacionadas à diferenciação linguística Libras/Português e/ou as adaptações didático-metodológicas utilizadas pelo professor? Comente sobre.
Q9. Mediante a estrutura linguística Libras/Língua Portuguesa no processo ensino-aprendizagem do surdo, como você organiza seu planejamento didático-metodológico?
Q10. Fale sobre os avanços e limites quanto aos recursos didático-metodológicos para o ensino e aprendizagem do aluno surdo.

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista com os professores nas escolas bilíngues. As entrevistas foram realizadas individualmente nos meses de novembro e dezembro de 2017. Ao iniciar a pesquisa na escola, a primeira ação foi conversar com os professores surdos e ouvintes, convidando-os a contribuírem com o trabalho a ser realizado, por meio de entrevista com filmagem e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), deixando claro o objetivo do estudo.

As entrevistas dos professores surdos (PS) foram gravadas em Libras, transcritas pela autora para o Português respeitando a estrutura dessa língua, bem como traduzidas para o Português por intérprete de Libras, para então serem analisadas. Para os professores ouvintes (PO), o roteiro da entrevista foi-lhes entregue impresso e eles responderam-no, como questionário em Português, que foi transcrito. Os recursos adaptados na escola também foram analisados, a fim de se verificar se realmente vem ao encontro das reais necessidades de aprendizagem dos alunos. Também foram observadas, uma aula de um dos professores ouvintes e uma aula de um dos professores surdos na ACAS e na APASFI[6], com o objetivo de verificar, na prática, as técnicas e instrumentos utilizados, identificar as adaptações, flexibilizações e estratégias empregadas para atender às necessidades de aprendizagem dos alunos surdos. Os materiais adaptados produzidos e utilizados pelos professores nas aulas foram fotografados.

As respostas dos entrevistados foram transcritas para o Português, respeitando a estrutura da Libras, e, depois, traduzidas ao Português escrito mais estruturado à luz das regras dessa língua. As aulas observadas serão discutidas, bem como os materiais fotografados apresentados e comentados.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da Unioeste, e teve aprovação, conforme parecer disposto no Anexo I. Todos os participantes assinaram o TCLE, cujo modelo encontra-se no Apêndice II.

O foco das análises não se deteve ao profissional (sujeito), e sim em comparar as práticas em sala de aula com os documentos da escola, e na análise das metodologias utilizadas, garantindo-lhes o anonimato. Os dados coletados pelas entrevistas e observações das aulas seguem discutidos no Capítulo 6.

[6] Na APADA não foram observadas aulas devido ao fato de que a escola estava em processo de fechamento no final de 2017, quando estavam previstas essas atividades de pesquisa.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo serão analisados os dados coletados por meio das entrevistas e observações resultantes do trabalho de campo. Inicialmente, serão apresentados os perfis dos entrevistados, seguido dos relatos de professores ouvintes, professores surdos e por fim, o relato das aulas das escolas observadas.

6.1 Análise das entrevistas

Iniciamos este capítulo apresentando, no Quadro 2, as formações e atuação dos sujeitos da pesquisa, que englobam respostas das questões Q1, Q2 e Q3. Utilizamos a notação de PS para Professor Surdo, numerando-o, bem como PO para Professores Ouvintes, também numerado sequencialmente.

Quadro 2 – Formação e experiências dos sujeitos da pesquisa no ensino de surdos

PS1: **Formação acadêmica:** Pedagogia e Letras Libras, com pós-graduação *Lato Sensu* em Educação Especial e Libras. **Disciplinas ministradas:** Geografia, História, Libras, Matemática e Ciência Ensino Fundamental 4° ano. **Tempo de atuação como docente?** 14 anos. **Tempo de docência no ensino fundamental com alunos surdos?** 12 anos. **Tem alguma formação ou curso na área da surdez? Quais?** Sim, SEED ofereceu curso, participei de vários cursos no FENEIS.
PS2: **Formação acadêmica:** Letras Libras/Português, com pós-graduação *Lato Sensu* em Educação Especial e Libras, Docência no Ensino Superior. **Disciplina ministrada**: Todas as disciplinas do 2º ano do Ensino Fundamental I. **Tempo de atuação como docente?** 2 anos. **Tempo de docência no ensino fundamental com alunos surdos?** 1 ano como instrutor e depois 1 ano como professor. **Tem alguma formação ou curso na área da surdez? Quais?** Sim. ProLibras e FENEIS.
PS3: **Formação acadêmica:** Pedagogia, com pós- graduação *Lato Sensu* em Educação Especial. **Disciplina ministradas:** Todas as disciplinas do 4° ano do Ensino Fundamental I. **Tempo de atuação como docente?** Quase 9 anos. **Tempo de docência no ensino fundamental com alunos surdos?** 10 anos. **Tem alguma formação ou curso na área da surdez? Quais?** Sim. Fez cursos da SEED e FENEIS, e tem certificado do ProLibras.
PO1: **Formação acadêmica:** Normal Superior Educação Infantil e Pedagogia, com pós-graduação *Lato Sensu* em Educação Especial e Inclusão.

Disciplinas ministradas: Todas as disciplinas do 4º ano do Ensino Fundamental I. **Tempo de atuação como docente?** 15 anos. **Tempo de docência no ensino fundamental com alunos surdos?** 14 anos. **Tem alguma formação ou curso na área da surdez? Quais?** Sim. ProLibras, e outros cursos oferecidos pela SEED e pela rede municipal de ensino, também a pós-graduação, que abordou conteúdos desta área.
PO2: **Formação acadêmica:** Pedagogia, e está concluindo Letras/Libras. **Disciplinas ministradas:** Todas as disciplinas do 5° ano do Ensino Fundamental I. **Tempo de atuação como docente?** 24 anos. **Tempo de docência no ensino fundamental com alunos surdos?** 24 anos. **Tem alguma formação ou curso na área da surdez? Quais?** Sim, curso adicional sobre surdez, e cursos de formação continuada na área.
PO3: **Formação acadêmica:** Letras Português/Inglês, cursando Letras/Libras, com pós-graduação *Lato Sensu em* Libras, Metodologia do Ensino de Português e Educação de Jovens e Adultos. **Disciplinas ministradas:** Português e Inglês. **Tempo de atuação como docente?** 22 anos. **Tempo de docência no ensino fundamental com alunos surdos?** 12 anos e meio. **Tem alguma formação ou curso na área da surdez? Quais?** Sim. Habilitada no teste para professor bilíngue nível II.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Em relação à formação acadêmica dos professores pesquisados, verificou-se que os cursos de Pedagogia e Letras-Libras se destacam na trajetória acadêmica desses docentes. Encontramos também o curso de Letras Português, Inglês e Normal Superior. É interessante observar que dos 6 professores, 4 possuem ou estão cursando segunda graduação. Como defendemos no referencial teórico a importância da formação continuada, vemos que os professores de surdos têm realmente investido nessa formação, o que pode ser reforçado pelo fato de que 5 dos 6 professores entrevistados possuem pós-graduação na área de Libras ou Educação Especial.

A formação continuada para atuação com alunos surdos também é apontada por Almeida (2012). A autora afirma que:

> [...] investir na formação de professores, tanto em formação inicial como formação continuada é a melhor forma de sanar as deficiências relacionadas à educação de alunos surdos no ensino regular, visto que quase todos os fatores que interferem para que o processo de inclusão seja efetiva estão ligados às atitudes e práticas cotidianas em sala de aula, seja referente à didática do professor, às relações sociais deste para com os alunos ou as relações que ele pode mediar entre os mesmos (ALMEIDA, 2012, p. 41-42).

No que se refere ao tempo de atuação na docência, observa-se que quase todos os docentes possuem ampla experiência na área, sendo que 5 deles atuam entre 9 a 24 anos. Apenas um dos professores está atuando há apenas 2 anos. Considerando que as principais mudanças na Educação de surdos no Brasil se deram nos últimos 15 anos, tendo em vista a própria Lei de Reconhecimento da Libras (10.436 de 2002) e o decreto que a regulamenta (5626 de 2005), a maioria desses professores puderam acompanhar tais mudanças, tendo assim uma visão mais ampla do processo, ou seja, das mudanças de concepções de educação de surdos sob uma vertente mais próxima à Educação Especial para a nova corrente que defende a educação bilíngue, tão destacada no referido decreto.

A questão da proficiência em Libras é outro fator que o decreto 5626/05 destaca e que podemos verificar na formação de 3 dos professores entrevistados. Os demais, embora não possuam a certificação de proficiência demonstram uma preocupação em buscar o aprimoramento na área por meio de cursos diversos oferecidos pela SEED ou FENEIS.

O Quadro 3 traz transcritas as respostas dos professores ouvintes acerca de suas experiências e atuação em escolas bilíngues para surdos.

Quadro 3 – Experiência e atuação dos professores ouvintes em escolas para surdos

Perguntas	**Respostas Dadas**
Q4. Fale sobre sua experiência e atuação como professor em escolas bilíngue para surdos.	**PO1.** Amo trabalhar com alunos surdos, nesses 14 anos aprendi muito com eles, e melhorei minha capacidade de inovação e adaptação de conteúdos, atuei durante um ano como voluntária para ter contato com os alunos surdos e conhecer melhor o seu mundo. **PO2.** Trabalho na escola desde 1993, desde a época do Oralismo e passei por esse processo do ensino "bilíngue". Aprendi Libras junto dos/com os alunos, muitas angústias e lutas. Acho que atualmente o ensino bilíngue é o melhor para o desenvolvimento pleno do sujeito surdo. Porém, ainda há muito que o aprender e desafiar. **PO3.** Desde que iniciei os meus trabalhos na escola bilíngue da ACAS foi com as disciplinas de Língua Portuguesa e Inglês. Percebo o quando de potencial que o nosso aluno surdo possui, pois relacionam os conteúdos aprendidos em sala com seu cotidiano e com as coisas que acontecem no mundo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Após feita a leitura, assistido aos vídeos e analisado as entrevistas, percebe-se uma angústia tanto do professor surdo quanto do professor ouvinte, todos preocupados em proporcionar o melhor para os alunos surdos obterem uma educação de qualidade.

Com relação aos professores ouvintes entrevistados, todos relatam que gostam de trabalhar com surdos e já estão nas escolas há muito tempo, passando por várias

metodologias, mas afirmaram que o Bilinguismo é a melhor abordagem para o desenvolvimento pleno do sujeito surdo, mas ainda há muito que aprender e muitos desafios. Observa-se pelas falas dos professores, ainda em relação à experiência e atuação como professor em escolas bilíngues, que cada professor enfatiza um aspecto diferente, entre os quais podemos ressaltar a adaptação de conteúdos, o ensino bilíngue e o potencial do aluno surdo.

Quadro 4 – Adaptações didático-metodológicas por professores ouvintes

Q5. Fale sobre a necessidade de realizar adaptações didático-metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo.	**PO1.** Os livros didáticos são inexistentes, temos que ir aos órgãos municipais e estaduais para pedir livros que "sobram", pois nunca vem nada para nossa escola. Todos os conteúdos presentes nos livros têm que ser adaptados, pois, o conteúdo é muito complexo para o aluno surdo. **PO2.** O professor precisa sempre buscar novas alternativas de ensino, estar focado na atualidade, ser criativo, pesquisar, buscar novas metodologias/estratégias para ensinar o aluno surdo. Usar de imagens, da tecnologia, de visitas, passeios, etc. O surdo precisa ter acesso a tudo que for interessante, para poder ampliar seu conhecimento. **PO3.** Quando se fala em educação de surdos, já nos referimos à adaptação, pois utilizamos Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda. Mas é necessário lembrar que o surdo é visual, portanto, se faz necessário enriquecer nossas aulas com muitas imagens (figuras, vídeos e outros).

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Nessa questão sobre adaptações metodológicas, houve certa ênfase no uso de imagem e a preocupação com o livro didático colocado como inexistente por um dos professores, e que necessitam solicitar as sobras de outras escolas, exigindo adaptações de materiais feitos para ouvintes. Afirmam também que os surdos são visuais e que, portanto, é necessário enriquecer as aulas além de figuras, com vídeos, e que o professor precisa buscar novas alternativas para ampliar o seu conhecimento.

O Quadro 5 destaca na fala do PO2 aspectos da visualidade, do uso de recursos que ampliam o olhar, ou seja, que exploram mais o canal visual (figuras, vídeos na TV e no Youtube); e PO3 aponta o papel da língua de sinais nas pedagogias surdas. Campello (2008, p. 148) considera que "a técnica da pedagogia visual exige, sobretudo, o uso da imagem, captando em todas as suas essências que nos rodeiam, traduzindo todas as formas de interpretações e do seu modo de ver, de forma subjetiva e objetiva".

Quadro 5 – Experiência didático-pedagógica dos professores ouvintes

Q6. Comente sobre sua experiência quanto à metodologia didático-pedagógica na apropriação dos conteúdos escolares, utilizando a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua.	**PO1.** Numa escola bilíngue precisamos respeitar a língua materna do surdo, a Libras, e em seguida a Língua Portuguesa. Precisamos ser pesquisadores e ir atrás do conteúdo para promoção de uma metodologia criativa e facilitadora à compreensão dos alunos surdos. **PO2.** Ainda acho difícil, em algumas disciplinas encontrar uma metodologia adequada, sinais de algumas palavras, imagens explicativas. Tento adequar os conteúdos, utilizando recursos visuais como TV, vídeo, Youtube. **PO3.** Ao longo desse tempo trabalhando com o aluno surdo é notório perceber que se utilizarmos uma metodologia levando em consideração que meu aluno surdo necessita da Libras para se apropriar dos demais conteúdos, e os resultados serão a aprendizagem do meu aluno, porque faz parte de sua realidade linguística.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Foi solicitado que os professores ouvintes relatassem alguma situação marcante em sua trajetória de ensino de alunos surdos. Nessa questão (Quadro 6), apenas um dos professores relatou de fato uma experiência marcante em que descreve brevemente e fala dos resultados com entusiasmo, o que se pode observar pela expressão "Nossa, como participaram!". O PO1 apenas citou sentir a necessidade de sair da zona de conforto, abandonando métodos tradicionais e de adaptar conteúdos, porém, não especificou de que forma o faz; PO2 relatou utilizar mais vocabulários e imagens, no entanto, pareceu não sentir que foi o suficiente, no que expressou "ainda estou bem preocupada".

Quadro 6 – Experiência marcante de professores ouvintes no ensino de surdos

Q7. Fale sobre uma experiência que lhe marcou quanto ao ensino e aprendizagem do aluno surdo, na qual você precisou repensar a metodologia de ensino que estava utilizando.	**PO1.** No início do meu trabalho com os alunos surdos há 15 anos, percebi a necessidade de sair da zona de conforto, e de metodologias tradicionais, para de fato, evoluir como professora, adaptar os conteúdos e conseguir fazer todo meu trabalho ter significado positivo na aprendizagem dos alunos. **PO2.** Atualmente ando angustiada com o ensino do Português. Fui a alguns cursos e estou tentando "melhorar" o ensino do Português trabalhando mais os vocabulários, a escrita, usando imagens e características do objeto para que o surdo grave a escrita. Ainda estou bem preocupada... **PO3.** Na produção de texto com alunos do quarto ano do Ensino Fundamental, pois foi necessário partir da realidade e do interesse do aluno para fazê-los se interessar. Então percebi que todos os alunos vêm à escola de ônibus, pensei em produzir um texto sobre o trajeto de casa até a escola. Nossa como participaram! O texto ficou riquíssimo em detalhes.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Na visão dos professores os fatores que interferem na aprendizagem dos alunos surdos são bem distintos, sendo que cada professor da ênfase a um aspecto. Os fatores citados no Quadro 7 foram a falta de livros didáticos, a aquisição tardia da Libras e metodologia de ensino.

Em relação a aquisição tardia da língua de sinais, aspecto bastante ressaltado no referencial teórico deste trabalho, Nader (2011, p. 129) afirma que "os efeitos da aquisição tardia de uma língua tornam restritas não só as possibilidades comunicativas da criança em alguns círculos sociais, mas também as possibilidades de aprendizagem de conteúdos (dentre os quais os escolares) veiculados pela língua formal (oral ou de sinais)".

Quadro 7 – Considerações dos professores ouvintes acerca das dificuldades de aprendizagem dos alunos surdos

Q8. Você acredita que as dificuldades de aprendizagem do aluno surdo estão relacionadas à diferenciação linguística Libras/Português e/ou as adaptações didático-metodológicas utilizadas pelo professor? Comente sobre.	**PO1.** As dificuldades são orientadas a diversos fatores, inclusive aos apresentados no enunciado, às diferentes bases estruturais das duas línguas e a não produção de livros didáticos para o trabalho com os surdos por parte dos órgãos competentes dificulta ainda mais a aprendizagem. **PO2.** Acho que se eles tivessem acesso à Libras desde pequenos, nas suas casas, e entrassem pequenos na escola (escola bilíngue) essas dificuldades seriam menores. Acho que é bem atropelado o ensino dos surdos. Como chegam tarde à escola, eles têm que dar conta de aprender a Libras e o Português tudo junto, o que atrapalha no seu desenvolvimento linguístico. Como são duas línguas diferentes, primeiro esse aluno deveria estar inserido na sua comunidade com seus pares, aprendendo e desenvolvendo a Libras para depois aprender o Português. Aqui na escola, procuramos usar várias metodologias para ensinar, respeitando a identidade de cada um. Por isso acho que a maior dificuldade é o aprendizado da L1 tardiamente. **PO3.** Na maioria das vezes, as dificuldades de aprendizagem do aluno surdo estão mais relacionadas à falta de adaptação didático metodológica, pois o aluno surdo necessita da Libras e de uma aula que explore muito o visual. Se aplicadas metodologias diferenciadas, o desenvolvimento do aluno surdo será muito mais eficaz.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Indagados sobre a organização de material e seu planejamento, houve as respostas descritas no Quadro 8. Nessa questão são citados no planejamento, a organização de materiais adaptados, que incluem imagens, cartazes e materiais concretos; adaptações visuais, aula adaptada e metodologias novas. No entanto, tais adaptações visuais parecem se resumir em

mostrar a imagem, apenas como ilustração, repetição, redundância. As aulas adaptadas, na realidade se referem à imagem e aos sinais usados.

Quadro 8 – Organização do planejamento-didático por professores ouvintes

Q9. Mediante a estrutura linguística Libras/Língua Portuguesa no processo ensino e aprendizagem do surdo, como você organiza seu planejamento didático-metodológico?	**PO1.** Busco os conteúdos nos livros das diferentes disciplinas e Língua Portuguesa, e adapto todo o conteúdo a ser trabalhado através de imagens, cartazes, sinais (imagens) e materiais concretos. **PO2.** Organizo pensando no sujeito surdo, nas suas necessidades linguísticas, porém respeitando as regras da escola (conteúdos, PTD e PPP) que é regida pelo Núcleo Regional. São feitas as adaptações "visuais" necessárias. **PO3.** Parto do princípio do respeito à estrutura da Libras, mas como está em pauta a Língua Portuguesa, sempre apresento a estrutura da Língua Portuguesa, mas sem cobrança de todas as normas. Respeito muito nas avaliações a escrita dos surdos.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

O Quadro 9 traz reflexões acerca de avanços e limites observados pelos entrevistados sobre recursos didático-metodológicos para o ensino e aprendizagem de surdos. Observa-se por parte de PO1, grande preocupação com o livro didático, demonstrando um certo tradicionalismo da memorização, de correr atrás de um prejuízo que estaria na falta de livro didático e de materiais visuais.

Quadro 9 – Avanços e limites quanto aos recursos didático-metodológicos por professores ouvintes

Q.10. Fale sobre os avanços e limites quanto aos recursos didático-metodológicos para o ensino e aprendizagem do aluno surdo.	**PO1.** Infelizmente, no que diz respeito à produção de livros didáticos pedagógicos pelas editoras, vejo como praticamente inexistente. E, mesmo com tantos reconhecimentos e avanços, há a necessidade de inúmeras melhorias. **PO2.** Durante esse ano de docência com surdos, acredito que os recursos melhoraram no que diz respeito ao "visual", há novas tecnologias que permitem o uso como celulares, computadores, multimídia, TV, Legenda, etc. Atualmente, a vídeo chamada do WhatsApp tem sido bem utilizada, pois é em tempo real, podendo uma notícia, uma mensagem, uma aula ser passada "ao vivo" para os surdos. **PO3.** Houve muito avanço no ensino do aluno surdo quanto aos recursos didáticos, pois podemos contar com as mídias para explorar qualquer conteúdo. Podemos pesquisar em tempo real todos os conteúdos no computador, usar multimídia para melhor expor as aulas e outros mais.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

No Quadro 10, o relato de PS3, merece destaque por se tratar de professor surdo que demonstra maior envolvimento emocional com os alunos surdos. Ao enunciar “sinto como se fossem meus filhos” isso fica ainda mais evidente, além da preocupação com as consequências sociais que a não aprendizagem da LP poderia acarretar, como o medo de esse aluno ser inferiorizado. Observa-se esse sentimento de responsabilidade pela aprendizagem das crianças surdas também em PS1, ao se colocar como “modelo de identidade surda para incentivar os surdos”. Esses aspectos são mais fortes do que a preocupação com adaptações e utilização de materiais, que são preocupações dos professores ouvintes.

Quadro 10 – Atuação do professor surdo em escolas bilíngues para surdos

Perguntas	Respostas Dadas
Q4. Fale sobre sua experiência e atuação como professor em escolas bilíngue para surdos.	**PS1.** No começo da minha experiência eu buscava muitos materiais visuais para aprender. Com os surdos tinha interação visual na comunicação. Os professores de Português me auxiliavam, trocávamos experiências e eu adquiria conhecimento. Eu precisava desse desenvolvimento, pois era um modelo da identidade surda para incentivar os alunos surdos. O bilinguismo é muito importante para ter o ensino do Português e da Libras, não só focar no ensino da Libras, porque existem outros conteúdos como Geografia e Ciências que os alunos precisam acompanhar, ter ao mesmo tempo Português e Libras. **PS2.** Minha experiência foi boa. Existe o Português e a Libras e ambas com gramáticas diferentes e minha experiência foi realizar adaptações nestas línguas, trabalhando com metodologias que direcionem principalmente para o aprendizado da Libras porque ela é a base para todo o aprendizado do aluno e depois o Português na forma escrita. É uma experiência muito boa, mas existe muita dificuldade que aos poucos vamos tentando superar. **PS3.** Eu vejo o surdo na tentativa de entender as atividades. Eu mostro várias vezes e percebo que eles têm muita dificuldade. Procuro mostrar novamente porque fico muito preocupada com eles. Sinto como se fossem meus filhos, quero que eles consigam fazer as coisas. Não quero que eles sejam inferiorizados. Precisa relutar muito com eles e incentivá-los para que consigam superar suas dificuldades. Quando eles têm dúvidas, eu ajudo, os auxilio para que consigam passar de ano. Se eles têm alguma dificuldade no Português, eu mostro o sinal em libras, por exemplo a palavra AMOR, se o aluno não conhece e não sabe o que significa, eu mostro o sinal de AMOR. Precisa ter o Português junto com a Libras para que o aluno consiga compreender. Eu tenho muita preocupação com isso.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

O Quadro 11 traz as respostas dos professores surdos à questão acerca da necessidade de realizar adaptações didático-metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo.

Quadro 11 – Adaptações didático metodológicas pelos professores surdos

Q5. Fale sobre a necessidade de realizar adaptações didático-metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo.	**PS1.** Precisa adaptar, é muito importante. Existem muitos materiais, mas falta adaptação. Os materiais que chegam são para ouvinte. Sendo necessário fazer a adaptação. Exemplo: caso eu pegue o material de ouvinte e aplique direto ao surdo, ele não vai conseguir entender e não irá aprender. Eu preciso fazer adaptações, trocar, fazer resumos, escolher o que é importante. Mas o principal são os conteúdos, importante explicar, só um dia é impossível para explicar, no mínimo uma semana para o aluno compreender. Às vezes as informações em geral da família não chegam ao surdo, ficando para a escola a responsabilidade de transmitir as informações. Por exemplo, na matemática o aluno que tem dificuldade eu preciso explicar todos os dias até o aluno conseguir compreensão do tema. No caso do matemático a adaptação visual é muito importante. O professor procura fazer as adaptações dos materiais. **PS2.** As adaptações são necessárias para conseguir desenvolvimento. Se não existirem essas adaptações o aprendizado fica limitado. Por exemplo, algumas palavras de difícil compreensão precisam ser adaptadas para que se consiga entender ou mesmo conteúdos inteiros precisam ser clareados por meio das adaptações para que se consiga entender com clareza o que o professor quer ensinar. **PS3.** Sim é importante. Às vezes o surdo não sabe por isso eu preciso mostrar a palavra, fazer trocas, apresentar novamente, fazer comparação com outras palavras. Não é um processo rápido. É um trabalho muito lento.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Na questão abordada no Quadro 11 os professores surdos falam sobre adaptações por ser uma questão mais direta. O que se observa pelos relatos é que tais adaptações se referem a resumos, simplificação do vocabulário, explicação do texto com repetição e preocupação com o tempo de aprendizagem, no sentido de não acelerar o conteúdo, mas tomar o tempo que for

necessário pra ter certeza de que o aluno assimilou determinado conteúdo, normalmente relacionado ao ensino de vocabulário da LP.

No que diz respeito à experiência metodológica (Quadro 12), observa-se também preocupação com a ampliação do vocabulário e sua compreensão dentro do contexto, solicitando que o aluno faça interpretações do que leu, pesquisando vocabulários na internet (PS2) e explicando o vocabulário por meio de exemplos (PS3).

Quadro 12 – Experiência dos professores surdos quanto à metodologia

Q6. Comente sobre sua experiência quanto à metodologia didático-pedagógica na apropriação dos conteúdos escolares, utilizando a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua.	**PS1.** Eu uso metodologias diferenciadas, próprias para surdos. Estas metodologias envolvem um maior vocabulário e uma maior necessidade visual. Também é exigido mais quantidade tempo para pesquisas na área. É a importante também utilizarmos conversas sobre os assuntos apresentados em sala de aula para incentivar a comunicação em Libras, como L1. No caso do Português, L2 anotações no quadro podem ser realizadas para que os alunos realizem cópia, sempre iniciando de forma básica e com auxílio visual também. As leituras realizadas no quadro não podem acontecer isoladamente, precisa estar explicando o contexto conforme o avanço na leitura. O professor pode realizar uma pequena leitura, dar uma pausa e solicitar o aluno para que se dirija até a frente e explique o que entendeu da leitura realizada. Tendo esta interação em sala de aula, o aluno conseguirá avançar. **PS2.** Quando necessito fazer alguma atividade eu, primeiramente, entrego um texto para os alunos e eles tentam fazer a leitura. Se não existir compreensão, começo um trabalho explicando em libras. Caso não exista algum sinal referente ao conteúdo, pesquisamos na internet porque às vezes existe algum dicionário pronto sobre o tema e vamos estudando palavra por palavra. Esta pesquisa para compreensão da palavra pode ser realizada aprendendo os sinais em libras ou mesmo por imagens. Podemos imprimir as imagens e realizar as relações existentes no texto com a imagem impressa. A criação de um vocabulário para o aluno é muito importante para ele conseguir aprender. **PS3.** Eu analiso os conteúdos e se acaso tiver alguma palavra que eu não conheça eu converso com o professor e solicito algum exemplo para que eu possa compreender e realizar as adaptações mais leves.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Quando perguntados aos professores surdos sobre alguma situação marcante em sua trajetória de ensino de alunos surdos, observa-se nas respostas do Quadro 13 que são citadas práticas de ensino de modo mais geral, enfatizando ainda o ensino do conteúdo básico e a preocupação com que os alunos estejam todos no "mesmo nível de conhecimento" (PS1). Outra experiência citada foi a adaptações de textos do Português para a Libras (PS2) e a experiência de PS3 se refere ao ensino de vocabulário da língua portuguesa por meio da Libras.

Quadro 13 – Experiência marcante de professores surdos no ensino de surdos

Q7. Fale sobre uma experiência que lhe marcou quanto ao ensino e aprendizagem do aluno surdo, em que você precisou repensar a metodologia de ensino que estava utilizando.	**PS1.** Os alunos que tenho hoje como experiência não moram aqui em Cascavel, são alunos que moram em outras cidades e cada aluno se encontra em um nível diferente, com relação à Libras e aos conceitos preexistentes. Por esta razão, preciso usar estratégias de ensino diferenciadas, para tentar atingir cada um deles. O conteúdo apresentado é o mesmo para todos os alunos, porém eu percebo nos alunos aqueles em que devo aprofundar e aqueles que devo iniciar de uma forma mais básica. As atividades que aplico que são iguais a todos, e procuro sempre auxiliar aquele com mais dificuldade. O que percebo que conseguem avançar, deixo eles primeiramente tentar realizar sozinhos. Minha tentativa é de que todos no futuro tenham o mesmo nível de conhecimento. **PS2.** Minha experiência metodológica são as adaptações dos textos, principalmente do Português para Libras. **PS3.** Em uma atividade de interação entre os alunos surdos, surgiu dúvidas relacionadas as palavras que não conheciam e os mesmos me perguntavam o que significava as palavras. Eu ajudava explicando o contexto aos alunos surdos, eles precisam ter uma interação. Às vezes eles não conhecem a palavra e me perguntam o que significa, ajudo e explico o contexto. Entre os alunos e com a professora, precisa haver interação. Entre eles às vezes não conseguem responder por isso o professor ajuda. Porque Libras é visual e às vezes só a palavra não basta para compreender.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Observando o Quadro 14 nota-se que os professores surdos em geral afirmam haver dificuldades por parte dos alunos no que se refere a aprendizagem do português como L2, no entanto reforçam a importância de se ter paciência e incentivá-los seja por meio de imagens ou da própria língua de sinais. Para que haja aprendizagem importa considerar as palavras de

Pereira (2014, p. 149) que "o professor deixa de ocupar o papel principal no processo de ensino-aprendizagem, de detentor do conhecimento, para assumir o papel de parceiro, ajudando cada aluno a progredir na aprendizagem".

Quadro 14 – Considerações dos professores surdos acerca das dificuldades de aprendizagem dos alunos surdos

Q8. Você acredita que as dificuldades de aprendizagem do aluno surdo estão relacionadas à diferenciação linguística Libras/Português e/ou as adaptações didático-metodológicas utilizadas pelo professor? Comente sobre.	**PS1.** A dificuldade mais presente está relacionada à L2, no caso a Língua Portuguesa. Com relação à L1 – Libras, os alunos possuem uma boa comunicação e fluência, devido ao contato visual ser marcante para os surdos. O Português é uma dificuldade maior e o professor não pode obrigar o entendimento, precisa respeitar o sujeito surdo. Os alunos que apresentam dificuldades no Português devem ser incentivados para alcançar um bom desenvolvimento, precisa ser incentivado a participar da sociedade de um modo geral, e perceber a importância e a presença do Português nos cartazes. O importante é ter muita paciência, pois o aluno pode aprender em um dia e esquecer no outro, necessitando que o professor repita novamente o conteúdo todas as vezes que sentir necessário. O ensino da escrita de sinais também é muito importante, pois ajuda no visual, principalmente no aprendizado da L2. Por isso acredito que precisa usar a Libras junto com a escrita de sinais e o Português como L2 no desenvolvimento do aluno. Em minha sala eu faço este trabalho, pois tenho interesse na evolução de cada um. **PS2.** Existem dificuldades. Os alunos não conseguem compreensão. O professor precisa fazer um texto em Português e junto com o aluno fazer o mesmo texto em Libras e fazer as comparações. A maior dificuldade dos alunos está no Português porque a primeira língua deles é a Libras. Por isso precisa haver uma interação muito grande entre professor e aluno para que a Libras e o Português não sejam trabalhados isoladamente. **PS3.** Existem muitas metodologias novas. São diferentes das antigas. Algumas metodologias ou didáticas, os surdos não conseguem e não se adaptam. Precisam ser realizadas adaptações, mostrando imagens, para que o surdo consiga entender.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Ao analisar o Quadro 15, percebe-se que os professores surdos se preocupam com a aprendizagem da língua portuguesa pelos alunos surdos. Embora PS1 afirme não trabalhar com a LP, relata que em sua prática auxilia o aluno na escrita, verificando a compreensão do

texto escrito por meio da Libras. O professor PS2, ao mostrar ao aluno que as línguas possuem estruturas diferentes, trabalha conhecimentos metalinguísticos que ajudarão certamente o aluno surdo na aprendizagem da L2. Outra preocupação se refere à aquisição de L1 para facilitar na aprendizagem da L2. Nesse caso, PS3 aposta na parceria com a família, que deve aprender a Libras para se comunicar com a criança surda.

Quadro 15 – Organização do planejamento didático-metodológico por professores surdos

Q9. Mediante a estrutura linguística Libras/Língua Portuguesa no processo ensino e aprendizagem do surdo, como você organiza seu planejamento didático-metodológico?	**PS1.** Eu não ensino o Português para os meus alunos. Este trabalho é realizado por outra professora. Eu trabalho as disciplinas sim, e no momento do registro nas atividades, os alunos que tem dúvidas na escrita eu os auxilio. Peço para eles fazerem a resposta em Libras e depois digo se está coerente com a escrita. Ou mesmo peço os sinais e depois o nome em datilologia daquilo que ele está me falando. Sei que eles têm grandes dificuldades no Português e procuro incentivá-los. **PS2.** As adaptações que realizo no meu trabalho é mostrar que a Libras e o Português são línguas diferentes. Quando mostro uma frase, trabalho sua estrutura (objeto – verbo) conforme é organizada dentro de cada língua. A frase, quando organizada na Língua Portuguesa, é mais complicada sua estrutura de estar explicando, os alunos têm dificuldades. Quando mostro a mesma frase na Libras, percebo que os alunos compreendem as estruturas pertencentes em uma frase. O tempo verbal é um tema de muita dificuldade e tento explicar a mudança existente nas duas línguas. No caso de uma disciplina como a geografia, preciso usar muitos materiais visuais para depois compreender as palavras. Em outras disciplinas também preciso realizar este tipo de trabalho. **PS3.** Os surdos têm capacidade de aprendizado, falta mesmo é uma comunicação efetiva. É preciso mais contato com surdos. Fico preocupada com o aprendizado do Português, pois precisa ser avançado e é um processo lento. Precisa chamar a família para que aprenda a se comunicar com o filho. Chamar o pai e vir aprender. Com o apoio da família, o aluno surdo se desenvolverá mais rápido.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Em relação aos avanços e limites (Quadro 16), percebeu-se uma ênfase nos limites, entre os quais se destaca o apoio da família para que a criança não chegue à escola com tanta

defasagem na linguagem, e observa-se também a necessidade de materiais adaptados em Libras para auxiliar no processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos.

Quadro 16 – Avanços e limites dos recursos didádico-metodológicos ao ensino de surdos

Q10. Fale sobre os avanços e limites quanto aos recursos didático-metodológicos para o ensino e aprendizagem do aluno surdo.	**PS1**. O avanço não existe de forma rápida. É um processo demorado. Existem muitos limites a serem superados. Para que haja superação desses limites muitas estratégias precisam ser elaboradas. Precisa utilizar muitos materiais para que o aluno finalmente compreenda o conteúdo. No meu caso, se eu pego algum livro por exemplo, faço as explicações, mostro as imagens e o aluno ainda não compreendeu, preciso buscar outros materiais. Mostro um vídeo, por exemplo, ele entendeu, significa que consegui. Se mesmo assim não atingi o objetivo, preciso pesquisar na internet outras maneiras de me fazer compreensível. Por isso digo que é um processo muito lento. Muitos materiais necessários não estão prontos. Nem existem aqui no Brasil. Por isso nós aqui na ACAS temos a responsabilidade de criar estratégias de ensino. Se o professor não conhece Libras, se não conhece como é o aluno surdo o ensino vai piorar. Os professores com mais experiência conseguem perceber as dificuldades do aluno e organizar estratégias para ele. Se a família não ensina o básico para a criança, é nossa responsabilidade também de começar do básico e ensinar tudo à criança. Isso significa mais trabalho. Quando existir na família a Libras e uma comunicação, o trabalho na escola fica mais fácil. E nós temos aqui esta realidade, por isso dentro da sala existem níveis diferenciados. Percebo que existe pouca adaptação. O ouvinte pensa que a atividade pode ser realizada de uma maneira mais “direta”, e para o surdo isso não pode acontecer, eles acabam não entendendo. Aqui na ACAS aconteceram muitas palestras ou explicações dos professores surdos para os professores ouvintes, mas realmente precisa existir mais formação para esses professores e infelizmente o governo não oferece. Eu percebo que existe uma necessidade muito grande de adaptações de materiais, da minha parte também percebo que às vezes falta, mas os professores não têm muito tempo para pesquisa, a hora-atividade é muito curta para isso. **PS2.** O processo é demorado. O avanço não é rápido. Por exemplo, hoje eu ensino um conteúdo, amanhã preciso retomá-lo. Sempre preciso estar fazendo este processo para que os alunos consigam fazer as relações. Não existem materiais prontos e adaptados. Fica como responsabilidade do professor em organizar estes materiais, produzi-los. Para cada conteúdo, o professor precisa verificar que

	materiais precisam ser organizados e prepará-los. Não adianta ficar somente nos textos. Eles não conseguem aprender somente assim. Os alunos surdos precisam ter acesso ao material visual para conseguir entender com clareza. Aqui no Brasil, não existem materiais prontos. Por esta razão fica a cargo do professor produzir estes materiais, organizar, criar. Quando é solicitado para o Governo algum tipo de material, recebemos apenas materiais escritos, por exemplo, livros e este tipo de material não adianta porque o professor vai precisar preparar material a mesma coisa. Eu sempre crio materiais. Vejo os conteúdos da próxima semana e vejo o que precisa ser adaptado. Às vezes crio cartazes, recorto e colo imagens, crio um vocabulário com a palavra e a imagem ou também crio frases com imagens substituindo as palavras e vamos fazendo este treinamento. Sempre criei os materiais porque somente textos não adiantam e a adaptação é necessária para os alunos aprenderem. **PS3.** A Libras possibilita existir um avanço, mas ainda falta muita informação. Os surdos precisam acordar para o que está acontecendo. Eles não conhecem palavras novas, precisa sempre estar mostrando tudo. A possibilidade do avanço existe, mas precisa estudar muito.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

De forma adicional, ao final da entrevista, foi perguntado ao professor surdo como ele vê o ensino do surdo de forma geral, e seu papel nesse contexto. Seguem as respostas.

PS1: "Penso que são poucos os professores que fazem adaptações, porque os ouvintes acham que é fácil, por ser a Educação um direito de todos. Mas muitas vezes eles não entendem que faltam adaptações. Aqui no ACAS, por exemplo, temos grupo de profissionais que realizam cursos e palestras que explicam para os professores ouvintes como trabalhar com crianças surdas. Mas ainda necessita de mais cursos de formação continuada. O governo não nos oferece nada, precisamos de mais formação para desenvolver nosso aprendizado, percebo que faltam algumas adaptações. Eu sou surdo e já fiz adaptações, entendo que para mim também às vezes faltam materiais adaptados, precisa criar mais, muito mais. O problema é que não temos tempo de organizar e fazer, pois, são poucas as horas-atividade, sendo assim preciso fazer o trabalho de organização das aulas rápido, não tendo tempo de fazer muitos trabalhos porque preciso voltar para a sala ensinar. Nós professores sempre conversamos de como era o ensino no passado, eu tive a experiência de ensinar no período do oralismo, neste

período o governo mandava e tínhamos que respeitar; os jovens daquela época só podiam usar o oralismo não sabiam e não podiam usar Libras, respeitava-se a ordem do Governo. Por muitos anos usou-se o oralismo, somente muito tempo depois que foi liberado no ACAS o uso da Libras, os professores que lecionavam neste período tinham dificuldades de fazer adaptações, porque eles não tiveram na infância a aquisição da Língua de Sinais, só podiam usar a língua oral. Fazer adaptações é um processo demorado, e até hoje não temos professores que trabalham perfeitamente com uma aula 100% adaptada. Mas neste momento outros professores mais jovens ingressam na escola e têm um aprendizado mais rápido, esses já aprenderam algumas técnicas de adaptações, mesmo assim penso que falta formação continuada, precisamos, por exemplo, de uma vez por mês todos os professores da educação especial terem uma interação, conversar e trocar experiências ter uma pessoa para explicar os conteúdos e explicar como ensinar, como fazer adaptações. Também dei minha opinião sobre a importância de usar a escrita de sinais para ensinar os alunos que não sabem. Ter também a experiência de ensinar os alunos surdos a escrever no quadro usando a Língua de Sinais junto com a Língua Portuguesa, segunda língua do surdo, para perceber se haverá um desenvolvimento ou não. A maioria dos alunos surdos não sabe usar a escrita de sinais, só os professores surdos sabem, por isso o problema de ensinar; os professores precisam conseguir fazer as adaptações, é um processo demorado, as adaptações para a Língua Portuguesa (segunda língua dos surdos), muitas vezes precisa de um professor ouvinte para ajudar, mas, por exemplo, os professores ouvintes pouco sabem se comunicar em Libras, os professores surdos ajudam quando esses têm dúvida em sinais, já quando os professores surdos têm dúvidas, eles pedem para os professores ouvintes explicar, como troca de ideia, uma interação. Na verdade, aqui na escola bilíngue nossa proposta, realidade que temos hoje, não é igual ao passado, nossa proposta é de lutar, queremos oficialmente uma escola bilíngue, está em processo, quem sabe no futuro daqui uns 15 anos será perfeito, 100% de aula adaptada, por isso já criamos materiais como jogos de dominó, com a escrita de sinais, jogo da memória e também outras atividades com a escrita de sinais, muitos materiais visuais como tabelas e vários outros. Nas horas-atividade pego meu plano de ensino e vejo qual conteúdo preciso organizar a aula, tem alguns que são rápidos para preparar, outros demoram um pouco, preciso pesquisar sobre o conteúdo, pensar na adaptação, procuro imagem e sinal, faço o xerox das imagens e dos sinais e depois recorto e colo para organizar a aula. Para ensinar um aluno ouvinte não precisa de todo esse processo, é direto, mas para os surdos é preciso respeitar sua primeira língua L1, e esse respeito se dá através do uso de adaptação, da Língua de Sinais, uso de imagens, assim fica mais fácil para o aluno compreender, inicia-se do ensino

mais básico até aprofundar-se, essa é a melhor forma para os alunos aprender. Os brasileiros pensam que é fácil trabalhar com alunos surdos, começam a trabalhar e depois veem que é difícil, querem ser professor de escola de surdos, mas não têm experiência, não sabem fazer adaptação, precisam praticar a Libras. Tem algumas escolas de surdos que não adotaram o método bilíngue para ensinar os surdos, ou não aceitam a escrita de sinais, e ainda usam o oralismo junto com a Libras, ainda tem professores que usam essa forma de trabalhar".

PS2. "Ainda não tem materiais prontos, por isso todos os professores responsáveis precisam criar e produzir seu próprio material, por exemplo, escolher um conteúdo ou tema principal, e, a partir deste, cria-se materiais com ajuda de imagens, esse material precisa ser usado outras vezes. Não adianta só usar texto para ensinar porque o aluno terá dificuldade no aprendizado não terá um desenvolvimento. Eles precisam aprender usando o visual, assim ficará mais fácil de entender e mais claro. Aqui no Brasil tem poucos materiais adaptados disponíveis, e quase não tem material pronto, e por isso é necessário o professor organizar e criar materiais. Eu já pedi que solicitem ao Governo ou a Prefeitura que criem e organizem livros para surdos, e não apenas para os ouvintes, pois esses livros feitos pensando nos ouvintes não adiantam para os surdos, e nós professores precisamos preparar materiais e adaptar esses livros".

PS3. "Percebi que nas escolas estão acontecendo algumas complicações, que tem professor ouvinte que está ensinando Português sinalizado para os surdos, método de ensino que não é claro para os surdos aprenderem, de forma que eles adquirem pouco conhecimento e pouca compreensão dos conteúdos. Tem escola bilíngue que não usa metodologia para ensino de surdo, usam a mesma metodologia do ensino para ouvinte, isso é uma perda de tempo, eles precisam se organizar e focar no ensino para surdos, mas isso não acontece aqui no Brasil, tenho experiência que as escolas bilíngues são mais importantes para os surdos. Professores surdos têm dificuldade em preparar as metodologias de ensino, por isso é importante que professores ouvintes e surdos interajam e façam adaptações metodológicas em conjunto. Preocupo-me em como estimular e melhorar o aprendizado dos alunos surdos, em organizar metodologias próprias para eles, pois as que têm normalmente são metodologias para ouvintes, os professores surdos selecionam os conteúdos e usam de estratégias e adaptação para ensinar melhor, por exemplo, contar historinhas em Libras da Cinderela, dos Três Porquinhos, mostrar filme em Libras, usar multimídia ou jogos, dentre outros, e criar materiais que ainda não são adaptados".

6.2 Relato das aulas observadas

As aulas foram observadas no final do mês de novembro e no começo de dezembro de 2017, e seguem abaixo descritas.

6.2.1 Escola APASFI

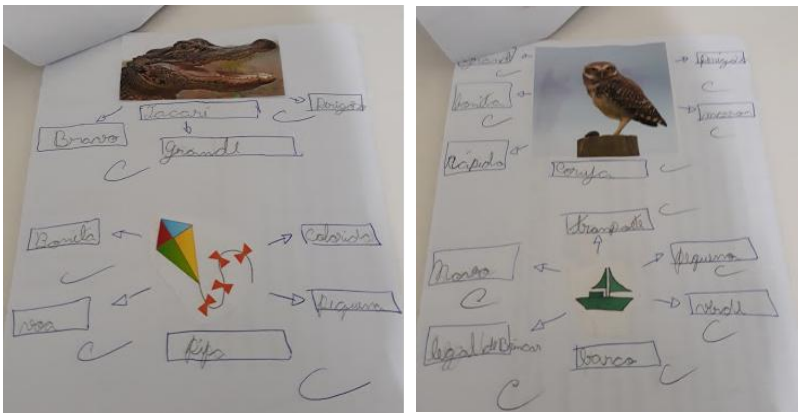
Observou-se a aula de Língua Portuguesa da PO2 na escola APASFI, em uma sala de 5° ano com 4 alunos, cuja professora interage com os alunos por meio da Libras.

A professora afixou no quadro a figura de uma árvore e perguntou aos alunos o que ela representava? Os alunos responderam em Libras sinalizando, árvore, a professora questionou então a palavra que representava a imagem, uma aluna respondeu Á-R-V-O-R-E em datilologia, a professora registrou no quadro a palavra. Para perceber se os alunos compreenderam solicitou-lhes o que significava Á-R-V-O-R-E, e questionou se era de comer? Qual cor tinha? Eles responderam: é natureza, ar, mostrando que entenderam o que a professora perguntou.

Nas paredes das salas estavam afixados cartazes, de figuras visuais com temas do Sistema locomotor, genital, corpo humano, osso, com a escrita das palavras ou com pequenos textos simples, sem nenhum sinal em Libras. No momento da aula, a docente colocou imagens no quadro, de gato, jacaré e menino, e se utilizou da mesma estratégia usada com a imagem da árvore.

Depois, ela solicitou que os estudantes escrevessem as características dos animais, das cores, da natureza, dos transportes, bebidas, comidas, frutas, parte de corpo, dia da semana, meses do ano e estação do ano, como exemplo dado na Figura 3. Após eles concluírem, ela corrigiu no quadro e observou se a atividade foi concluída com sucesso, e dando sequência com a atividade, perguntou o sinal das palavras escritas no quadro. Para finalizar, solicitou a criação de frases simples com os vocabulários das imagens trabalhadas.

Figura 3 - Exemplo de material didático usado pelo PO2 na APASFI



Fonte: Atividade adaptada do livro didático Português alfabetização pela PO2.

O objetivo da professora foi o de estimular os alunos a aprenderem novos vocabulários, para desenvolverem melhor a escrita da Língua Portuguesa e saber usar as palavras em contextos diferentes, haja vista alguns alunos terem dificuldades na escrita e na leitura, pouco vocabulário, e cuja aprendizagem foi tardia.

Observou-se também, aulas da professora surda PS3, a qual ministra a disciplina de História em uma turma de 4° ano com 2 alunos, utilizando Libras, imagens e textos em Português. Ela pediu para os alunos copiarem da lousa um texto sobre o Descobrimento do Brasil, em seguida a professora explicou o texto utilizando a Libras e mostrou imagens de um livro, depois fez perguntas para os alunos sobre o texto, para eles responderem.

6.2.2 Escola ACAS

Na escola ACAS observaram-se aulas da PO3 e dos professores surdos PS1 e PS3. A professora ouvinte, PO3, ministrou a disciplina de Língua Portuguesa em um 4° ano com 2 alunos. Iniciou a aula mostrando a Figura 4, dizendo aos alunos que eles deveriam contar uma história sobre a imagem, na qual cada aluno deveria contar como é o trajeto de ônibus de sua casa até a escola.

A professora questionou aos alunos sobre como chegam à escola. Cada um escreveu no quadro o trajeto que percorre. Pediu que o título fosse “Ônibus escolar”, e explicou como iniciar o texto. Um dos alunos fez o sinal de cada palavra e escreveu no quadro, a professora explicou e corrigiu como escreve, de forma correta, a estrutura da frase, suas vírgulas, preposição, etc.

Figura 4 - Figura utilizada pela PO3 para incentivar a redação

Fonte: Dados da pesquisa gerados pela PO3.

A professora disse que na semana anterior havia conversado com os alunos sobre a figura, que a escreveu no quadro e depois a sinalizou. O objetivo era levar os alunos a conhecerem as palavras, e eles escreverem o texto na estrutura da Libras, para que ela ensinasse a colocar as preposições no texto escrito, porque na língua sinalizada não existe, ensinando como escrever corretamente.

A professora explicou em Libras e os alunos escreveram no quadro, pois objetivava ver se os alunos conseguindo compreender os sinais utilizados. Na sequência, os alunos leram o texto e fizeram o correspondente em Língua de Sinais no quadro. Por fim, deveriam escolher algumas palavras para criar frases.

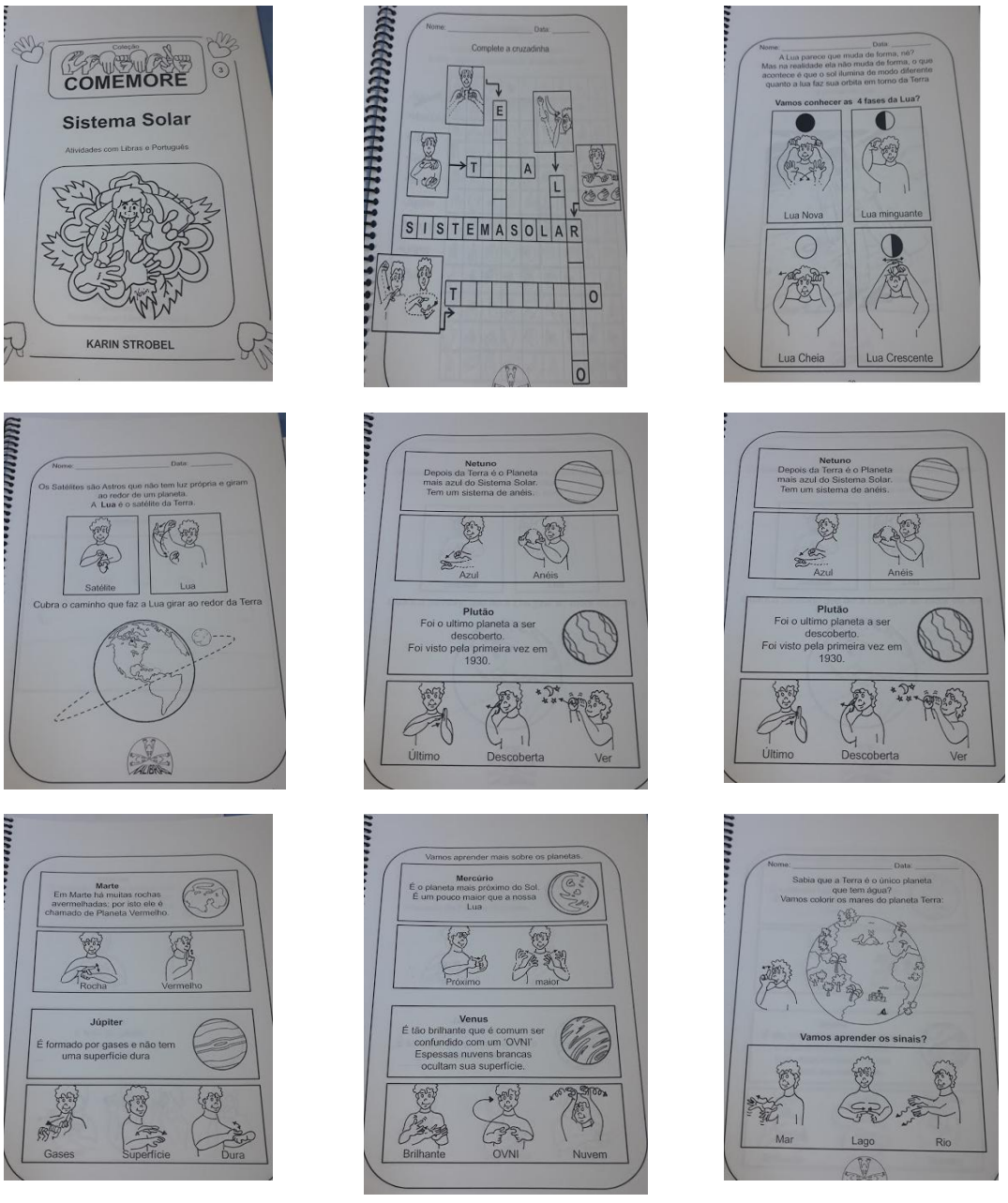
Um dos alunos conseguiu fazer um texto, ler e responder sozinho. O outro teve mais dificuldade em ler, por ter pouco vocabulário. A professora estimula a escrever mais textos, para que eles aprendam melhor a escrita da Língua Portuguesa e ampliem seus vocabulários.

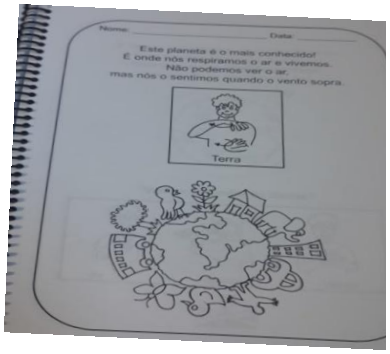
Outro professor surdo observado, o PS1, o qual trabalhou a disciplina de Geografia no 4º ano, com os mesmos 2 alunos, em uma aula cujo tema foi Temperatura e Sistema Solar. Primeiro ele explicou os diferentes climas, a partir de imagens exibidas no *datashow*, entregou papéis com figuras e *SignWriting*, e desenhou no quadro, ao lado da imagem, o sinal. Explicou o texto sobre temperatura (climas) e perguntou às diferenças entre calor e frio, dando exemplos de cidades mais frias e mais quentes, indicando no mapa que a mais fria fica no SUL e a mais quente, no NORTE do Brasil.

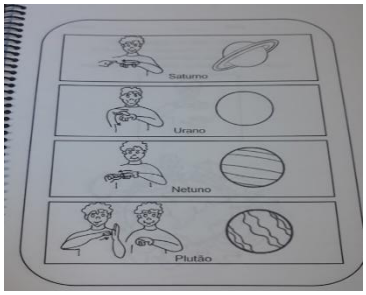
Mostrou na *internet*, a previsão do tempo, as diferenças de cada cidade, algumas com chuva, frio ou calor, quantos grau estava previsto para cada uma e mostrou uma bússola. Perguntou aos alunos como percebem o tempo se terá frio, chuva etc., eles responderam que sabem pela televisão e celular.

Depois explicou sobre o Sistema Solar, e mostrou no projetor multimídia em um site da *internet* os planetas, e depois deu atividades sobre o Sistema Solar retiradas da apostila de Strobel (2016), conforme Figura 5, que traz toda a atividade proposta aos alunos.

Figura 5 - Propostas sobre sistema solar utilizada pelo PS1



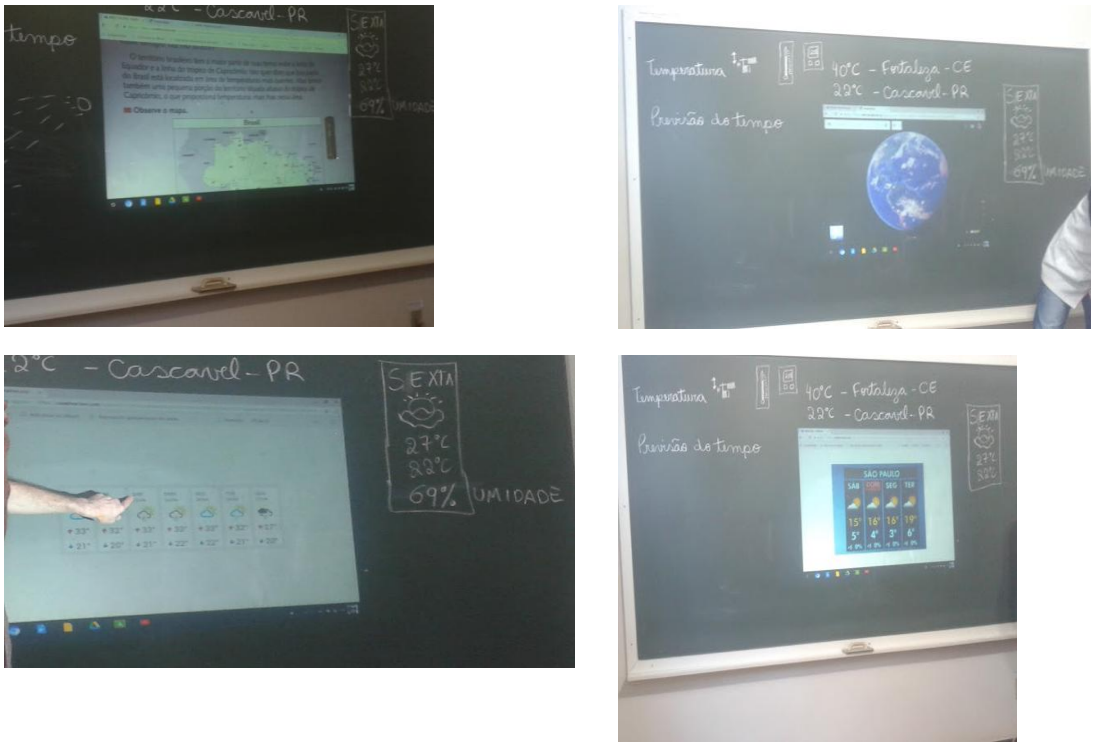




Fonte: Strobel (2016).

O professor realizou adaptação, pois utilizou vídeos da *internet* mostrados por meio do multimídia, utilizou recursos visuais, mostrando imagens, vídeos etc (Figura 6). O texto, o professor explicou em Libras, e, na atividade proposta, utilizou imagem, sinal e escrita da Língua Portuguesa para os alunos entenderem - fica muito claro quando se utilizam imagens, depois o sinal e depois a escrita. O professor e os alunos interagiram, e eles compreenderam com clareza. O fato de o professor ser surdo e utilizar de estratégias visuais ajudaram os alunos a entenderem. O professor serve de modelo por se ter uma identidade surda, os alunos conseguem a aquisição Língua de Sinais com fluência.

Figura 6 - Representação visual sobre Previsão tempo utilizada pelo PS1



Fonte: Dados da Pesquisa: Fotos de aula do PS1.

Outra aula observada foi a do professor surdo PS1, que ministrou aulas da disciplina de Matemática, no 4° ano, e nesta aula esteve presente apenas um aluno, tendo os outros três da turma faltado neste dia.

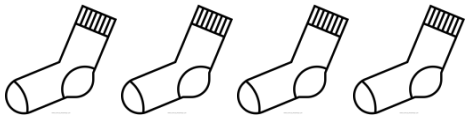
Nas paredes da sala têm cartazes com imagem, figura, escrita e *SignWriting* (SW), números escritos em Português e números escritos em Libras, e palavras escritas na Língua Portuguesa. Essa é uma estratégia de memorização pela observação diária.

O professor trabalhou os conteúdos: ÍMPAR e PAR. Perguntou ao aluno o que é PAR e ÍMPAR, os alunos responderam, e em seguida solicitou que o aluno escrevesse os números PARES e ÍMPARES, para averiguar sua compreensão sobre a sequência dos números Ímpares e Pares. Na lousa, colocou em duas colunas, com giz de duas cores diferentes: de um lado PAR e do outro ÍMPAR para o aluno entender a diferença dos dois e a compreensão ser facilitada. Finalizou fazendo outra atividade, misturando os números, e pediu para o aluno colocar os números pares dentro de um círculo azul e os números ímpares dentro de um círculo verde, em seguida fez a correção. O aluno errou em alguns números e o professor explicou novamente.

O professor explicou também que meia pode ser igual 6, quando se refere a meia dúzia e, que

uma meia = 1

E mostrou a diferença entre 1 par, 2 pares e 3 pares, exemplificando que

1 pares de meia= 

Observou-se uma professora surda, PS4, a qual não foi entrevistada, ministrando aulas de Libras no 3° ano para três alunos surdos de cinco da turma, haja vista dois terem faltado neste dia.

A docente mostrou imagens sobre FRUTAS, o sinal e a escrita da Língua Portuguesa, mostrando o significado da palavra. Solicitou aos alunos qual era o sinal da figura e pediu a soletração do nome da figura. Por exemplo, para a figura da MAÇÃ pediu qual o sinal e a datilologia M-A-Ç-Ã. Outro exemplo, a professora fez a soletração da palavra U-V-A, pediu também aos alunos qual o sinal correspondente e eles mostrando o sinal. Alguns alunos disseram conhecer a fruta, outros não. Em seguida, trabalhou com os seguintes verbos GOSTAR, TER e CONSEGUIR, mostrando também a forma negativa: NÃO GOSTAR, NÃO TER, NÃO CONSEGUIR, de forma contextualizada.

Por fim, fez uma revisão para a prova, sobre o conteúdo advérbio de tempo (meses do ano e dias da semana). Nesta turma, há uma aluna ouvinte que não utiliza a comunicação oral, mas somente a Língua de Sinais para se comunicar com a família.

Nas paredes da sala há muitas figuras e o alfabeto manual. Na prova, a professora solicitou a escrita, imagem e sinal. Veja o modelo da prova no Anexo II.

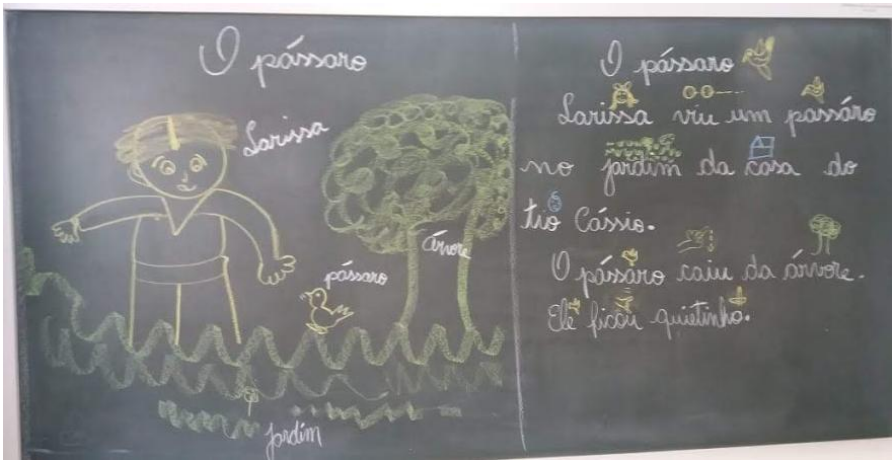
Em todas as escolas observadas, percebe-se ainda, a carência de adaptação de materiais no momento do ensino e organização dos conteúdos. Observou-se também nas visitas, que em uma escola há uma professora ouvinte que não tem muita experiência em realizar adaptações, e que sempre solicita aos professores surdos como preparar e lhes mostra para ver se está adequado ou não ao ensino, demonstrando interesse em aprender e realizar a adaptação. A maioria das escolas compra os materiais prontos, como livros, apostilas, jogos e

atividades *online* e fazem impressão, não realizando suas próprias adaptações, o que dificulta muito, pois esses materiais, como já mencionado, são feitos para alunos ouvintes e não levam em consideração as especificidades do aluno surdo.

6.2.3 Outro exemplo de aula adaptada ministrada na ACAS

Uma professora que não pôde participar das entrevistas se disponibilizou a enviar imagens de uma de suas aulas por *WhatsApp* (Figura 7), demonstrando como trabalha com seus alunos. Essa professora é ouvinte (PO4), e afirma estimular seus alunos a aprenderem os vocabulários e escrita de Português por meio de imagens, que os ajuda a entender e decorar os vocabulários pelo estímulo visual. A Figura 7 traz três momentos da aula: um texto sobre pássaro e um texto sobre macaco, ambos apoiados em elementos visuais, e uma atividade na qual um aluno completa, em Português, o significado das imagens dadas.

Figura 7 - Formas visuais para estimular vocabulário e compreensão de significados



Fonte: Dados da Pesquisa. Fotos de aulas da PO4.

6.3 Outras considerações

Em relação às experiências com a utilização da Libras como primeira língua e o Português como segunda, uma professora relatou que é preciso respeitar a língua materna do surdo, que o professor precisa ser pesquisador, crítico e facilitador. Outro entrevistado mencionou a dificuldade em algumas disciplinas de encontrar uma metodologia adequada. Outro diz que é notória a necessidade do uso da Libras.

Quando perguntado sobre o que marcou e o que precisou ser repensado, um professor mencionou a dificuldade de sair da zona de conforto e do método tradicional, para que seu trabalho passasse a ter significado positivo na aprendizagem dos alunos surdos. Para outro professor, a angústia continua pela preocupação com a Língua Portuguesa. Uma terceira entrevistada cita a falta de interesse do aluno surdo, dizendo que percebeu que se trabalhar com a vivência e com o dia a dia o interesse deles aumenta.

Quando perguntado se as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas à diferença linguística e/ou adaptação, a primeira disse que são vários os fatores, entre eles, a base estrutural das duas línguas e a falta de livros próprios. A segunda diz que se os surdos tivessem acesso a Libras desde pequenos, estas dificuldades diminuiriam, pois aprender duas línguas juntas dificulta a aprendizagem, e que o surdo deveria já estar inserido em sua comunidade e desenvolver a Libras para depois aprender o Português. Já a outra entrevistada cita as adaptações didáticas como a maior dificuldade, pois o surdo necessita de aulas que explorem o visual.

Perguntado como o professor organiza seu planejamento, todos citaram livros, e adaptam os conteúdos por meio de imagens, cartazes, sinais e material concreto, e que respeitam o PTD (Plano de Trabalho Docente) e PPP (Projeto Político-Pedagógico) das escolas.

Quando perguntados sobre os avanços e limites quanto aos recursos didático-metodológicos, embora tenham citado a inexistência de livros didáticos, mencionam os avanços tecnológicos, os computadores, as legendas na TV, o *WhatsApp*, os projetores multimídia, e que hoje com a *Internet* as notícias e atualizações chegam em tempo real.

Em relação aos professores surdos, quando perguntados sobre sua experiência em escolas bilíngue afirmaram que foi boa, encontraram dificuldade em desenvolver materiais adaptados, mas perceberam que trabalhar com o visual é o melhor caminho. Quanto às adaptações didático-metodológicas, todos afirmaram que sim, que é muito importante realizar

as adaptações, porque tudo chega à escola direcionado para o aluno ouvinte e o surdo não as compreende da mesma forma.

Quando perguntados sobre uma experiência na qual precisou repensar a metodologia, o primeiro disse que cada aluno é diferente, que cada um vem de uma determinada cidade, onde a Libras é também diferente, e precisa buscar uma estratégia que contemple a todos. O segundo entrevistado disse que os alunos têm dificuldades com o raciocínio lógico e com o Português, sendo difícil fazer com que os alunos compreendam este processo. O terceiro citou a interação em Libras, na qual o surdo pede o significado de palavras em Português, e então precisa descobrir o seu significado.

Quando perguntados se acreditavam que as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas à diferenciação linguística, todos mencionaram a Língua Portuguesa como uma língua difícil, pois quando explicado em Libras o surdo compreende, e mencionam que têm que ter paciência para explicar várias vezes e repetir os conteúdos, e citam também os verbos como uma dificuldade, que pode ser minimizada pelo uso de materiais visuais.

Em relação à organização do planejamento, o primeiro mencionou que não trabalha com o Português, mas que ajuda a corrigir os erros e estimula o uso da Libras. O segundo diz fazer uso de imagens e vídeos em Libras. O terceiro disse que falta estímulo da família, e que por isso o aluno surdo tem dificuldade em Português, que aprende Libras de forma tardia, o que acarreta em atrasos ao seu desenvolvimento acadêmico.

Em relação aos avanços, o primeiro entrevistado diz que o surdo ainda encontra barreiras e demora a se desenvolver, mas cita a *Internet* como aliada, e a necessidade de os professores e famílias realizarem curso de Libras e aperfeiçoamento sobre como adaptar material para se trabalhar com surdo. O segundo mencionou a necessidade de repetir por várias vezes o mesmo conteúdo para que o surdo compreenda. O terceiro entrevistado menciona a necessidade de os surdos terem contato com seus pares e terem professores surdos como modelos.

Como citado por vários autores e também pelos profissionais entrevistados, o reconhecimento da Língua de Sinais como língua natural da comunidade surda permitiu o fortalecimento indentitário do grupo. Mas ainda precisa ser trabalhado muito para que, de fato, a inclusão aconteça e as adaptações e metodologias sejam colocadas em prática, pois ainda existe muita resistência.

Na visita às três escolas, Escola bilíngue da ACAS em Cascavel; Escola Lucas Silveira – Educação infantil, Ensino Fundamental e EJA (Educação Jovem Adulto) na Modalidade Especial em Foz de Iguaçu (APASFI); e Escola Bilíngue para Surdos – APADA em Toledo

se teve acesso a documentos que norteiam os trabalhos dessas instituições, e foi percebido que as aulas são ministradas em Libras e a disciplina Português é trabalhada seguindo uma metodologia de segunda língua, atendendo aos pressupostos do bilinguismo.

Os estudos a respeito da leitura e da escrita em segunda língua ainda são poucos e muitos recentes. Portanto, é necessário compreender que um ensino bilíngue para surdos é um direito definido pela Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), respaldado na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948). Como Souza bem descreve nesta citação:

> O ensino bilíngue não deve ser pensado apenas na questão pedagógica de sala de aula, quando é disponibilizada a presença do intérprete. Faz-se necessário que o Projeto Político Pedagógico das escolas seja bilíngue, com a participação dos sujeitos surdos, que as políticas educacionais contemplem uma educação que reconheça a surdez como diferença, e, principalmente, ultrapassem os muros da escola e atinjam outras instituições, em especial, a família (SOUZA, 2011, p. 30-31).

Nessa perspectiva, percebe-se que o ensino da pessoa surda precisa ser bilíngue, pois corresponde, como metodologia pedagógica, às necessidades linguísticas e cognitivas da pessoa com surdez, visto que respeita seus traços culturais e cognitivos.

Quando realizadas as observações na escola de surdos ACAS e APASFI observou-se que os professores ouvintes e surdos, têm maneiras diferentes de ensinar: o professor surdo explica com mais detalhes, faz estratégia, faz uso de materiais visuais e interage mais com os alunos surdos, já o professor ouvinte ensina o aluno surdo de maneira igual ao aluno ouvinte, ainda com poucas adaptações. A principal alegação dos professores é a falta de tempo para criar e organizar os materiais e também pela falta experiência. Os professores ouvintes relataram que sempre procuram os professores surdos para obterem sugestões de atividades e adaptações e há uma boa interação, sendo um exemplo aqui de esforço para aprender a trabalhar melhor com o ensino de surdos.

Diante dos relatos e suas análises, bem como das análises resultantes das observações em campo, deixamos a seguir, na conclusão, nossas percepções acerca do estudo e algumas sugestões, com o objetivo de que esse trabalho possa beneficiar, de alguma forma, os sujeitos de nosso estudo.

7. CONCLUSÕES

Sabe-se que é um grande desafio transformar a escola comum existente, porém, esta é a escola para todos e de todos, deve-se, então, transformar suas práticas educativas, vencendo os desafios. Não há como pensar em um ensino para surdos sem uma prática pedagógica diferenciada, e sem compreender que surdos e ouvintes têm características de aprendizado diferentes, passaram por etapas e um processo histórico desigual na escolarização e fazem parte de métodos de ensinos opostos.

Ensinar uma língua escrita para quem desconhece a oralidade é um desafio para os professores que têm alunos surdos em suas turmas. As principais dificuldades não decorrem da surdez em si, mas pela falta de conhecimento da Língua Portuguesa falada. Hoje, boa parte desses estudantes surdos se comunica com a Libras, uma língua visual espacial, que possui estrutura própria. É por meio da Libras que a linguagem da maior parte das crianças surdas evolui, é por meio dela que as possibilidades cognitivas e conceituais para nomear e categorizar a realidade acontecem. É por meio da Libras, portanto, que o surdo tem acesso à cultura, ao conhecimento e à integração social. Como os surdos, em sua maioria são filhos de pais ouvintes, necessitam estar desde muito cedo com seus pares para a aquisição da Língua de Sinal, e a escola bilíngue é uma solução.

No entanto, para que a escola bilíngue seja lugar de aprendizagem e sucesso escolar, a formação de professores é de suma importância na formação inicial nos cursos de graduação, para que o professor saiba trabalhar com esses alunos surdos. Há também a necessidade de formação contínua, para se apropriar de conhecimento linguístico e cultural relacionados ao aluno surdo, o que exige muito além de uma disciplina de graduação.

O conhecimento da realidade escolar de alunos surdos se faz necessária a graduandos de licenciaturas, por meio de estágios, o que contribuiria para que esses graduandos, futuros professores, tivessem contato com metodologias e adaptação didático-visual. Desse modo, ao deparar-se com aluno surdo na sua trajetória profissional saberiam como lidar, de forma a evitar prejuízo no ensino e na aprendizagem destes alunos.

Assim como temos professores despreparados para trabalhar com surdos, esse estudo mostrou que há também professores que conscientes da importância de se aprimorar para contribuir com a inclusão, buscam cursos de pós-graduação em Educação Especial ou em Libras, participam de seminários, cursos de Libras ofertados pelas Universidades e escolas de Surdos. É notório que a obrigatoriedades de Libras nos currículos das licenciaturas é uma conquista para a educação dos surdos, mas o que precisa ser revisto é a carga horaria que é

insuficiente, pois não é possível ser explorado mais do que conceitos introdutórios na disciplina de Libras, levando o acadêmico a ter prejuízo na sua formação. Salienta-se a importância da produção de materiais didáticos, divulgação dos materiais produzidos e das metodologias que deram certo e, também, a troca de experiência entre os profissionais da área.

É fundamental assegurar condições necessárias ao desenvolvimento do aluno surdo, tais como a língua de sinais como principal meio de comunicação e ensino; a capacitação dos professores nessa língua e na cultura surda; a proposição de um currículo que contemple as especificidades do aluno e sua cultura, o estudo das línguas utilizando-se o método *contrativo* entre os sistemas linguísticos (Libras-Português); e a abertura de espaços para a organização da comunidade surda e para as manifestações culturais dessa comunidade.

Segundo (VASCONCELOS, SANTIAGO, ROCHA, 2016, p. 94) é preciso entender claramente sobre o que é uma escola bilíngue, para que as necessidades dos surdos possam ser respeitadas. O *locus* da pesquisa foi três escolas bilíngues e os sujeitos foram 3 professores surdos e 3 professores ouvintes que atuam nessas escolas, nas quais mais do que um compromisso pedagógico, é necessário também compromisso político em favor dos surdos onde os fundamentos da educação passam ser argumentado a partir dos espaços da cultura surda, que pode ser definida como sendo histórico cultural, língua de sinais, identidades diferentes, leis, pedagogia surda, literatura surda, e outros jeitos de ver o mundo, ou seja, dos espaços de Estudos Culturais e em Estudos Surdos.

Na pesquisa destes autores, consta um depoimento de um surdo que diz que não está satisfeito com a forma com a qual fazem uso da Língua Portuguesa, e aponta também o fato de os professores na escola não saberem Libras e deixarem somente por conta do intérprete esta função.

Com a vivência da autora como surda, com as informações obtidas nas entrevistas e com as observações realizadas nas escolas que estão usando o bilinguismo, foi feita uma reflexão sobre o ensino de surdos em geral, e sobre o papel do professor de surdos, em particular. Por meio de tais informações, os professores expuseram suas preocupações, ora centrando-se nos aspectos pedagógicos, ora na falta de materiais, livros, e na necessidade de mais tempo para realizar as adaptações necessárias.

As sugestões dos entrevistados sobre a melhoria no ensino de surdos, em concordância com essa perspectiva de normalidade, podem, apesar do aparente discurso de valorização dos surdos, colocá-los numa posição de desvantagem diante dos padrões exigidos socialmente. Não se pretende, com isso, desmerecer o valor de cada sugestão em si, pelo contrário, muitas

delas poderiam ser valiosas e viáveis, se consideradas sob uma ótica na qual fosse destacada a diferença dessas pessoas, não como algo menor, que devesse ser reabilitado para adaptar-se aos padrões pré-estabelecidos, mas como outra via de desenvolvimento humano. Neste sentido, acredita-se firmemente que é preciso haver uma inversão de valores na visão da surdez. Enquanto persistir a noção de deficiência, mesmo que escondida, persistirá a desvalorização e desconsideração deste grupo, cujo potencial cultural e cognitivo encontra-se em fase de latência, esperando para desabrochar.

As inovações e preocupações pedagógicas que marcam algumas entrevistas dos professores ouvintes, ainda que se constituem em passo importante para a adoção do caráter pedagógico no ensino de surdos, superando a visão clínica de até bem pouco tempo, estão claramente norteadas pelo princípio da normalidade e de adaptação à sociedade, e não pelo respeito à diferença e pela necessidade de participação ativa dos surdos na sociedade, visando contribuir para a sua transformação. Portanto, parece não ser possível, para as professoras, desvencilharem-se de valores socialmente construídos que, mesmo aparentemente superáveis no terreno do discurso acadêmico, estão presentes e de modo muito forte nas relações sociais informais, influenciando decisivamente na construção de sua prática pedagógica.

O que ficou notório em todas as entrevistas e também nas observações realizadas, foi a necessidade de os professores serem pesquisadores, estarem sempre em busca de novas metodologias, serem conhecedores e dominantes de Libras, respeitando a língua materna dos surdos. O professor precisa estar constantemente realizando cursos de aperfeiçoamento, trocando experiências e convivendo com a cultura surda. Não adianta a criação de planos mirabolantes de reforma no ensino impostos aos professores. É preciso ouvi-los, entendê-los e envolvê-los numa nova perspectiva de educação.

É importante refletirmos sobre a pedagogia surda e procedimento intercultural. Esta proposta da ‘pedagogia da diferença’ inspira novos métodos de ensino na educação aos surdos também propícia uma metodologia de ensino que produz o enunciativo do desejo de subjetivação cultural e leva em conta uma estratégia pedagógica e curricular de abordagem da identidade e da diferença, precisamente as contribuições da teoria cultural recente. Nesta posição entra em discussão a construção da subjetividade que celebra a identidade e a diferença culturais.

Como a proposta bilíngue surgiu da reinvindicação dos próprios surdos, podemos afirmar que o bilinguismo inaugura um novo debate na área da surdez, pois defende a primazia da Língua de Sinais sobre a Língua Portuguesa. É importante ainda fazer referência que a educação de surdos deve ser bilíngue desde a educação infantil, e o ensino-

aprendizagem deve ocorrer por meio da Libras como primeira Língua ou Língua 1 (L1) e da Língua Portuguesa, como segunda Língua ou Língua 2 (L2). No entanto, mesmo frente às políticas propostas, percebemos que a educação de surdos ainda deixa muito a desejar e anda a passos lentos.

A metodologia desejada pelo movimento dos surdos é a Pedagogia Surda, haja vista que as lutas giram em torno da constituição da subjetividade do jeito surdo de ser, ou seja, da construção de sua verdadeira identidade e consagração de sua cultura, e que só poderá ocorrer no encontro com seus pares. A Cultura Surda requer, portanto, a presença do professor surdo em salas regulares de ensino assim como nas escolas especiais, a criança surda deve ter aulas ministradas em Libras por professores surdos desde a educação infantil. Entretanto, percebe-se que há um longo caminho a ser percorrido para que, de fato, esta realidade se torne possível de ser vivida pelas crianças surdas brasileiras. Infelizmente, ainda não há professores surdos em número suficiente e preparados para assumirem tais funções, assim como não há professores ouvintes fluentes em Libras para atuarem como tradutores/intérpretes nas instituições e escolas de nosso país.

Pretende-se destacar aqui algumas contribuições dos surdos para que de fato ocorra uma educação igualitária e de qualidade: Curso de LIBRAS para professores e funcionários; contribuição nos planos de ensino, na organização dos PPP e PPD das escolas; presença do professor surdo nas salas de aula; surdos inseridos em projetos de pesquisa nas universidades; implantação de um currículo escolar com a disciplina de Libras nas escolas comuns onde todos aprendam Libras como disciplina.

Observa-se que o referencial teórico apresenta grande preocupação com as adaptações de materiais didáticos e formação de professores para atender o aluno surdo, no entanto, na prática há ainda um grande caminho a avançar.

E, finalmente, para concluir e deixar como sugestão de pesquisa, algumas reflexões: A aquisição da linguagem escrita pelas pessoas surdas nos dias atuais ainda se confronta com muitas limitações. Há a necessidade de se continuar pesquisando para encontrar metodologias diversificadas e adequadas para apoiar o surdo, tanto na leitura como na escrita da Língua Portuguesa, pois a qualidade do ensino, a comunicação entre surdos e ouvintes e o aprendizado acadêmico, possibilitam o crescimento pessoal e pedagógico dos surdos no compromisso de Inclusão. Há que se buscar meios de difundir a Libras aos familiares, comunidades escolares e sociedade, assim, os surdos poderão transformar em realidade a luta por seus direitos linguísticos e pela cidadania, participando ativamente no contexto social em que vivem. Destacamos algumas reivindicações dos entrevistados como a oferta de curso de

Libras para as famílias e comunidade escolares, falta de livros e materiais adaptados, produção de material visual e divulgação de materiais construídos especificamente para o ensino de surdos.

Outro ponto ainda carente de pesquisa são as legislações que contemplam a educação dos surdos nos dias atuais, quais são os direitos do surdo perante uma educação de qualidade e igualitária. O surdo precisa conhecer as leis, pois existe uma série de legislações em relação à educação do surdo, bem como em outros espaços sociais onde o surdo interage, adquirindo conhecimento e garantindo sua fundamentação cultural. Na sociedade brasileira, a legislação sobre os surdos é presente e de forma abundante, isto faz antever a presença de uma série complexa de legislações que não são para a exclusão, mas para o pleno direito à diferença. Estas legislações estabelecem alguns fatores obrigatórios, como por exemplo, a educação especial e a educação inclusiva que, mesmo não garantindo o acesso à cultura surda, garantem o direito à educação.

A realidade da educação de surdos ainda é algo a ser discutido e melhor aprofundado. É inegável a importância da utilização de metodologias apropriadas em sala de aula que beneficiem os alunos surdos sejam em escolas Bilíngues os em escolas comuns. Destaco aqui a importância de um espaço de educação bilíngue onde a Libras seja valorizada como primeira língua dos surdos, tendo neste espaço a existência de uma prática pedagógica que atenda às reais necessidades dos alunos, por meio de didáticas visuais, pois, respeitar as diferenças linguísticas é um primeiro passo para o desenvolvimento pleno do educando surdo. O ideal seria que todos os surdos estudassem em escolas bilíngue onde professores fossem bilíngues e os alunos se tornassem bilíngues (Libras/Língua Portuguesa), assim, a interação professor-aluno não sofreria com barreiras de comunicação. É possível perceber que uma educação de qualidade somente existirá se a relação ensino-aprendizagem for promovida e incitada por ações conjuntas entre escola, professor, famílias e alunado surdo.

Acredito que esse estudo servirá de aporte para outras pesquisas na área, além de proporcionar uma reflexão nas condições que são ofertadas a educação bilíngue aos surdos, e sobre como são realizadas as adaptações curriculares, e sobre como o professor poderá adaptar seus materiais, podendo surgir novos estudos que possibilitem subsidiar a prática docente, seja na sala de aula ou em outro ambiente com caráter pedagógico.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. **Surdos & Inclusão Educacional**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2010.

ALBRES, N. A, SARUTA, M. V. **Programa Curricular de Língua Brasileira de Sinais para Surdos**. São Paulo: IST, 2012.

ALMEIDA, J. J. F. de. **Libras na Formação de Professores: Percepções de Alunos e da Professora. 150 f.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ALVES. F. C (et al.). **EDUCAÇÃO DE SURDOS EM NÍVEL SUPERIOR**: desafios vivenciados nos espaços acadêmicos. In: ALMEIDA, WG., org. Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, 197 p. ISBN 978-85-7455-445-7.

ARAÚJO, L. C. N. **A enunciação da diferença no processo de letramento na concepção multicultural da surdez.** In: Congresso INES: Múltiplos Atores e Saberes na Educação de Surdos. De 23 a 25 de setembro de 2009 (organização). INES. Divisão de Estudos e Pesquisa – Rio de Janeiro. Mesas-Redondas: Alfabetização e letramento, Cap. 4 p. 73-80.

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos –** Ideologias e práticas pedagógicas. 1. Ed., 2. Reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Educação inclusiva para surdos:** desmistificando pressupostos. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 1, 1999, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: PUC Minas, 1999. Disponível em: Acesso em: (20, jul, 2017).

BRASIL. **Lei 10.436 de 24 de abril de 2002**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 18, out, 2017.

BRASIL. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 18, out, 2017.

CLEMENTE, S. DA. A. IR. **Educação infantil:** expectativas, desafios e possibilidade nas três áreas: família, escola e sociedade. In: Congresso INES: Múltiplos Atores e Saberes na Educação de Surdos. De 23 a 25 de setembro de 2009 (organização). INES. Divisão de Estudos e Pesquisa – Rio de Janeiro. Mesas-Redondas: Educação Infantil: expectativas, desafios e possibilidades Cap. 3 p.68-72.

CAMPELLO, A. R. S. **Pedagogia Visual na Educação Dos Surdos-Mudos Florianópolis**, fevereiro de 2008. Disponível em <http://www.cultura-sorda.eu/resources/Tesis_Souza_Campello_2008b.pdf >. Acesso em 12 de outubro de 2018.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERNANDES, E. **Surdez e Bilinguismo.** Org.: Ronice Mulher de Quadros - Porto Alegre: Editora Mediação, 5º edição. 2012.

FERNANDES, S. **Educação de surdos.** Curitiba: Ibpex, 2007.

FERNANDES, S. **Prática de letramento na educação bilíngue para surdos.** Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Fernandes_praticas_letramentos-surdos_2006.pdf Acesso: 19, jul, 2017.

FONSECA, V. **Educação Especial. Porto Alegre**: Artes Médicas, 1995.

FREITAS. A. P, WATHIER**. J.A. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DO SUJEITO SURDO: USO DOS INSTRUMENTOS ESPECÍFICOS**. 2.016 p.4 e 5. Universidade São Francisco.

https://www.usf.edu.br/ic_2016/pdf/pos/educacao/ALFABETIZACAO-E-LETRAMENTO-DO-SUJEITO-SURDO-USO-DOS-INSTRUMENTOS-ESPECIFICOS.pdf Acesso: 12/10/2018.

GUARINELLO, A. C. A. **Proposta Bilíngue:** Língua de Sinais e Escrita. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**.** Cap.2, p. 45-60. São Paulo: Plexus, 2007.

HOFFMEISTER, R. J. **Famílias, Crianças surdas, o mundo surdo e os profissionais da audiologia.** In: SKILIAR, C. Atualidade da educação Bilíngue para surdos. Cap.9 p. 113-130. Volume. 2° Edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

KYLE, J. **O Ambiente Bilíngue:** Alguns Comentários sobre o Desenvolvimento do Bilinguismo para os surdos. (Cap. 1) In: SKLIAR, C. (Org.). Atualidade da Educação Bilíngue de Surdos. Volume 1. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999, p. 15-26.

LARCERDA C. B. F, SANTOS, L. F, CAETANO J. F**. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos**. In: LACERDA, C. B. F., SANTOS, L. F. Tenho um aluno, e agora? Introdução à LIBRAS e educação de surdos**.** Cap. 11 p. 185-200**.** 1ª Edição. São Carlos: Editora EDUFSCAR, 2014.

LACERDA, C. B. **Intérprete de Libras:** em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LACERDA C. B. F, BERNARDINO, B. M. **O papel do intérprete de língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização.** In: LACERDA, B. F; LODI A. C. B. Uma escola, duas línguas letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Cap. 4 p. 65-79. 2ª Edição. Porto Alegre-RS: Editora Mediação, 2010.

LACERDA, C. B. F, LODI, A. C. B. **Ensino-aprendizagem do português como segunda língua:** um desafio a ser enfrentado. In: LODI, A. C. B, LACERDA, C. B. F. Uma escola, duas línguas letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Cap. 9, p. 143-160.2° Edição. Porto Alegre-RS: Editora mediação, 2010.

LACERDA, C. B. F, LODI A. C. B**. A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos:** princípios, breve histórico e perspectivas. In: LODI, A. C. B, LACERDA, C. B. F. Uma escola, duas línguas letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Cap. 1, p.10-32. 2ª Edição. Porto Alegre-RS: Editora Mediação. 2010.

LACERDA, C. B. F; SANTOS, L.F. **Tenho um aluno surdo. E agora?: Introdução `à Libras e educação de surdos.** São Carlos: EdUFScar, 2013, p. 254.

LOBATO, H. K. G.; BENTES, José Anchieta de Oliveira. **O uso de Mapas Conceituais na Pesquisa de Representações Sociais**. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; OLIVEIRA, Waldma Maíra Menezes de; LOBATO, Huber Kline Guedes (Orgs.). Pesquisa educacional sobre representações sociais: o uso da técnica do desenho e dos mapas conceituais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 90.

NADER, J. M. V. **Aquisição tardia de uma língua e seus efeitos sobre o desenvolvimento cognitivo dos surdos** / Júlia Maria Vieira Nader. –Campinas, SP, 2011. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269192/1/Nader_JuliaMariaVieira_M.pdf. Acesso em 12 de outubro de 2018.

PEREIRA, M. C. C. **O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 143-157. Editora UFPR.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis, SC: UFSC, 2008.

OLIVEIRA, L A. **Fundamentos Históricos, Biológicos e Legais da Surdez**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011.

OLIVEIRA, DE. W. I. N, CARDOSO, S. L. **Recurso didáticos adaptados para alunos com surdez:** Sugestões compartilhadas por uma bolsista PIBID. Londrina, 2011. http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/NOVAS_TECNOLOGIAS/283-2011.pdf Acesso: 03, ago, 2017.

PADILHA, A. M. L. **Desafio para a formação de professores:** alunos surdos e ouvintes na mesma sala de aula? In: LODI, B. C. A, LACERDA, DE. F. B. C. Uma escola, duas línguas letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Cap. 7, p. 113-141. 2° Edição. Porto Alegre-RS: Editora mediação, 2010.

POKER, B. R. **Abordagens de Ensino na Educação da Pessoa com Surdez.** Notas de Aula. Unesp. 2002. https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec_texto2.pdf. Acesso em: 25/05/2017.

QUADROS, R. M. **Alfabetização e o Ensino da Língua de Sinais**. Canoas - RS, 2000. file:///C:/Users/Usuario/Downloads/888-2120-1-PB.pdf Acesso em: 19/07 2017.

QUADROS, R. M. SCHIMIEDT, M. L. P. **Recursos Didáticos**. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006, Cap. 3, p. 99-120.

RECH, G. C, SELL, F. S. F. **Formação do professor para a educação de surdos:** o que legislação prevê e o que as universidades oferecem. In: ROCHA, L. R. M; OLIVEIRA, J. P.; REIS, M. R. Surdez, Educação Bilíngue e Libras: Perspectivas Atuais. In: Cap. 6, p. 104-122. 1ª Edição. Curitiba: Editora CRV, 2016.

REIS, F**. O professor surdo.** In: Anais do Congresso INES: Múltiplos Atores e Saberes na Educação de Surdos. INES. Divisão de Estudos e Pesquisa – Rio de Janeiro. Mesas-Redondas: Profissionais surdos na pesquisa. p. 86-89, 2009.

REILY, L. H. **As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para Pré-escolares surdos**. Em I. R. Silva; S. Kauchakje & Z. M.Gesueli (Orgs.), *Cidadania, Surdez e Linguagem: desafios e realidades.* Cap. IX (pp.161-192). SP: Plexus Editora. 2003.

SILVA, S. A. **A Formação do professor para uma educação bilíngue.** In: ROCHA, L. R. M; OLIVEIRA, J. P.; REIS, M. R. Surdez, Educação Bilíngue e Libras: Perspectivas Atuais. In: Cap. 7, p. 122-137. 1ª Edição. Curitiba: Editora CRV, 2016.

SOARES, R. Q. de A. **A atuação do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez de Cascavel/Paraná na inclusão de crianças surdas na rede pública municipal de ensino**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2016.

SOARES, M. **LETRAMENTO:** Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, L.; FRANÇOIS, A. P. **Adaptações Curriculares para Aluno Surdo**. Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade, v. 1, p. 01-17, 2015.

SOARES, A. L, SILVA, A. P. A. **Adaptações Curriculares para Alunos Surdos.** 2015, Disponível em: http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/5%C2%BA%20Artigo%20para%20REVISTA%2015%20de%20LUCAS%20SOARES%20e%20ANA%20PAULA%20%20SILVA.pdf. Acesso: 03, agosto de 2017.

STROBEL, K**. Sistema Solar atividades bilíngues de Libras e Português.** Apostila. Coleção comemore. 2016.

STRÖBEL, K. L**. História dos surdos:** representações "mascaradas" das identidades surdas. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (org.) Estudos surdos II –, 2007. p. 18-37.

STROBEL, K. L, GLADIS, P. **Fundamentos da Educação de Surdos.** Florianópolis. 2008, p. 15. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/fundamentosDaEducacaoDeSurdos/assets/279/TEXTO_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf Acesso em: 17/07/2018.

SOUZA, M. M. P. **Voando com Gaivotas:** um estudo das interações na educação de surdos. 145 p. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Fortaleza, CE, 2008. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3541/1/2008_Dis_MMPSouza.pdf

SANTOS-F., J. C. dos.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa Educacional: Quantidade – Qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SHUBERT, S. E. M; SILVA, R. Q. **O trabalho do intérprete de libras educacional e a constituição do profissional entre significados e sentidos do ato interpretativo.** Anais do XIII Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. Disponível em:

http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25636_12184.pdf Acesso em 10 de outubro de 2018

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TAVEIRA, C. F. **Por uma didática da invenção surda:** prática pedagógica nas escolas-pilotos de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

TAVEIRA, C. C.; ROSADO, A. **O letramento visual como chave de leitura das práticas pedagógicas e da produção de artefatos no campo da surdez.** Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 174-195, set./dez. 2016. Acesso: 10 de agosto de 2018.

VASCONCELO, N. A. L. M. L, SANTIAGO, S. A. S, ROCHA L. R. M. **Necessidade e direito à escola bilíngue para surdos:** o discurso dos próprios sujeitos. In: ROCHA, L. R. M; OLIVEIRA, J. P.; REIS, M. R. Surdez, Educação Bilíngue e Libras: Perspectivas Atuais. In: Cap. 5, p. 90-103. 1ª Edição. Curitiba: Editora CRV, 2016.

APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Público-Alvo: professores surdos ou ouvintes das escolas APADA, ACAS, Escola Lucas Silveira – Educação infantil, Ensino Fundamental e EJA na Modalidade Especial.

Objetivo: Verificar se os professores que atuam nas escolas bilíngues para surdos estão conseguindo realizar adaptações didático-metodológicas para ensinar os surdos no Ensino Fundamental quanto à apropriação do conhecimento científico.

I. Identificação do Sujeito da pesquisa

1. Nome: 2. E-mail:

3. Disciplinas ministradas:

4. Formação:

( ) Graduação em: ( ) Mestrado em:

( ) Especialista em: ( ) Doutorado em:

II. Questões referentes à prática docente

1. Tempo de atuação como docente?

2. Tempo de docência no ensino fundamental com alunos surdos?

3. Tem alguma formação ou curso na área da surdez? Quais?

4. Fale sobre sua experiência e atuação como professor em escolas bilíngue para surdos.

5. Fale sobre a necessidade de realizar adaptações didática-metodológica no processo ensino e aprendizagem do aluno surdo.

6. Comente sobre sua experiência quanto à metodologia didática-pedagógica na apropriação dos conteúdos escolares, utilizando a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua.

7. Fale sobre uma experiência que lhe marcou quanto ao ensino-aprendizagem do aluno surdo, em que você precisou repensar a metodologia de ensino que estava utilizando.

8. Você acredita que as dificuldades de aprendizagem do aluno surdo estão relacionadas a diferenciação linguística Libras\Português e\ou as adaptações didático-metodológicas utilizadas pelo professor? Comente sobre.

9. Mediante a estrutura linguística Libras/Língua Portuguesa no processo ensino e aprendizagem do surdo, como você organiza seu planejamento didático-metodológico? 10. Fale sobre os avanços e limites quanto aos recursos didáticas-metodológicas para o ensino e aprendizagem do aluno surdo.

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: Adaptações Didático-Metodológicas para o Ensino de Surdos no Ensino Fundamental I

Pesquisador responsável: Katiuscia Wagner – (45) 999-279045
Pesquisador colaborador: Professor Dr. Clodis Boscarioli – (45) 99106-1973

Caro(a) professor(a), convidamos a participar de nossa pesquisa, permitindo a observação de suas aulas, bem como de uma entrevista semiestruturada, onde a pesquisadora estará realizando as perguntas em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, que posteriormente serão transcritas para o português, fielmente à sua falta.

Durante a execução do projeto, se em algum momento da entrevista, vossa senhoria decida suspender a participação no projeto, poderá fazê-lo incondicionalmente. Informações e alterações podem ser solicitadas ao pesquisador responsável. Para algum questionamento, dúvida ou relato de algum acontecimento os pesquisadores poderão ser contatados a qualquer momento.

Sua identidade não será divulgada e seus dados serão tratados de maneira sigilosa, sendo utilizados apenas fins científicos. Você também não pagará nem receberá para participar do estudo. Além disso, você poderá cancelar sua participação na pesquisa a qualquer momento. No caso de dúvidas ou da necessidade de relatar algum acontecimento, você pode contatar os pesquisadores pelos telefones mencionados acima ou o Comitê de Ética pelo número 3220-3092.

O TCLE será entregue em duas vias, sendo que uma ficará com o sujeito da pesquisa.

Declaro estar ciente do exposto e **desejo participar do projeto ou autorizo .....**a participar da pesquisa.

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável:

Assinatura: **.....**

Eu, Katiuscia Wagner, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

_____, _____ de _____ de _____.

ANEXO I – APROVAÇÃO DA PESQUISA NO CÔMITE DE ÉTICA

UNIOESTE - CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ADAPTAÇÕES DIDÁTICO-METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I
Pesquisador: KATIUSCIA WAGNER
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 78456517.0.0000.0107
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.359.671

Apresentação do Projeto:
ADAPTAÇÕES DIDÁTICO-METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Objetivo da Pesquisa:
Analisar as práticas relacionadas ao ensino de crianças surdas e a adaptação de materiais didáticos para esse fim.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Devidamente explicitados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
A pesquisa está dentro dos parãtros éticos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Estão devidamente apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Trabalho aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: UNIVERSITARIA
Bairro: UNIVERSITARIO **CEP:** 85.819-110
UF: PR **Município:** CASCAVEL
Telefone: (45)3220-3272 **E-mail:** cep.prppg@unioeste.br

UNIOESTE - CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_990381.pdf	06/10/2017 10:20:53		Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	06/10/2017 10:20:08	KATIUSCIA WAGNER	Aceito
Outros	TERMOAPASFIFOZ.pdf	06/09/2017 22:43:54	KATIUSCIA WAGNER	Aceito
Outros	TermoACAS.pdf	06/09/2017 22:43:03	KATIUSCIA WAGNER	Aceito
Outros	termoapada.pdf	06/09/2017 22:41:53	KATIUSCIA WAGNER	Aceito
Outros	TermodeCompromisso.pdf	06/09/2017 22:36:42	KATIUSCIA WAGNER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termosecretaria.pdf	06/09/2017 22:34:40	KATIUSCIA WAGNER	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	06/09/2017 22:32:27	KATIUSCIA WAGNER	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao.pdf	06/09/2017 22:28:37	KATIUSCIA WAGNER	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCL.pdf	06/09/2017 22:27:46	KATIUSCIA WAGNER	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	06/09/2017 22:26:39	KATIUSCIA WAGNER	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CASCAVEL, 31 de Outubro de 2017

Assinado por:
Fausto José da Fonseca Zamboni
(Coordenador)

Endereço: UNIVERSITARIA
Bairro: UNIVERSITARIO **CEP:** 85.819-110
UF: PR **Município:** CASCAVEL
Telefone: (45)3220-3272 **E-mail:** cep.prppg@unioeste.br

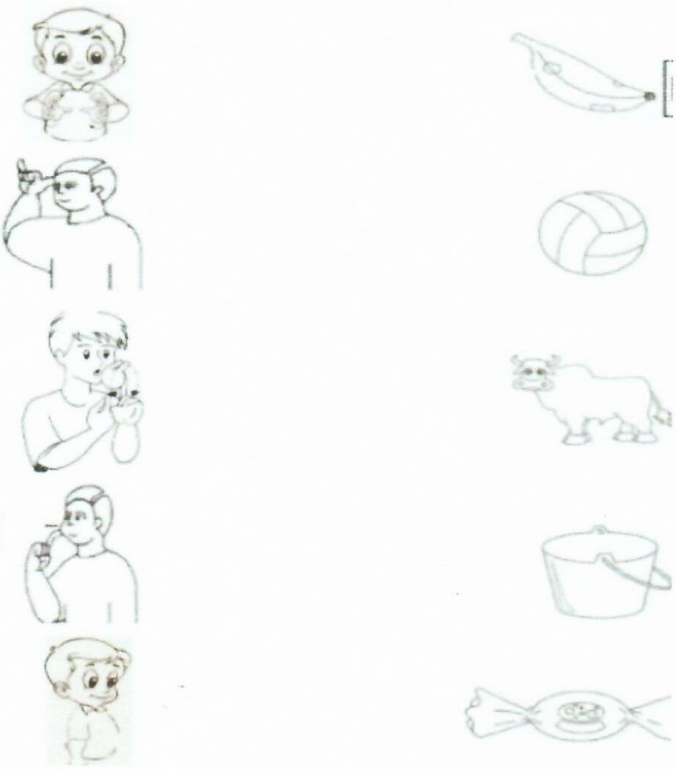
ANEXO II - PROVA APLICADA NA DISCIPLINA DE LIBRAS

Aluna :_____Ano:_____Data:_____

Professora:_____

Libras de prova:

!) Ligue os sinias:

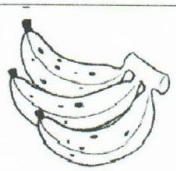


2) Escreve os nomes correspondentes ao sinal mostrado: -

_____ _____ _____

3) Ligue as frutas as sinais:

4) qual o nome da fruta

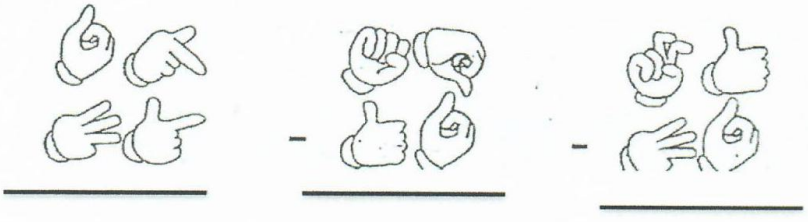
5) Observe os sinais e escreve o nome de sinal

( ) calor ( ) passar

( ) burro( ) coelho

( ) anjo( ) borboleta

6) resolva as operações:



7). Qual é a palavra que está escrita abaixo?

A) Eu não gosto libras

C) Ele gosto ler

B) Eu gosto libras

D) Ela não gosto ler

8) Escreve os nomes correspondentes ao sinal mostrado:

_____ _____ _____ _____